Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23222 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA TERÇA-FEIRA 17 ABRIL 90 60$00

Reuter

Mário Soares em entrevista exclusiva ao DL

O comunismo poderá tentar a sua contra-reforma

Mário Soares acredita numa reforma do comunismo: «Estamos a assistir a uma série de cismas, de negações e de abjurações surpreendentes. Mas, da mesma maneira que a Igreja se regenerou, nos séculos XVI e XVII, através do seu movimento de contra-reforma e, depois disso, evoluiu muito, admito que ao comunismo, como sistema, possa vir a suceder o mesmo», afirma o Presidente da República, em entrevista concedida ao DL.

Ao analisar esta «hipótese» que, salienta, «interessará mais aos comunistas do que aos que o não são, como eu», Soares refere que tudo depende «da evolução próxima da União Soviética e, porventura, da China Popular», sem deixar de referir que o comunismo «mantém-se intacto em muitos países», inclusivé na URSS «onde, aparentemente, dir-se-ia ter desaparecido».

Nesta longa entrevista, cuja publicação concluiremos amanhã, Soares analisa ainda as suas relações com a Imprensa internacional, a situação nacional e estrangeira e a evolução do regime.

Págs. 2, 3, 4 e 5

Rui Vasco

«Não sabemos ainda qual irá ser a evolução dos países da Europa Oriental e da Europa Central»

Glória é o nome da Rosa

Começa a ser trivial: uma vez mais a nossa Rosa Mota coloca Portugal no topo do mastro. Agora (pela 3.ª vez na mais antiga maratona mundial) aconteceu em Boston: o êxito da «menina da Foz» rendeu-lhe 7500 contos e um automóvel de luxo. Rosa triunfou com larga vantagem sobre a mais directa concorrente e, quando concluiu a corrida, limitou-se a dizer: *Fiz a minha prova, não me preocupei com mais nada que seguir as instruções do José Pedrosa.* Campeã olímpica, mundial e europeia, Rosa fica para a história como inédita trivencedora da famosa maratona norte-americana.

Pág. 25

Governo de novo completo

De remodelação em remodelação, o Governo está de novo completo.

«Tira, põe, rapa e deixa», «ambiente de crise», «esgotamento político do PSD» foram as reacções da Oposição à substituição de Oliveira Martins, no Ministério das Obras Públicas, por Ferreira do Amaral. Este último transita da pasta do Comércio, onde é substituído por Faria de Oliveira.

Pág. 6

Colóquio/DL começou esta manhã no Forum Picoas

O 25 de Abril revisitado pelos enviados especiais

Ministro Couto dos Santos:
«As tentativas de interferência política nos *media* portugueses sempre penalizaram eleitoralmente os seus autores»

«O 25 de Abril constitui um dos nossos referenciais históricos mais importantes e marca a entrada de Portugal na história contemporânea do pós-guerra» - afirmou Couto dos Santos, ministro Adjunto e da Juventude, na sessão de abertura do colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», uma iniciativa do «Diário de Lisboa».

Intervieram também nesta sessão António Ruella Ramos, presidente do Conselho de Administração do «DL» e Mário Mesquita, director deste jornal.

«O 25 de Abril na Imprensa francófona» foi o primeiro tema em análise. O colóquio decorre até quinta-feira, no Forum Picoas, em Lisboa.

Pág. 7

Hoje: Suplemento de Economia

DL

Mandela superstar em Wembley
Pág. 19

EUA ameaçam rever acordo comercial com a URSS
Pág. 10

A crónica de Umberto Eco
Pág. 9

Lotaria Popular
1.º - 260 459
2.º - 371 088
3.º - 319 482
4.º - 303 118
Pág. 13

GRANDE ANGULAR

«O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais» foi o pretexto para a entrevista que o Presidente da República concedeu ao «Diário de Lisboa». As relações de Mário Soares com a Imprensa internacional, a análise da situação política nacional e estrangeira e a evolução do regime português foram os temas abordados durante o encontro realizado no Palácio de Belém

Rui Vasco

«Portugal só interessou à imprensa estrangeira a partir do 25 de Abril»

DL - *Quando começou a ter contactos com os jornalistas estrangeiros em Portugal, no tempo do antigo regime?*

MS - No antigo regime, os meios de comunicação social estavam sujeitos à censura e ainda que os jornalistas fossem, na sua esmagadora maioria, da Oposição ou simpatizantes, não podiam publicar a mínima crítica. Não era assim, obviamente, com a Imprensa estrangeira. Nós procuravamos, através dos orgãos mais importantes da Imprensa internacional, furar a barreira de silêncio que havia relativamente a Portugal. Acho que o conseguímos em muitas oportunidades. Desde sempre, tentámos cultivar os meios da imprensa estrangeira. O Raúl Rêgo, nessa altura, era jornalista da Reuter, o que facilitava os contactos. Havia um jornalista da France Press, Gabriel Lacombe, e uma senhora que escrevia para os jornais ingleses, Miss Schercliff, que nos ajudavam bastante.

DL - *Está a referir-se ao pós-guerra?*

MS - Sim, estou a referir-me aos anos do pós-guerra até aos anos 60. Aprendi com o Norton de Matos a importância da Imprensa estrangeira. É daí que data o meu interesse pelos jornais e pelos jornalistas estrangeiros. Passei a considerar indispensável esclarecer a Imprensa estrangeira acerca de Portugal. Simplesmente, havia muito desinteresse, visto que a Imprensa estrangeira estava polarizada por outras preocupações e nós dávamos a imagem de um grande imobilismo, entalados entre a Espanha e o mar. Era uma terra onde nunca se passava nada.

Em todo o caso, a campanha de Norton de Matos foi bastante coberta pela Imprensa estrangeira. Depois, no tempo do general Humberto Delgado, ele voltou a ter a percepção de que era preciso penetrar os meios da imprensa estrangeira. Através dele, era possível chegar a Portugal. Frequentemente os portugueses sabiam de artigos publicados no estrangeiro através das críticas a esses artigos, embora eles não fossem transcritos. O general Humberto Delgado tinha alguns contactos na Imprensa internacional do tempo. Lembro-me de um jornalista da revista «Time», que foi expluso de Portugal e a «Time» proibida. Foi a partir dos anos sessenta que comecei a ter grandes relações com a imprensa internacional e a conviver, regularmente, com os correspondentes estrangeiros em Portugal.

O caso do Santa Maria foi uma operação de publicidade

DL - *Deduzo que o interesse por Portugal era mais evidente do lado anglo-saxónico - inglês e americano - do que do lado francês...*

MS - Do lado francês também começou a haver um grande interesse, sobretudo a partir da guerra colonial. Pelo meu lado, comecei a ser pólo de referência da imprensa internacional a partir do assassinato de Humberto Delgado. Foi o facto de ser advogado da família Delgado que me permitiu entrar melhor na Imprensa internacional.

Foi nessa altura, mais precisamente em 1965, que conheci, por exemplo, o Jean Daniel, director do «Nouvel Observateur» e Marcel Niedergang, do «Le Monde» ou Edouard Balby, do «L'Express». Mas, apesar disso, o interesse por Portugal nunca foi grande. Só se apaixonaram realmente pelo caso português a partir de 1974.

DL - *É, sobretudo, a partir do eclodir dos movimentos nacionalistas em África que aumenta a atenção da Imprensa estrangeira...*

MS - Foi com a campanha de Humberto Delgado e o seu assassinato, com o caso do Santa Maria, que foi uma operação de publicidade de primeira ordem, e, naturalmente, com a guerra colonial.

DL - *Destacaria alguns órgãos da imprensa internacional nessa época da luta contra o antigo regime?*

MS - Em Itália, falaria por exemplo um jornalista como o Sandro Viola, hoje no «República», que fez uma série de artigos importantes sobre Portugal; o «Monde», com Niedergang e o próprio «Figaro»; e, naturalmente, a Imprensa inglesa e americana. Contudo, o mais importante foram as agências: a «Reuter», dirigida então por Alec Joanides, um grego; a «Associated Press», pelo americano Schercliff e do «New York Times», Marine Howe.

DL - *No 16 de Março e no 25 de Abril aparecem artigos seus no Monde, na secção «Tribuna Livre». Qual era a sua estratégia de aproximação a esses órgãos interncionais?*

MS - Eu já tinha muito boas relações com os meios da Imprensa francesa antes de ir para o exílio e depois continuei a cultivá-las. Tinha contactos frequentes com jornalistas do «L'Express», do «Figaro», do «Monde», do «Figaro», do «Nouvel Observateur» e tentava, naturalmente, passar-lhes informações sobre o que ia acontecendo em Portugal. Mais tarde, também na rádio e na televisão. A pouco e pouco transformei-me numa espécie de referência para os jornalistas. A partir de 1965, quando um jornalista estrangeiro vinha a Portugal fazer uma reportagem -mesmo de língua inglesa, e eu aí tinha uma dificuldade manifesta visto que não falo inglês - era certo que ia ao meu escritório, o qual, por isso mesmo, estava sempre vigiado pela PIDE. Tive muitos dissabores por causa disso como, por exemplo, quando o «Sunday Times» revelou o caso do chamado Ballet Rose. Foi a razão próxima que me levou à deportação para São Tomé.

A partir do momento em que fui para o exílio, procurei intensificar os contactos com os jornais estrangeiros, principalmente franceses e italianos, mas também de língua inglesa e espanhola, estes, naturalmente, da América Latina. O «Estado de São Paulo» ajudou-me bastante naquele tempo. Colaborava regularmente com vários órgãos, com artigos sobre Portugal, como a revista «Ibérica» dirigida por Victoria Kent e que se publicava em Nova York e a revista «Nueva Sociedad», editada na Alemanha, para a América Latina.

Os políticos estrangeiros não acreditavam na queda do regime...

DL - *Esses jornais conseguiram prever a queda do regime em Portugal?*

MS - Muitos correspondentes tinham o sentimento de que Portugal estava a amadurecer para uma transformação, mas a verdade é que os políticos estrangeiros a não esperavam e nunca acreditaram nessas informações. Só a partir do 16 de Março, com o golpe das Caldas e com a publicação do livro de Spínola, é que, nas chancelarias europeias, se começa a pensar a sério na mudança de regime português. Mesmo assim, a longo prazo.

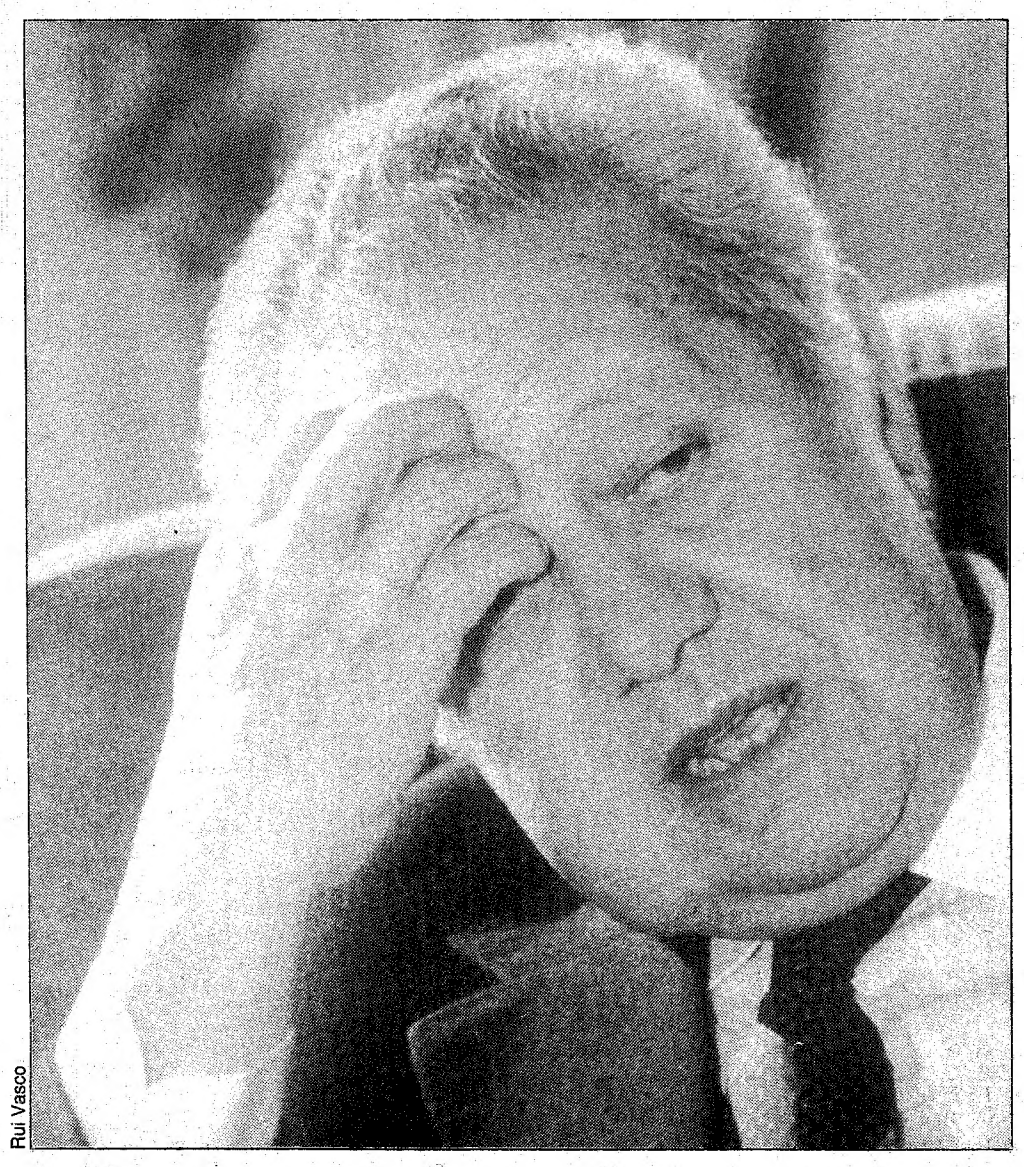
Eu estava na Alemanha em 25 de Abril a convite do SPD. Estive a convencer os meus interlocutores, durante toda a noite, de que se ia dar uma revolução a breve trecho em Portugal. Eles, pelo contrário, aconselhvam-me a contar com longos anos de exílio...

Dou-lhe outro exemplo. Escrevi uma carta-relatório a Callaghan, que era o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, chamando a atenção para a situação e para a necessidade de os trabalhistas nos ajudarem. Era óbvio que se ia passar qualquer coisa. Mais tarde, disse-me que só leu o meu relatório depois do 25 de Abril. Com Olof Palm passou-se mais ou menos a mesma coisa...

DL - *Depois, passa a haver maior interesse mas, curiosamente, é nesse período que começa a haver em relação a si algumas críticas e incompreensões. Como é que explica isso?*

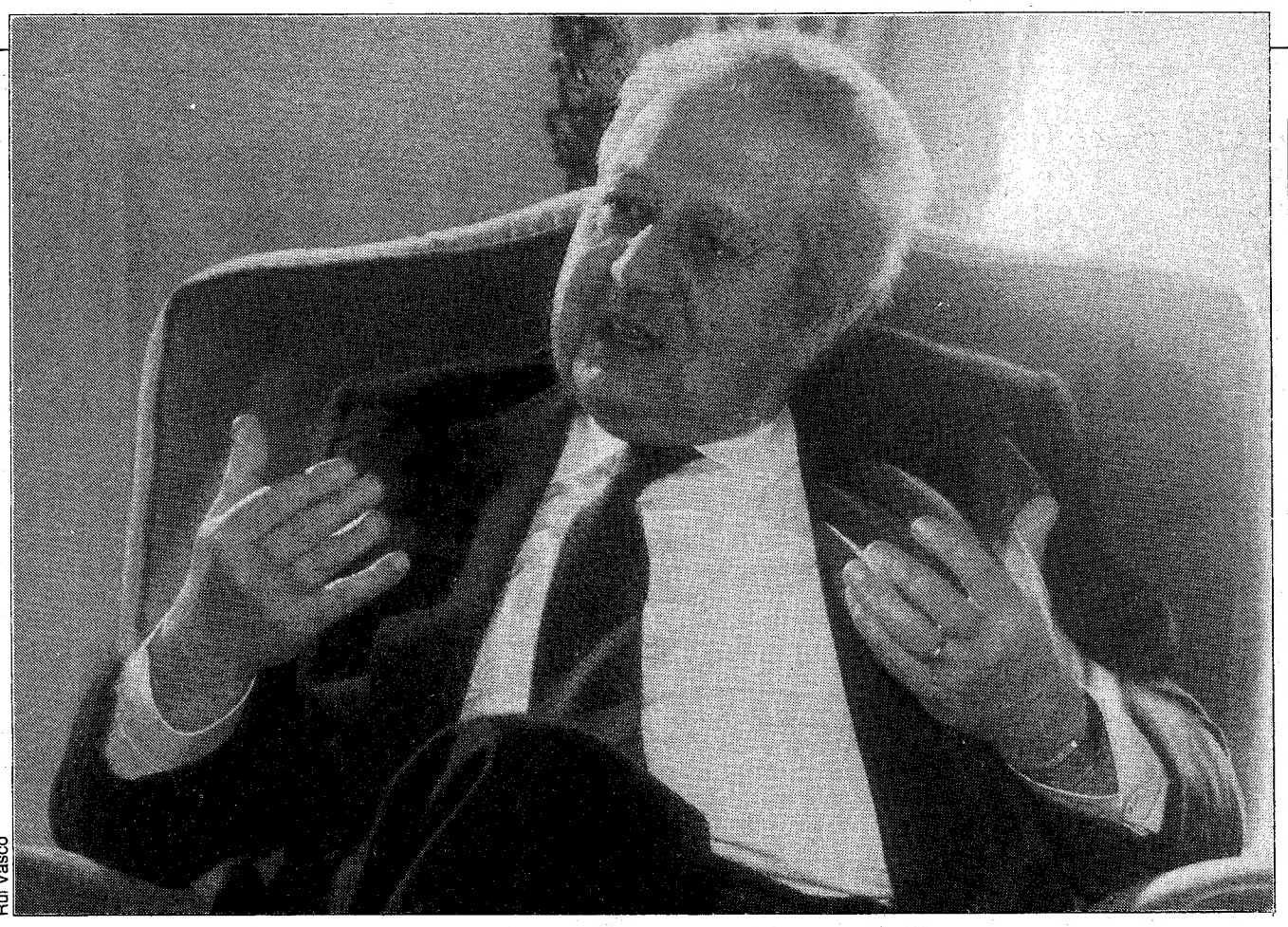
MS - Pela própria relação de forças existente na sociedade portuguesa de então. Essas incompreensões - como diz - começam no ano de 75, e não em 74. Em 74 foi a Revolução: fui recebido aqui com um grande entusiasmo, com uma grande cobertura da Imprensa internacional que, nessa altura, me era relativamente favorável. Admitia que eu seria uma das referências do futuro regime. À medida que o tempo foi passando e a Revolução tomou um carácter mais radical, os militares, instrumentalizados pelo PC, elegeram-me como alvo, alguém que era preciso arredar. Comecei a aparecer na sociedade portuguesa como o pólo que se opunha à Revoluçãode tipo marxista, conducente a uma espécie da democracia popular. Nesse sentido, começou a desenvolver-se uma campanha orquestrada de descrédito, identificando-me como um reaccionário, como uma pessoa de extrema-direita, feita com o antigamente, que seria como que o travão da Revolução.

Se hoje reler a Imprensa internacional da época, mesmo certos órgãos moderados em muitos aparecem distorcidas as minhas posições. Isso foi grave. Projectou no seio dos partidos políticos que, no plano democrático, era pressuposto me deveriam apoiar uma imagem errada a meu respeito. Quer na França,



Rui Vasco

«A Imprensa portuguesa fez progressos notáveis»



Rui Vasco

«Em 1975 começou a desenvolver-se uma campanha orquestrada de descrédito, identificando-me como reaccionário»

quer na Itália quer na Alemanha, quer nos países nórdicos, passei a ser considerado, mesmo por camaradas meus, como alguém que não queria compreender a Revolução em curso.

DL - *Por exemplo no caso do «Monde», que na altura do 25 de Abril o trata como alguém que já conhece, de quem é amigo, como é que explica que em 1975 se torne extremamente crítico em relação a si, tendo em conta que não se trata de um jornal constituído por pessoas ingénuas...*

MS - Pelo contrário. É um jornal formado por profissionais altamente competentes. Tive ocasião de dizer ao director do «Monde» de então, Jacques Fauvet, que, se quiser um dia fazer um teste relativamente à qualidade da sua informação no que respeita a Portugal - e não me estou a referir aos grandes artigos de opinião de correspondentes que vinham cá, e que normalmente estavam

canos também têm as suas queixas relativamente ao «Monde». Penso que tudo isso tem a ver com os correspondentes. Considero um grande erro que os correspondentes de jornais estrangeiros sejam nacionais do país em que se encontram e que, sobretudo, se deixem envolver emocionalmente na política nacional. É um erro fatal.

DL - *Terá havido, antes, uma «desfocagem» essencialmente francesa provocada pela dificuldade em conciliar o Programa Comum da Esquerda com a evolução registada em Portugal (mais concretamente com a linha política do PCP)?*

MS - Admito que sim. Que tenha havido leituras interessadas francesas da realidade portuguesa.

DL - *Para si ficou em causa a credibilidade do «Monde»?*

MS - Não. Continuo a ser um leitor diário do «Monde» e não está em causa a sua credibilidade genérica.

leitor e de homem político que mantinha uma relação próxima com a Imprensa estrangeira?

MS - A Imprensa portuguesa fez progressos notáveis e cumpriu o seu dever de forma genérica. Evidentemente, acusando aqueles mesmos desvios que afectaram o resto da sociedade portuguesa. A Imprensa é o reflexo da sociedade, que representa e retracta. A seguir ao 25 de Abril houve um desvio de esquerda em Portugal e pessoas que até aí eram as mais moderadas apareceram, subitamente, como as mais esquerdistas. Isso falseou também os dados de observação acerca do comportamento de alguns órgãos de informação e a oscilação de outros.

A Imprensa reflectiu também todas as contradições do processo português que foi muito complexo e muito contraditório. Muitos jornalistas não tinham a sólida formação democrática que seria necessária para atravessar um tal processo sem graves inflexões. Hoje, temos uma perspectiva larga de dezasseis anos e podemos rever os acontecimentos com uma visão serena e objectiva do que foram as lutas da época. Mas não há dúvida nenhuma que a Imprensa portuguesa reflectiu geralmente bem as contradições, os exageros e os desvios do próprio processo que - não o esqueçamos - foi de tal maneira desgastante que as principais figuras políticas foram quase todas engolidas ou devoradas no caminho...

DL - *Se tivesse de dar alguns conselhos a um jovem político sobre o seu relacionamento com a Imprensa, o que lhe diria?*

MS - Não sou inclinado a dar conselhos: vejo-me mal na pele de conselheiro. De resto, não me isento de culpas no relacionamento com a Imprensa. A autocrítica que faço é que, algumas vezes, como quase todos os políticos, não resisti à tentação de instrumentalizar a Imprensa. Não me isento dos pecados que aponto nos outros. Estava numa luta difícil, de vida ou de morte política. Foram empregues contra mim, muitas vezes, armas de grande eficácia e eu, evidentemente, procurava defender-me a atacar, utilizando o mesmo tipo de armas. Em momentos difíceis, fiz fogo com o material que tinha à mão. Nesse sentido, não me isento de culpas, que as tenho e grandes, em matéria de relacionamento com a comunicação social.

O que eu diria a um jovem político? Que procure ter compreensão e respeito pela pela comunicação social. Evidentemente, os homens da comunicação social não estão acima de toda a suspeita, nem para além do bem e do mal. Estão sujeitos às mesmas falhas e defeitos humanos de todos os outros intervenientes no processo social. É, no entanto, necessário que os políticos compreendam que a Imprensa tem o dever de contestar o poder, porque a liberdade alicerça-se na contestação do poder. Quem tem o poder ou uma parcela do poder é normal que seja objecto de contestação. Os políticos devem ter, em relação a essa realidade, pele de elefante, não podem ser particularmente sensíveis. Hoje já sou capaz de ler um artigo contra mim, mesmo feito com manifesta má-fé ou desonestidade intelectual, atribuindo-me coisas sem nenhum fundamento, o que tantas vezes acontece, sem ficar especialmente irritado. Mas nos meus começos da minha vida política não era assim. Ficava irritado e reagia no mesmo estilo. Grande erro! Quando um político reage contra um jornalista normalmente perde,

Continua na pág. 4

«Quando um político reage contra um jornalista normalmente perde, porque os jornalistas têm armas que os políticos não possuem - têm sempre a última palavra»

certos, mas à pequena notícia do dia-a-dia que ia acompanhando e comentando os acontecimentos - verificará que o «Monde» se enganou quase sempre. Escreveu quase sempre, em matéria de previsões, o contrário do que efectivamente se passou.

Porque aconteceu isso? Eu, antes da Revolução, considerava o «Monde» como uma espécie de Bíblia. Lia-o com o respeito de quem está a conhecer a verdade. Depois, passei a interrogar-me se nos outros países não se terá passado algo de semelhante. Vim a saber que os espanhóis e os latino-ameri-

Quando mandaram grandes correspondentes a Portugal analisar *sur place* a situação, fizeram peças globalmente correctas; a pequena notícia ou o pequeno comentário pontual do dia-a-dia é que apareciam geralmente inquinados e distorcidos.

Os jornalistas têm armas que os políticos não possuem...

DL - *Depois do 25 de Abril, começou a ter relações de outra natureza com a Imprensa portuguesa. Já não havia a censura. Como analisa a evolução da Imprensa portuguesa e do jornalista português, a partir da sua experiência que tinha de*

D O C U M E N T O

Dois dias depois do 25 de Abril, Mário Soares, então exilado em Paris, onde exercia funções de docente na Sorbonne, escrevia em «Le Monde», na qualidade de dirigente socialista, o artigo que transcrevemos na íntegra e em que assinalava os sintomas da nova situação

Uma nova dinâmica

Os acontecimentos militares de quinta-feira, dia 25 de Abril, representam uma reviravolta que se pode qualificar de histórica, em Portugal. A rendição incondicional do Governo de Marcelo Caetano à Junta de Salvação Nacional; a explosão de alegria popular que se seguiu; a publicação de jornais sem estarem submetidos à censura prévia; o assalto de manifestantes à sede da polícia política, a célebre PIDE-DGS, responsável por inumeráveis crimes, são factos que correspondem às aspirações mais profundas do povo português. É por isso, aliás, que esse mesmo povo, submetido a quarenta e oito anos de regime ditatorial do tipo fascista, desceu às ruas de Lisboa e gritou: Vitória! Vitória! Liberdade! Democracia!

O processo que conduziu à intervenção das Forças Armadas na vida política vem de longe. Começou por reivindicações de carácter profissional e, em breve, desembocou em verdadeiras reivindicações políticas. Foi a guerra colonial - com as suas dificuldades e horrores -, foi a crise económica e moral que assola o País que provocaram esta tomada de consciência irreversível. A sua primeira manifestação pública foi a revolta da guarnição das Caldas da Rainha, em 16 de Março, logo seguida pela detenção de certos oficiais e pela divulgação clandestina de comunicados do Movimento das Forças Armadas, afirmando que a luta prosseguiria até à instauração de um regime democrático em Portugal.

Na sua primeira declaração ao País, a Junta afirmou desejar restabelecer a normalidade democrática, a curto prazo, e organizar «eleições livres». Estas intenções, louváveis em si, pressupõem a legalização dos partidos políticos, sem discriminações, a instituição de um autêntico sufrágio universal, um novo recenseamento eleitoral, a supressão da censura, o desmantelamento da PIDE-DGS e uma amnistia geral para a totalidade dos presos políticos e, como é óbvio, dos desertores da guerra colonial.

É verdade que, no fulcro de todos os problemas, subsiste o da guerra colonial. A Junta tem mantido silêncio a este respeito. Poder-se-á admitir que queira demonstrar, neste domínio, uma certa prudência táctica, para não encorajar o espírito separatista que defende uma independência branca, ultra-racista, para as colónias; seria a pior das aventuras para esses territórios e para todos aqueles que ali vivem. Mas não se pode iludir o problema. Apenas o reconhecimento do direito à autodeterminação e à independência dos povos africanos - e o reconhecimento do Estado da Guiné-Bissau -, poderá conduzir à abertura imediata de negociações políticas com os movimentos de libertação, a fim de assegurar a paz, e salvaguardar as vidas e os interesses legítimos das populações, tanto africanas como europeias.

Após a intervenção do Exército para derrubar o Governo fascista e colonial de Marcelo Caetano, houve a intervenção popular que apoiou as tropas aos gritos de: «Abaixo o fascismo!.» É uma nova dinâmica que se desencadeou na vida política portuguesa.

O povo português não pode deixar de pensar, neste dia nascido memorável, que se virou uma página triste da sua História. A partir de agora, quer - e deve - participar no processo político nacional. Para nós, socialistas, a organização política do ímpeto popular e a afirmação de unidade dos partidos democráticos constituem tarefas essenciais. Para quê? Para assegurar um rápido desenvolvimento económico e social do País, uma verdadeira justiça social e o respeito da comunidade internacional, num clima de paz cívica, de liberdade e de tolerância.

Mário Soares
Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Tradução de Isabel Joyce
27 de Abril de 1974

Mário Soares a propósito da Roménia

«Os políticos não são escuteiros: eu próprio utilizei o Ceausescu...»

Continuação da pág. 3

porque os jornalistas têm armas que os políticos não possuem - têm sempre a última palavra.

A RTP não deve apoucar o órgão Presidente da República

DL - *Criticou recentemente a informação da RTP. A apreciação que faz é conjuntural ou geral? E não acha que, ao criticar a RTP por não cobrir actos do Presidente da República, pode ser acusado de estar a instrumentalizar a RTP?*

MS - Pessoalmente - sublinho a palavra - não me sinto mal tratado pela televisão. O cidadão Mário Soares não se sente nem bem nem malm tratado pela televisão. Tem, naturalmente, as suas opiniões sobre a televisão - que, julgo, não diferem das do comum dos cidadãos - mas como Mário Soares é Presidente da República pensa ser seu dever não exprimir tais opiniões.

A questão situa-se noutro ângulo. A figura do Presidente da República - qualquer que ele seja - é emblemática para o conjunto dos seus concidadãos, é um ponto de referência constitucionalmente, representa o País, na ordem interna e externa. Os portugueses têm, assim, interesse em saber aquilo que faz, aquilo que diz, e como se relaciona com as pessoas que o visitam, estrangeiros ou nacionais. Como serviço público, a televisão deve noticiar objectivamente as intervenções públicas e as actividades do órgão de soberania unipessoal Presidente da República e não silenciá-las ou apoucá-las, com imagens distorcidas É tudo.

DL - *Considera isso porque estamos perante um serviço público de televisão, ou acha que uma televisão privada deveria ter o mesmo comportamento?*

MS - Naturalmente que um serviço público tem outras obrigações que não teria uma estação privada. Isso é evidente.

DL - *Poderíamos ter a sua posição relativamente à concessão de um canal para a Igreja? Direitos de uma maioria, ou privilégio insustentável em democracia?*

MS - Eis uma questão sobre a qual não devo pronunciar-me, visto que vou ter de o fazer, nos termos da Constituição, no momento próprio, ou seja, quando a Lei me for enviada para promulgação, depois dos debates em curso na Assembleia. Até receber tal legislação, e a poder estudar, tenho de manter o dever de reserva.

DL - *Nos últimos tempos, vemos, nos países de Leste, o ressurgir em força da Igreja Católica; no Brasil surgem emissões televisivas religiosas. Face à derrocada do chamado comunismo, face ao fundamentalismo que se apresenta nos países islâmicos, iremos assistir a uma espécie de confronto entre o fundamentalismo do Islão e um fundamentalismo católico?*

MS - As Igrejas, quer a católica quer a protestante, têm feito uma evolução muito grande. Estamos longe dos séculos de intolerância ou das guerras religiosas. Não acredito no fundamentalismo da Igreja Católica, o que não quer dizer que não haja fundamentalistas na Igreja. Mas a Igreja institucional tem evoluído no sentido da tolerância e do respeito pela verdeira mensagem evangélica. Essa é a direcção desde o o Concílio do Vaticano II e penso que se vai acentuar. Pelo contrário, o fundamentalismo islâmico preocupa-me muito. Sou por essência contrário a todos os fundamentalismos e a todas as formas de fanatismo. Respeito as opiniões dos outros e, por isso, não gosto nada que tentem impor-me opiniões que não perfilho, ou a quem quer que seja.

Estamos a assistir a uma série de cismas...

Quanto à questão da «derrocada» do comunismo, creio que estamos a assistir a um fenómeno que tem algumas analogias com o que se passou no momento da reforma, no século XVI.

Estamos a assistir a uma série de cismas, a negações e abjurações surpreendentes. Mas, da mesma maneira que a Igreja se regenerou, nos séculos XVI e XVII, através do seu movimento da contra-reforma e, depois disso, evoluiu muito, admito que ao comunismo, como sistema, possa vir a suceder o mesmo. É uma hipótese que eu ponho e que, naturalmente, interessará mais aos comunistas que aos que não o são, como eu. Não há dúvida que o «socialismo real» e aquilo que nós conhecemos como o resultado prático, efectivo, da ideologia comunista, nos países em que chegou ao poder, não serve. Isso é uma constatação universal. isto é: que hoje toda a gente faz e não pode deixar de fazer. Mas será que não se pode reformar? Eis uma questão que, em grande parte, depende da evolução próxima da União Soviética e, porventura, da China Popular.

DL - *Reformar nesses países, a partir do Estado? Reformar como ideologia, criando uma nova ideologia marxista, ou reformar como ideologia do Estado, a partir de Moscovo ou de Pequim?*

MS - Não sei. Talvez como ideologia e como sistema de poder. Põe-se o problema de que o comunismo, como ideologia, parece hoje contestado pelos próprios que o tentaram aplicar. Mas o comunismo, como sistema de poder, mantém-se intacto em muitos países, inclusivamente na URSS, e está mesmo a manter-se onde, aparentemente, dir-se-ia ter desaparecido. Não sabemos ainda qual irá ser a evolução dos países da Europa Oriental e da Europa Central...

DL - *A sua impressão, então, é que tem havido uma precipitação na análise feita pela comunicação social em relação a esse fenómeno...*

MS - Não digo que tenha havido precipitação. O que defendo é que poderá por-se, como hipótese de trabalho, a ideia de que talvez se tivesse andado depressa demais quando se pretende que o comunismo desapareceu. A verdade é que o sistema de poder que o comunismo representa ainda não desapareceu e muitas das suas instituições mantêm-se intactas. Será capaz de se reconstituir? É uma questão em aberto que será objecto de muita reflexão. Muita água passará sob as pontes até que cheguemos a ter uma ideia clara a tal respeito.

> «Acho que todos os Estados têm direito à sua própria soberania e a serem defendidos da intervenção dos mais poderosos, seja qual for a razão invocada»

Os nacionalismos agressivos serão digeridos pela democracia

DL - *Entretanto, assistimos ao exarcebar dos nacionalismos, à desconfiança face aos partidos, ao surgir de tentações totalitárias a Leste e, no Ocidente, ao fortalecimento dos partidos de direita, ao proliferar de manifestações racistas. A Europa está a caminho da paz ou está a caminho de novos confrontos ?*

MS - Penso que se o movimento para a democracia se acentuar na Europa - como espero - os problemas criados por um certo revivalismo de um nacionalismo agressivo deixam de ter importância. Serão «digeridos» pela própria democracia. Penso que se a paz na Europa, e o sistema a ela inerente, tiverem como princípio a manutenção e o respeito das fronteiras actuais, muita violência se evitará. Se os anos de penúria, de frustração e de opressão que viveram os povos da Europa Central e Oriental, sob o comunismo, ensinaram alguma coisa a esses povos, não vão entrar em movimentos caóticos de violência, porque rapidamente perceberão que tais impulsos não levarão a lado nenhum. Se assim for, tenho uma visão optimista para o futuro próximo. Obvimente que não é nada fácil, para países que desconhecem o que seja a economia de mercado, que não têm estruturas modernas de produção e em que o Estado até agora representou tudo, de repente, desembaraçarem-se desses sistemas. Vão ser obrigados a percorrer um caminho difícil, lento, contraditório. Mas estou, apesar disso, optimista. A liberdade opera milagres...

DL - *Apesar de tantos ses...*

MS - Apesar de tantos ses... Como sabe, sou optimista por natureza. Tenho uma visão do mundo e do homem que me leva a ter confiança no progresso e na condição humana. Acredito no valor da liberdade e nas energias criadoras que põem em movimento. Essa é a minha visão das coisas. Tem-me dado força para lutar nos momentos mais difícieis. Encontrei nos países da Europa de leste muitas pessoas que partilham desse mesmo estado de espírito. Veja os exemplos do professor Geremek ou do Vaclac Havel.

Uma consciência aguda das responsabilidades alemãs

DL - *Não está apreensivo com as consequências da reunificação da Alemanha na balança europeia, designadamente com a hipótese de uma hegemonia germânica na CEE?*

MS - A unificação da Alemanha é hoje uma realidade de natureza política e económica - uma realidade *de facto* e não *de jure*. A integração da antiga RDA na Comunidade Europeia insere-se, portanto, na lógica das coisas: é inelutável. E ainda bem que a Comunidade existe e pode integrar a Alemanha unida: é a única forma desse colosso de 80 milhões, com um potencial económico prodigioso, aceitar os constrangimentos políticos e económicos que a aceleração da Comunidade lhe imporá. Por isso, para mim, a resposta correcta à nova situação geoestratégica criada pela unificação da Alemanha está na aceleração da unidade europeia, nos termos propostos por Jacques Delors.

Com uma Comunidade Europeia em expansão e, naturalmente, sujeita a novos equilíbrios internos, não vejo perigo de hegemonização germânica da CEE. Não esquecendo ainda que a Alemanha é um Estado democrático e descentralizado, em vários *landes* e que os seus dirigentes têm uma consciência aguda - que não escondem - das responsabilidades alemãs no desencadear das duas últimas guerras mundiais.

DL - *Estarão reunidas as condições que permitam prever a curto ou médio prazo a extinção da NATO e do Pacto de Varsóvia?*

MS - O Pacto de Varsóvia, pela força da evolução democrática dos países que o integram, não pode deixar de estar em grandes dificuldades. A NATO é diferente. Foi - e é - uma aliança defensiva de países livres, à qual se deve, seguramente, 45 anos de paz ininterrupta na Europa, apesar de todas as divisões. Obviamente que se o mundo avança seriamente - como parece ser o caso - para uma política de paz, com o desmantelamento dos blocos político-militares, a Nato será forçada a evoluir, acentuando as suas vertentes políticas em detrimento das militares. É cedo ainda para se dizer como vai ser. Mas não é cedo - considero mesmo oportuno - que o tema comece a ser seriamente discutido. O que, de resto, já está a suceder nas instâncias competentes.

DL - *Depois de Auschwitz, depois de Gulag e das revelações recentes sobre a Roménia ainda considera válida a ideia de «progresso»? Nos seus discursos tem surgido com frequência a noção mais fraca de modernidade*

MS - Naturalmente que considero. As abjecções a que se chegou no nosso século, no sentido da opressão do homem, impostas pelos regimes totalitários - sejam eles fascistas, nazis ou comunistas - nunca me fizeram descrer do progresso, nem da eminente dignidade da pessoa humana. Os levantamentos cívicos a que assistimos, nos últimos meses, nesse aspecto, são altamente consoladores e demonstram que as causas generosas, cedo ou tarde, triunfam sempre. Simplesmente, o progresso nunca é linear. Segue uma linha sinuosa, às vezes contraditória, mas ascendente. A crença no progresso e no homem é um dos traços que distingue a esquerda da direita...

A modernidade é outra coisa: é a aceitação das grandes transformações científicas e tecnológicas que marcam o nosso tempo e que postulam novos desenvolvimentos económicos, sociais e culturais. Ao contrário do que diz, não me tenho cansado de apelar aos meus compatriotas para se abrirem à modernidade e trabalharem em conformidade com ela para o progresso do País e bem-estar de todos os portugueses.

Uma certa hipocrisia comum à vida internacional...

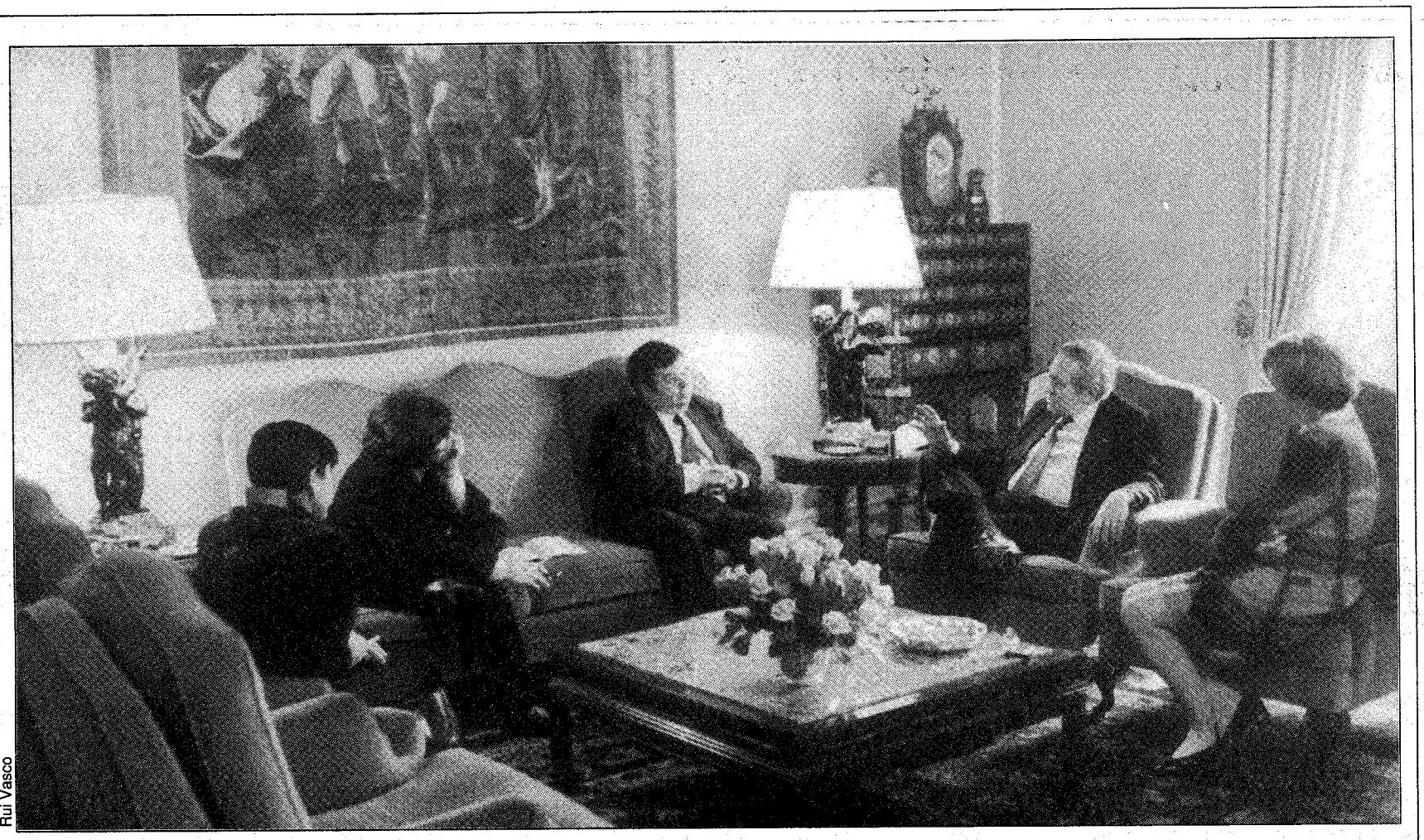
DL - *Aquando dos acontecimentos na Roménia, norte-americanos e franceses chegaram a pôr a hipótese de uma necessária intervenção soviética. E falaram do* devoir d'ingérence. *Em sua opinião, há alguma diferença objectiva entre esse* devoir d'ingérence *e a soberania limitada?*

MS - Sou contra a teoria da soberania limitada. Fui contra quando foi desenvolvida por Brejnev, a propósito da invasão da Checoslováquia e sê-lo-ei noutras circunstâncias , seja quem for que se aproprie do conceito. Não deixei de dizer, embora discretamente, que achei mal a intervenção americana no Panamá. Considero que, mesmo por boas razões, não se devem pôr em causa os princípios do direito internacional e, naturalmente, também não sou favorável a que se diga, apressadamente, apesar da situação trágica existente na Roménia: «entrem lá os carros russos.» Tratar-se-ia de um precedente muito perigoso. Mesmo invocando boas causas, nunca se deve pôr em risco a observância dos princípios. Portanto, eu sou contra a teoria da soberania limitada dos Estados. Acho que todos os Estados têm direito à sua própria soberania e a serem defendidos da intervenção dos mais poderosos, seja qual for a razão invocada.

DL - *Porquê assim no Panamá e não assim em Granada?*

MS - A situação de Granada foi diferente. O Povo estava impedido de exercer o seu direito à auto-

GRANDE ANGULAR



Rui Vasco

«Pessoalmente, não me sinto mal 'tratado pela televisão»

determinação política. Estava a ser oprimido por forças que sobre ele exerciam uma enorme violência interna e institucional. Foi uma operação obviamente discutível, mas feita com pinças e sem desgastes humanos. Foi uma coisa diferente da aventura de entrar num país para derrubar um regime que existe, de facto ou de direito. Aí havia - tanto quanto me lembro - uma situação em que um partido tinha uma posição eleitoral maioritária mas que tinha sido impedido de exercer o poder pela força. Criaram-se condições para que o Povo exercesse a sua autodeterminação efectiva.

DL - *Ainda a Roménia. A forma como a questão romena foi encarada, a seguir à queda do regime e à execução do presidente Ceausescu, não revela, quer da parte dos políticos quer dos órgãos de informação, uma dose considerável de hipocrisia? A Roménia, ao longo de anos, foi elogiada e apresentada como exemplo de independência nacional face aos soviéticos. Subitamente, há uma reviravolta em que esse Ceausescu, outrora tido como herói da independência nacional, é transformado numa espécie de criminoso de direito comum. Não há em tudo isto qualquer coisa de excessivo?*

MS - Entendo que tem razão quando fala numa certa hipocrisia, que é comum, infelizmente, à vida internacional. Mas, da mesma maneira que a literatura não se faz apenas com bons sentimentos, a política também não. Não se deve fazer com maus - repare - mas não se faz, rigorosamente, apenas com bons sentimentos. Os políticos não são propriamente *boy-scouts*.

Para dizer a verdade, eu próprio utilizei, de certa maneira, o Ceausescu. Procedi de forma, digamos, universal, de acordo com os interesses de Portugal. Como ministro dos Negócios Estrangeiros defendi que a Roménia e a Jugoslávia deviam ser dos primeiros países socialistas escolhidos para com eles restabelecer relações diplomáticas. E não a União Soviética, como queria o dr. Cunhal. Porque eram precisamente dois países que, apesar de tudo, tomavam as suas distâncias em relação à URSS.

Nessa época, o mundo estava irremediavelmente dividido entre a URSS e os EUA. Não pude deixar de ser sensível a que, numa altura em que estava aqui em luta frontal político-ideológica com o PC, e os comunistas romenos e os jugoslavos se fizessem representar nos congressos socialistas e se afirmassem contrários às posições dos comunistas portugueses.

Naturalmente que eu aproveitei isso, sem ilusões. Nunca aceitei passar férias à Roménia, apesar de insistentemente convidado. Mas fui lá duas vezes como secretário-geral do PS e fiquei elucidado. Não obstante reconhecer que no mundo comunista, que nessa altura constituía um bloco rígido, a Roménia era uma falha que podia jogar a nosso favor. Eu utilizei essa falha. Isso faz parte das regras do jogo político. Mas é inegável que havia aí uma certa dose de hipocrisia. Nessa altura, na França e noutros países ocidentais, estimulou-se muito Ceausescu, deu-se-lhe mesmo um certo apoio na medida em que ele batia o pé aos russos em matéria de política internacional. No conflito entre os russos e os chineses, Ceausescu colocou-se numa posição independente, porventura mesmo pró-chinesa. Com isso enfraquecia o bloco comunista. Agora que ele era um ditador abominável, era; que conduziu a Roménia a uma desgraça absoluta, conduziu; e que aquilo que se passou foi uma tragédia terrível, também foi. Mas não está ainda claro. Enquanto se pode dizer que o processo na Checoslováquia é mais ou menos linear, ninguém percebe ainda muito bem o que se passou na Roménia, nem como vai evoluir.

DL - *Já tinha essa ideia que ele era um ditador abominável?*

MS - Tinha, sem sombra de dúvida. Mas agora fundamentei-a ainda mais, se possível.

Nenhum problema com a China por causa de Macau

DL - *Face aos últimos acontecimentos em Macau, considera que as autoridades portugesas estão preparadas para levar a bom termo a passagem do território de acordo com os acordos firmados com a China, e não corremos o risco de qualquer acção que ultrapasse as nossas possibilidades e leve a China a intervir por vacatura de poder no território?*

MS - Toda a gente sabe que a China é um continente, com um bilião e tal de seres humanos e Macau um território minúsculo, ali ao lado. Ninguém pode ter ilusões a esse respeito. Obviamente que se não se observarem as regras e não se confiar nos acordos internacionais, não temos força para impor aos chineses os nossos pontos de vista. A China, até agora, sempre respeitou, nas suas relações com Portugal, os compromissos assumidos. Teve sempre um comportamento correcto connosco. Nós também. E, justamente, o essencial da nossa força reside em cumprirmos escrupulosamente os nossos próprios compromissos, para termos razão e podermos exigir dos outros que os cumpram também. Foi o que, até agora, sucedeu. Os acontecimentos recentes não têm a ver com a China. Enviei duas pessoas a Macau para estudarem a situação e me fazerem um relatório sobre o que se está a passar - o chefe da minha Casa Militar, general Carlos Azeredo e o coronel Manuel Monge. Não há qualquer motivo para pensar que a evolução de Macau não venha a processar-se de acordo com o que ficou previsto na Declaração Conjunta Luso-Chinesa. Tem havido contactos entre Portugal e a China e não há nenhum contencioso nem nenhum problema com a China por causa de Macau.

DL - *A questão reside na possibilidade de Portugal garantir a sua parte no cumprimento dos acordos.*

MS - Nós, dentro de Macau, garantiremos e temos todas as condições para o fazer. Sempre em colaboração e cooperação com a China, naturalmente.

DL - *Poderia haver forças interessadas em provocar uma evolução diferente na situação de Macau?*

MS - Não vejo quem. De qualquer forma estaremos atentos. Não seria prudente fazer conjecturas sem dispor de elementos concretos. Neste momento a situação é calma e não há indícios que possa deixar de o ser. Os portugueses de Macau, bem como os chineses que aí trabalham, têm todo o interesse em que as coisas evoluam nos termos estipulados na Declaração Conjunta.

Apesar de tudo, foi útil a visita do Papa a Timor

DL - *Podia-nos fazer o ponto da situação em Timor e dos nossos esforços relativamente à situação em Timor?*

MS - A situação em Timor não tem progredido muito. A visita do Papa, apesar de tudo, foi útil na medida em que suscitou uma grande curiosidade e atenção sobre Timor. Nós temos vindo a manter uma actividade constante e em todos os *fora* a que temos acesso denunciamos a Indonésia por não reconhecer a Timor-Leste o direito à autodeterminação e à independência, consignado na Carta das Nações Unidas. Num momento em que a democracia progride em todo o Mundo, é evidente que não podemos deixar de admitir que, um dia, a Indonésia venha a ser também um país democrático. Nesse dia, o problema da autodeterminação de Timor Leste põe-se de outra maneira, em termos completamente diferentes. Terá que ser reconhecido como um direito normal consignado na Carta das Nações Unidas. Estão em curso negociações no quadro das Nações Unidas e sob e égide do secretário-geral para que uma delegação de deputados portugueses possa ir a Timor-Leste, em missão de observação. Vamos ver o que ocorrerá. Quanto ao resto, as posições são conhecidas. Por meu lado, penso que Portugal deve manter-se numa linha estrita de defesa dos princípios. É no reconhecimento do direito internacional que está a razão da nossa força e a força da nossa razão.

DL - *Não será esta visita dos deputados uma aceitação de facto da transformação de Timor numa província indonésia?*

MS - É óbvio que não. Serão tomadas todas as precauções para que ninguém possa pensar isso. Nem os deputados portugueses aceitariam ir noutras condições.

Moderadamente optimista quanto á África do Sul

DL - *Enquanto membro do Governo teve que fazer face ao êxodo de portugueses de Angola e Moçambique. Neste momento o país está pronto a fazer face a um êxodo - se este vier a verificar-se - de portugueses da África do Sul ou de Macau?*

MS - Neste momento, há mais portugueses a regressarem do Zaire do que da África do Sul. Não creio que haja razões para provocarem tal êxodo. Bem pelo contrário. Estou moderadamente optimista quanto à evolução previsível da África do Sul. De qualquer maneira, nunca seria nada de semelhante ao que nós tivemos que suportar nos anos de 75 e 76. Tivemos então de absorver um milhão de portugueses. As condições de hoje são diferentes. Temos muito mais capacidade do que tínhamos na altura. Podemos, por isso, tranquilizar os nossos compatriotas e dizer-lhes que aqui têm sempre o seu lugar. Mas faremos tudo para evitar que isso venha a acontecer. Como lhe disse, estou convencido que, em relação à África do Sul isso não acontecerá. Nelson Mandela tem-se revelado um homem muito responsável e consciente, com grande conhecimento das realidades africanas. Percebeu que é indispensável que a África do Sul tenha uma evolução não traumatizante e está a tentar tudo para o conseguir. No interesse de ambas as comunidades. Do outro lado, de Klerk tem tido a capacidade e a coragem de se impor aos seus próprios apoiantes e de ter começado a liquidar a odiosa política do «apartheid.» É o que realmente tem estado a fazer. Estou convencido que um e outro vão ser capazes de impor respeito às alas mais radicais e violentas dos seus partidos. A evolução da África do Sul para um sistema plurirracial não pode pôr em causa os equilíbrios económicos existentes na África do Sul a fim de se aproveitarem as potencialidades de toda a área. Se assim for - como espero - Portugal tem aí um importante papel a jogar. Os portugueses não terão que regressar. Relativamente a Macau, também não.

Entrevista de:
Diana Andringa, Dina Soares e Mário Mesquita

Amanhã

A evolução do regime politico português - 2ª parte da entrevista com o Presidente Mário Soares

COLÓQUIO/DL

O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais

Organizado pelo «Diário de Lisboa»

Forum Picoas, 17, 18 e 19 de Abril

Terça-feira, 17 de Abril

9.30 - Sessão de abertura
Preside à sessão o ministro **Couto dos Santos**

- **António Ruella Ramos**
Presidente do Conselho de Administração do Diário de Lisboa
- **Mário Mesquita**
Director do Diário de Lisboa
- **António Couto dos Santos**
Ministro Adjunto e da Juventude

10.30 - **PAINEL** O 25 DE ABRIL NA IMPRENSA FRANCÓFONA

- Moderador: **José Leite Pereira**

Comunicações:
- **Colette Braeckman** (Le Soir)
- **Georges Dupoy** (Quotidien de Paris)

11.00 - Pausa-café

11.15 - **José Manuel Nobre Correia**
(Universidade Livre de Bruxelas)

11.30 Comentários:
- **António Barreto**
(deputado à Assembleia da República)
- **Jean-Pierre Clerc** (Le Monde)
- **M. Bettencourt Resendes**
(Diário de Notícias)

13.00 - Intervalo

15.00 - **PAINEL** A PENÍNSULA IBÉRICA, DA DITADURA À DEMOCRACIA
Preside à sessão a presidente da Associação dos Jornalistas Estrangeiros, **Jill Jollif**

- Moderador: **Rui Camacho**

Comunicação:
- **Marcel Niedergang** (Le Monde)

Comentários:
- **Artur Portela**
(Conselho de Comunicação Social)
- **Fernando Piteira Santos**
(Universidade Clássica de Lisboa)
- **Vicente Jorge Silva**
(Público)

16.30 - **Pausa-café**

17.00 - Debate

18.00 - Encerramento da sessão.

Quarta-feira, 18 de Abril

9.30 - **PAINEL** PORTUGAL 1974-1990
Preside à sessão o presidente da direcção da Associação 25 de Abril, **Vasco Lourenço**

Comunicações:
- **Dominique Pouchin** (Libération)
- **Werner Herzog** (Tages Anzeiger)

Comentários:
- **Acácio Barradas** (Diário de Lisboa)
- **Fernanda Mestrinho**
(Diário de Lisboa)
- **Francisco Bélard** (Expresso)
- **Fernando Assis Pacheco** (O Jornal)

11.00 - Pausa-café

11.15 Comunicações:
- **André Pautard** (L'Express)
- **Joelle Kuntz**
(Radio-Télevision Suisse Romande)

Comentários:
- **Dinis de Abreu** (Diário de Notícias)
- **José Carlos de Vasconcelos**
(Jornal de Letras)
- **José Rebelo** (Le Monde)
- **José Silva Pinto** (O Jornal)

13.00 - Intervalo

15.00 - **PAINEL** A PERSPECTIVA DO JORNALISMO RADIOFÓNICO E TELEVISIVO
Preside à sessão o presidente da direcção da Casa da Imprensa, **Manuel Gonçalves da Silva**

Comunicações:
- **Hans Huebner** (WDR)
- **Ramon Font** (TVE)
- **Susannah Ross** (BBC)

Comentários:
- **Diana Andringa** (DL)
- **Manuel Ricardo Ferreira** (RTP)

16.30 - Pausa-café

16.45 - **Emídio Rangel** (TSF)
- **Adelino Gomes** (Público)
- **Maria Elisa*** (RTP e Marie Claire)

18.00 -Encerramento da sessão

Quinta-feira, 19 de Abril

9.30 - **PAINEL** OS ACONTECIMENTOS DE 1974-1975 NA IMPRENSA NORTE-AMERICANA E PORTUGUESA
Preside à mesa o presidente da Direcção do Sindicato dos Jornalistas, **João Mesquita**

Comunicações:
- **Henry Giniger** (New York Times)
- **Onésimo Teotónio de Almeida**
(Universidade de Brown)
- **Steve Broening** (Baltimore Sun)

Comentários:
- **Bernardino Gomes** (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento)
- **Joaquim Letria** (Sábado)
- **Nelson Traquina**
(Universidade Nova de Lisboa)

11.00 - Pausa-café

11.15 - **PAINEL** PERCEPÇÕES SOVIÉTICAS DE PORTUGAL 1974-1975, ANTES E DEPOIS DA GLASNOST

Comunicação:
- **Vadim Poliakovsky** (Za Rubejom)

Comentários:
- **Alexandre Zditovetsky** (Novosti)
- **Carlos Fino*** (RTP)
- **Carlos Gaspar**
(Política Internacional)
- **Álvaro Vasconcelos** (Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais)

13.00 - Intervalo.

15.00 - **PAINEL** A REVOLUÇÃO DE ABRIL NO PANORAMA EUROPEU
Preside à sessão o Presidente da República, **Mário Soares**

- Moderador: **João Paulo de Oliveira**

Comunicação:
- **André Fontaine,**
(director de Le Monde)

Comentários:
- **Francisco Pinto Balsemão**
(Presidente do Conselho de Administração do «Expresso»)
- **José Medeiros Ferreira**
(Universidade Nova de Lisboa)
- **Mário Mesquita** (Diário de Lisboa)

16.30 - Intervenção do Presidente da República, **Mário Soares**

17.00 - Palavras de encerramento do colóquio:
António Ruella Ramos,
presidente do Conselho de Administração do «Diário de Lisboa»

A participação dos comentadores assinalados com * está ainda sujeita a confirmação

Com o patrocínio da LISGRÁFICA, S.A.

Apoios: BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo e Instituto de Promoção Turística.

ENTRADA LIVRE

POLÍTICA

Governo muda outra vez

Ferreira do Amaral transita Faria de Oliveira regressa

Joaquim Ferreira do Amaral vai substituir Oliveira Martins na pasta das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, dado que o Presidente da República deu o seu acordo à «mexida» governamental mais recente que lhe foi apresentada por Cavaco Silva. Faria de Oliveira, ex-secretário de Estado adjunto de Miguel Cadilhe, substitui Ferreira do Amaral à frente do Ministério do Comércio e Turismo.

Assim se cumpriu uma tradição ainda recente, mas provada, que mantém desde 2 de Janeiro os jornalistas em estado de alerta: depois de um feriado, muda o Executivo.

Acresce que as remodelações são feitas, desde o princípio do ano, com a «prata da casa» ou com ex-responsáveis do Governo de Cavaco Silva.

De uma cajadada

Tinham passado ao lado da remodelação de Janeiro as fricções entre Ferreira do Amaral e Mira Amaral, este na pasta da Indústria. A canalização do investimento estrangeiro para Portugal, feita por Ferreira do Amaral ao centralizá-lo no ICEP, gerou um conflito tão negativo como chorudo de competências.

De uma cajadada, Cavaco Silva «matou» dois problemas: o da súbita necessidade de substituir Oliveira Martins e o de colocar um ponto final na polémica surda que volta e meia aflorava em notícias nunca desmentidas.

Fontes próximas de Ferreira do Amaral consideram uma promoção esta mudança de cargo, uma vez que o poder que as grandes verbas conferem é bastante maior e o novo ministério vai gerir projectos de grande alcance político, desde as polémicas sobre estradas contestadas cá e na CEE, como a Via do Infante, até à polémica separação entre CTT e TLP, numa tentativa controversa de interpretar o «Livro Verde» da CEE quanto a telecomunicações.

Dois percursos

Ferreira do Amaral esteve à cabeça do Ministério do Comércio e Turismo desde o acto de posse do XI Governo Constitucional. Antes, tinha sido secretário de Estado das Indústrias Extractivas e Transformadoras, no V Governo Constitucional, tendo sido secretário de Estado da Integração Europeia no VII Governo Constitucional.

Antes de ter sido secretário de Estado-adjunto de Miguel Cadilhe, no Ministério das Finanças, Fernando Manuel Faria de Oliveira tinha sido, ainda neste Governo, responsável pelo Tesouro e Finanças. No VIII Governo Constitucional foi secretário de Estado da Exportação e ocupou o cargo de secretário de Estado-adjunto do vice-primeiro-ministro, no X Governo.

As reacções partidárias

O primeiro partido político a reagir a esta «mexida» foi o PCP, que em comunicado disse que as alterações no Executivo confirmam «o ambiente de crise, desagregação e falta de perspectivas que rodeia o Governo do PSD».

O PCP sublinhou «a notável polivalência de Ferreira do Amaral, que lhe permitirá levar para os Transportes, Comunicações e Obras Públicas a experiência já obtida em cargos ministeriais tão afins como o Comércio e o Turismo».

António Guterres, do PS, em declarações ao «DL», considerou que «o prof. Cavaco Silva já não faz remodelações, faz apenas circulações no seu Governo. As mesmas caras vão aparecendo sucessivamente nos diversos ministérios revelando uma completa incapacidade para encontrar novas figuras ainda dispostas a apostar no PSD». Para o dirigente socialista «é já muito reduzido o grupo de amigos a que o prof. Cavaco Silva pode recorrer. Esta é a prova mais evidente do esgotamento político do PSD, da sua maioria e do seu líder».

O CDS, pela voz de Narana Coissoró, é de opinião de que «apesar de tudo quanto se disse no último Congresso é visível que o prof. Cavaco Silva se encontra isolado com o seu próprio grupo e cada vez mais reduzido quanto à base de recrutamento para membros do seu Governo. Mais uma vez teve que recorrer à velha técnica de 'tira, põe, rapa e deixa' dentro das mesmas pessoas».

Redacção DL/Lusa

Couto dos Santos na abertura do Colóquio DL

Sem a intervenção dos *media* não há fenómeno político de interesse público

«Não há fenómeno político de interesse público sem a intervenção dos *media*»— disse, esta manhã o ministro Adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, ao discursar na sessão de abertura do colóquio promovido pelo DL no Forum Picoas, sobre «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», que até quinta-feira reúne em Lisboa jornalistas de vários países, autores, há dezasseis anos, de reportagens acerca da Revolução dos Cravos, ora como enviados especiais, ora como correspondentes sediados no nosso País.

O ministro Couto dos Santos apresentou seis reflexões, a dezasseis anos de distância de um dos nossos «referenciais históricos mais importantes, que marca a entrada de Portugal na história contemporânea dos pós-guerra: a primeira tem a ver com o comportamento cívico-político dos portugueses («deram ao mundo uma lição»), a segunda com a capacidade que demonstraram de encontrar respostas para novos desafios — aqui, Couto dos Santos citou, designadamente a luta «contra a ditadura de direita e o totalitarismo marxista-leninista», a democratização, a descolonização, a integração na CEE, a autonomia regional e a criação de «um clima de confiança política» — ,a terceira com as inovações que o 25 de Abril trouxe à prática política de um sistema democrático — «os pormenores da cultura política da sociedade portuguesa neste período excederam os manuais de Ciência Política» —,a quarta com o impacte da Revolução na Europa acelerou a queda do franquismo e «a vitória sobre o marxismo-leninismo foi um sinal de alarme à Europa de que algo poderia acontecer nos sistemas comunistas» — ,a quinta com o papel da Comunicação Social portuguesa e a sexta com a evolução dos *media* no pós-25 de Abril.

A propósito do papel da Comunicação Social, afirmou o ministro que ela teve «um papel decisivo na luta pela liberdade e pela democracia durante o processo revolucioonário que se seguiu ao 25 de Abril» e manifestou a convicção de que «o défice da prática política e do exercício democrático que afectava o povo português foi, em certa medida, colmatado pelo trabalho pedagógico dos *media* nacionais e, em especial da Imprensa»

Reportando-se à evolução dos *media* nos pós-25 de Abril, Couto dos Santos referiu-se à fase da intervenção do Estado nos meios de Comunicação Social, «período em que os profissionais da Informação estiveram sujeitos às pressões de grupos de interesse político e económico», mas «souberam resistir a todos os tipos de interferências» derivadas deste «erro político», as quais «sempre penalizaram eleitoralmente os seus autores», e à situação actual, caracterizada pelo processo de privatização dos *media*, com o surgimento de interesses financeiros, «pondo em causa, por vezes, os princípios fundamentais que devem estar subjacentes» a qualquer projecto informativo.

Eurico Vasconcelos

Couto dos Santos: «O 25 de Abril não estará realizado enquanto o povo de Timor-Leste não for livre»

«Estas evoluções geraram nos jornalistas um maior empenho na defesa da ética e do brio profissional, e na defesa dos interesses de classe» - asseverou o ministro que se interrogou ainda sobre o papel dos *media* na sociedade contemporânea e perante os novos valores que emergem do exercício da democracia.

«Hoje, o valor público da decisão política depende tanto do seu conteúdo como da forma como a Comunicação Social apresenta essa decisão. A actividade política sem os *media* assemelhar-se-ia a uma mera sucessão de actos administrativos» — disse Couto dos Santos, que esclareceu do mesmo passo não atribuir aos media «omnipotência e omnisciência, porque acredito no pluralismo e na liberdade de expressão, e porque os grandes desafios se ganham no campo das ideias e do debate público de opiniões».

Olhando o futuro imediato, o ministro vê o poder político e os grupos de pressão sentindo-se «inconfortáveis nas cadeiras do Poder, procurando agir através de um namoro sistemático e da interferência indirecta» nos meios de Comunicação Social:

«Um jogo complexo e difícil se avizinha, onde só a qualidade dos jogadores (os jornalistas) e o rigor do árbitro(a opinião pública) serão o garante de que a democracia vencerá». Dirigindo-se especialmente aos profissionais da Informação, o ministro Adjunto e da Juventude apelou à «consciência para o rigor, a isenção e a verdade», concluindo:

«Nunca permitam que homens de letra minúscula sejam jornalistas».

Ruella Ramos

Valeu a pena

«Só quem sofreu a humilhação e a frustração, a violência moral de uma censura total, arbitrária e estúpida, castradora do pensamento e da palavra, pode avaliar a alegria do fim de décadas de obscurantismo» — disse António Ruella Ramos, presidente do Conselho de Administração do «Diário de Lisboa», primeiro orador da sessão inaugural do colóquio.

As expectativas criadas pela Revolução de Abril foram, todavia, parcialmente goradas, concluiu Ruella Ramos, no caso concreto do DL («jornal que teve uma vida atribulada antes do 25 de Abril, por nunca ter estado comprometido com o regime»), porque «a liberdade de Imprensa não lhe trouxe a prosperidade nem a tranquilidade, muito antes pelo contrário».

«As perturbações que se seguiram - explicitou o presidente do C. A. do «Diário de Lisboa» — ,as lutas partidárias pela conquista do Poder dentro do jornal, a queda da publicidade, os aumentos incontrolados de preços e de salários, as dificuldades de gestão, tudo isso amargou a alegria da liberdade e enfraqueceu ainda mais um jornal que já havia entrado fraco no regime democrático».

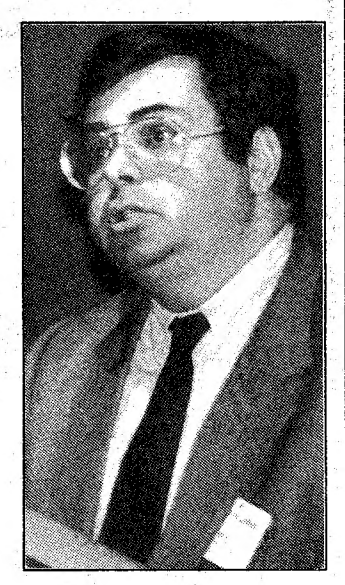
No entanto, «é impossível dizer que não valeu a pena — frisou Ruella Ramos —,e se é certo que outras liberdades foram conquistadas nesse Abril já hoje distante, a verdade é que a da Imprensa é a primeira de todas», porque «sem ela tudo pode acontecer: a tirania, a injustiça, a discriminação». Desde que se saiba usá-la.

É o caso do «Diário de Lisboa», explicou o seu principal accionista, que, «nesta sua nova fase, tem procurado seguir com grande rigor uma linha de isenção e de verdade, num ambiente de qualidade cultural e literária que tem como referência a melhor tradição deste já velho jornal». Orientação compensadora, pois, como Ruella Ramos disse, «o esforço e a obra de Mário Mesquita e dos jornalistas do 'Diário de Lisboa' foram reconhecidos pela esmagadora maioria dos leitores que nos fazem chegar as suas opiniões, extremamente positivas».

A «grande aposta de recuperação» não está, porém, ainda vencida, preveniu o orador: «O jornal não tem sido contemplado pela publicidade, receita fundamental para levar a bom porto esta iniciativa, e confronta-se, tal como os demais diários, com a redução do apoio do Estado, que atinge este ano níveis perfeitamente ridículos.»

Mário Mesquita

Revolução aberta ao futuro



«A dezasseis anos de distância, será mais fácil o confronto com os demónios adormecidos de uma Revolução que conta, entre outros méritos, o de ter ficado ambígua e inacabada — ou seja, aberta ao futuro» — afirmou Mário Mesquita.O director do «Diário de Lisboa» disse que nunca a Imprensa internacional se ocupou tanto do nosso País como nos anos 1974-75 e lembrou que o 25 de Abril («possivelmente a última narrativa jornalística revolucionária da Europa no séc. XX») «alterou no plano internacional diversos equilíbrios»:

«Repercutiu-se, de imediato, nas então colónias portuguesas de África e, mais tarde, de forma trágica, em Timor. Na vizinha Espanha, ajudou a acelerar a transição para a democracia pós-franquista. Ameaçou pôr em causa o equilíbrio Leste-Oeste e, nessa medida, influenciou o debate político na Europa do Sul.»

«O golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 continha, no seu interior, vários projectos políticos antagónicos entre si, desde a mera substituição dos dirigentes políticos com vista a salvar o regime e o império, até à Revolução com maiúscula, de inspiração leninista. Os paralelismos históricos difundidos pela Imprensa internacional não tinham fim(...) A pouco e pouco, os *media* apropriaram-se desta Revolução atravessada por tantos projectos contraditórios».

«Que admira - perguntou Mário Mesquita - se, nos dez anos subsequentes, o papel da Imprensa nacional e estrangeira continuou a ser tema de debate?(...) Talvez mereça por isso o debate e a reflexão que terão lugar ao longo deste colóquio — debate e reflexão que correspondem também ao nosso modo de comemorar o início de uma nova era política em Portugal, pondo fim ao salazarismo. O director do «DL» concluiu o seu discurso, agradecendo a presença dos participantes, à Administração do jornal e às entidades patrocinadoras do colóquio, designadamente a Lisgráfica, a José Rebelo, de «Le Monde», que colaborou na organização, a Bernardino Gomes, da Fundação Luso Americana pelo apoio concedido; e ao Presidente da República e ao ministro Couto dos Santos, e presidentes da Associação 25 de Abril, Sindicato dos Jornalistas, Casa da Imprensa e Associação dos Jornalistas Estrangeiros que se associaram a esta iniciativa do «DL.»

BREVES

Cavaco Silva na Áustria e Irlanda

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, visitará oficialmente a Áustria.É já amanhã que o chefe do Governo chega a Salzburg onde manterá encontros com o chanceler Franz Vranitzsky, com o governador daquela província e com o presidente da Câmara. A adesão austríaca à CEE, a paz na África Austral, as relações bilaterais e a nova Europa serão os temas das conversações entre os dois políticos. No dia 28 de Abril, Cavaco Silva parte para Dublin onde participará na reunião extraordinária do Conselho Europeu.

Ministro da Saúde refuta críticas do PS

O ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho considerou que «o método de avaliação do trabalho ministerial por um período de 100 dias é o chamado método pintas-silguista». Comentando as declarações do delegado nacional do PS para a Saúde, Correia de Campos, o ministro disse que o Governo «não avalia o seu trabalho dia-a-dia nem anda a reboque do PS». Arlindo de Carvalho sublinhou que a «equipa do Ministério da Saúde tem um plano de acção perfeitamente definido e considera que o nervosismo do PS em relação a esta área é um sinal revelador dos resultados positivos que o Governo vem conseguindo.»

Sindicato dos Jornalistas e FIJ pedem veto de Soares

Os Sindicato dos Jornalistas e a Federação Internacional de Jornalistas solicitaram ao Presidente da República que não promulgue a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Como argumento o Sindicato dos Jornalistas invoca o facto de esta legislação não garantir a independência do novo órgão, enquanto que o representante da FIJ manifesta, em carta enviada ao Chefe de Estado, a sua preocupação face a esta proposta que «ignora os problemas urgentes que decorrem das questões de política dos *media*».

PRD: de demissão em demissão...

Ivo Pinho e Humberto Sertório pediram a demissão da Comissão Directiva provisória do PRD por «divergências» com o líder, Pedro Canavarro. A demissão de Humberto Sertório foi apresentada a Canavarro depois de Ivo Pinho ter tomado idêntica posição. Carlos Lilaia, presidente da Comissão Organizadora da Convenção, deverá encontrar-se esta tarde com o presidente Pedro Canavarro, ao qual dará a conhecer o andamento dos trabalhos preparatórios da reunião magna do PRD, marcada para Junho.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$90	52$90
ALEMANHA FED. (marco)	87$65	88$85
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$049	4$299
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$30	128$80
(notas de 5 a 1000)	126$80	129$30
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA (peseta)	1$344	1$464
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$40	150$90
(notas de 5 a 1000)	147$90	151$40
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	26$10	26$80
HOLANDA (florim)	77$85	78$95
IRLANDA (libra)	236$70	240$70
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$881	$936
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	241$50	246$00
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$65	100$15
VENEZUELA (bolívar)	2$629	3$429

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Em versão revista e já aprovada pela Assembleia Legislativa

Estatuto Orgânico de Macau é hoje votado no Parlamento

O Estatuto Orgânico de Macau, na sua versão revista e rectificada pela Assembleia da República, vai ser votado hoje, em S. Bento, consubstanciando as linhas fundamentais da filosofia e ordenamento constitucionais vigentes em todo o espaço nacional. Nomeadamente, a redistribuição de competências operada por este Estatuto retira grande parte da anterior discricionaridade do governador, para legislar sobre direitos e garantias individuais, passando-a para a reserva absoluta de competência da instância legislativa por excelência, a Assembleia Legislativa de Macau, à semelhança do que já acontece nas relações entre o Governo e o Parlamento nacionais.

O diploma foi primitivamente objecto de discussão e votação na Assembleia Legislativa, posto o que foi submetido à Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias para lhe introduzir as alterações que viabilizassem a sua passagem no Parlamento sem problemas de maior. Estavam em causa, principalmente, questões de inconstitucionalidade de que enfermava e que o Parlamento fez questão de expurgar antes de colocar o seu «placeat» no diploma.

Em sede de Comissão Parlamentar, o Estatuto Orgânico sofreu, assim, profundas alterações que foram devolvidas a Macau para apreciação. Vistas, de novo, na Assembleia Legislativa, em fins de Março, todas as propostas da Assembleia da República foram acolhidas e corporizadas no diploma cuja versão final vai ser hoje medida a votos no plenário admitindo-se que possa recolher a unanimidade dos votos em S. Bento.

O palácio do governador perdeu pontos a favor da sede do poder legislativo

O Estatuto consagra a autonomia orgânica de Macau, implicando uma importante transferência de poderes e competências para os órgãos legislativo, executivo e judicial locais. O Parlamento da República passa apenas a controlar as matérias que a Constituição lhe atribui como reserva absoluta de competência.

Fica também salvaguardada a possibilidade de resolver eventuais conflitos de competências entre as instituições da República e as instituições do território prevalecendo as primeiras em questões essenciais como os direitos, liberdades e garantias individuais. Nesse caso de conflito de competências, é pivilegiada a competência da Assembleia da República, salvo se «tida em conta a situação especial do território», não houver «colisão essencial» com a legislação de Macau.

Pelo novo Estatuto Orgânico, compete em exclusivo ao governador desenvolver as leis de bases dos órgãos de soberania da República; mas os deputados à Assembleia Legislativa, num mínimo de seis, podem pedir a ratificação de todos os decretos-leis emanados do governador, nas cinco sessões posteriores à sua publicação.

Compete, também, ao governador, ouvido o Conselho Consultivo e em caso de ameaça grave ou perturbação efectiva da ordem pública em qualquer parte do território, tomar as providências necessárias adequadas ao seu pronto restabelecimento. Se for necessário suspender ou limitar temporariamente o exercício de direitos, liberdades e garantias constitucionais o governador fica obrigado a consultar previamente a Assembleia Legislativa e a comunicar ao Presidente da República todas as decisões neste domínio.

Reforçada a competência da Assembleia Legislativa

É competência essencial da Assembleia Legislativa vigiar o cumprimento das regras constitucionais e estatutárias nacionais e requerer a apreciação pelo Tribunal Constitucional das normas dimanadas do governador e eventualmente feridas de inconstitucionalidade. Cabe-lhe, ainda, fazer leis sobre matérias não compreendidas na reserva absoluta da Assembleia da República e definir as linhas gerais da política social, económica, financeira e administrativa do território.

Como acontece no Continente em relação à Assembleia da República, é a Assembleia Legislativa que autoriza o governador, pela via orçamental, a realizar despesas, recolher receitas e contrair empréstimos. Compete-lhe também votar moções de censura ao Governo do território.

Pelo Artigo 31º, um dos que mais controvérsia suscitou na Assembleia da República, dado o previsto na primitiva versão do diploma, é da competência da assembleia macaense legislar sobre o estado e capacidade das pessoas e seus direitos, liberdades e garantias, assim como definir o regime geral de crimes e penas e respectivas sanções penais. Só a AL pode, no entanto, autorizar o governador a legislar sobre o regime de prisão preventiva, as buscas domiciliárias, o sigilo das comunicações privadas e as penas indeterminadas ou regimes de segurança.

O território de Macau dispõe de organização judiciária própria, dotada de autonomia e adaptada às suas especificidades, mas as bases do sistema judiciário são definidas pela Assembleia da República.

A TDM, a Teledifusão de Macau, e a Rádio transmitem, em directo, a sessão de hoje da Assembleia da República que esta tarde vota o Estatuto daquele território.

Daniel Reis

Governo vai rever Lei das Finanças Locais

O Governo vai proceder ainda este ano à revisão da Lei das Finanças Locais, apresentando na Assembleia da República uma proposta nesse sentido - anunciou ontem em Lisboa o secretário de Estado do Planeamento e da Administração do Território.

Nunes Liberato, que falava no Clube de Jornalistas, na sessão de apresentação do livro «A Imagem das Autarquias Locais», elaborado pelo departamento que dirige, escusou-se a adiantar pormenores em relação às alterações que o Executivo pretende ver introduzidas naquele diploma.

O secretário de Estado deu, porém, a entender, que não será contemplada uma das mais importantes reivindicações da Associação Nacional de Municípios, o aumento da percentagem orçamental a inscrever no Fundo de Equilíbrio Financeiro, o principal instrumento de transferência de verbas da Administração Central para a Local. Liberato adiantou, por outro lado, que o Governo tenciona, no próximo ano, elaborar a Lei dos Solos.

Cidadão conhece mal as autarquias

A obra ontem apresentada aos jornalistas insere quatro sondagens realizadas por iniciativa da secretaria de Estado entre Abril de 1988 e Janeiro de 1989, relativas à imagem do poder local junto dos munícipes. Do manancial de informação inserido nos estudos de opinião apresentados, embora seja legítima a afirmação de que o cidadão tem do poder local uma imagem razoavelmente boa, a verdade é que o dado mais patente é o desconhecimento.

Alguns exemplos apenas. Nada menos de 78 por cento dos inquiridos no estudo de Novembro de 1988 revelam desconhecer as iniciativas das autarquias. Na sondagem de Julho desse ano, 80 por cento afirmam desconhecer a existência da Associação Nacional de Municípios e 85 por cento dizem o mesmo em relação a actos ilícitos de presidentes de câmara. Finalmente, questionados acerca do montante concedido pela Administração Central às autarquias (estudo de Janeiro de 1989), 56 por cento dos inquiridos desconhece a resposta.

Os quatro estudos, cuja utilidade se mede pela diversidade das informações recolhidas, avançam outros dados de grande importância. Permitem concluir, por exemplo, que 54 por cento dos portugueses considera eficaz a actuação das câmaras - percentagem que sobe a 60 no caso das juntas de freguesia. Que 46 por cento são favoráveis ao aumento dos poderes das autarquias. Que a maioria dos cidadãos defende que as edilidades deviam prestar mais atenção às condições das estradas e ruas e ao saneamento básico.

O cruzamento das respostas relativas à interferência do Governo nas autarquias fornece informações curiosas. 39 por cento dos questionados (em Abril de 1988) considera que o Executivo interfere, mas 52 por cento acham positiva a atitude. No caso dos jovens e idosos (mais de 54 anos) essa percentagem sobe a 60 por cento.

Redacção «DL»

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

A ORGIA DOS ESTEREÓTIPOS

Nem mais. Quer dizer, proponho-me, claramente, trazer a lume um discurso francamente interessante, e articular por um momento dois aspectos muito válidos, em minha opinião, do ecossistema mass-mediático. Praticamente, desejaria conjugar a degradação comunicacional e o contencioso doravante obsoleto do impacto ecológico da assunção da primeira pessoa. Absurdo, dizeis? Exacto. Mas intrigante e irritante.

Poderia continuar com este palavriado: já dei o exemplo daquele «italianês» sobre o qual desde há muitas semanas discutem «nomes prestigiosos» de quase todos os «media». Que em todas as épocas a língua falada e escrita se veja «poluída» por expressões ou verbos-de-encher, indiscriminadamente utilizados, é coisa que os puristas sempre condenaram (capazes até de exagerar), quando propõem alternativas não menos absurdas; e aqui bem se pode aplicar a frase dita por Basílio Puoti aos discípulos, no seu leito de morte: «Filhos meus, cá vou eu, mas posso também dizer: lá vou eu.»

Se estávamos oprimidos pelos estereótipos, chegamos agora ao ponto de nos arriscarmos a ser oprimidos pelos caçadores de estereóptipos. É disto exemplo o referendo sobre as palavras insuportávis, aberto por Stefano Bartezzaghi no suplemento de «La Stampa» *Tuttolibri*: chega-se à conclusão de que a lista coincide com a totalidade do dicionário e que seria necessário conjugar, a partir de agora, silêncio e afasia.

Os irritados tendem amiúde a confundir o uso impróprio de um termo — tornado insuportavelmente estereotipado — com o seu uso normal. Sem dúvida que seria desde já oportuno falar de meios de massa, em vez de *mass-media*, porque, ao menos, evitar-se-iam frequentes asneiradas, como "A TV é um media importante" — com o que teríamos simultaneamente um erro de italiano, um erro de inglês e um erro de latim. E será melhor dizer «sim» em vez de «exacto» — o que não obsta a que o resutlado de um cálculo possa continuar a ser «exacto». Posso dizer que alguém me fez tantas promessas sensacionais, mas que, «praticamente», não me fez nenhuma. Muitas vezes, bastaria esperar um pouco (apenas um instante) e muitos estereótipos morreriam por si.

Vejamos um caso: gostaria de poder usar um dia, livremente, a expressão «quer dizer», quando tivesse necessidade de esclarecer com um exemplo um pensamento complexo. Recordo que, no início dos anos sessenta, quando discutia o lançamento de uma nova revista, eu tinha proposto intitulá-la «Quer dizer», para sublinhar a tarefa que ela deveria assumir no explicar constante daquelas expressões que era, todavia, obrigatório formular em termos técnicos. Quero dizer que, naqueles tempos, o «quer dizer» era ainda uma boa expressão e esperemos que volte a sê-lo.

Como já disse, estereótipos sempre se usaram e muitos de nós passaram manhãs inteiras nas carteiras da escola a pôr uma cruzinha no mata-borrão cada vez que o professor dizia «não é verdade» — para não falar já do «olhe que não» comunista, sobre o qual Pratolini escreveu uma página exemplar. Mas estas coisas eram ditas no discurso falado, face-a-face, e, assim, poucos interlocutores davam por elas. Os estereótipos tornam-se irritantes quandos nos apercebemos de que são usados por toda a gente, em infinitas páginas de infinitos jornais e em infinitas horas de transmissão de infinitos canais. É um pouco o que aconteceria se um dia tivéssemos aceite com fatalismo que mais que um dos nossos amigos se chamasse Fabrizio, e hoje não conseguíssemos suportar o facto de haver milhares de Fabrizios a auto-apresentarem-se na TV. Por isso não nos lamentamos de que alguém fale de um modo prefabricado, mas sim que sejam muitos a fazê-lo. Onde estavam e como falavam outrora aqueles que hoje se exprimem todos do mesmo modo?

Umberto Eco

Resposta (exacta): não falavam ou falavam em dialecto (e tiro o chapéu ao amigo Tullio de Mauro que tanto escreveu sobre este assunto). A orgia insuportável de estereótipos «italianeses» nasce do facto de milhões de pessoas que só falavam dialectos locais se atreverem hoje a falar uma linguagem nacional e, para tanto, se uniformizassem com base nos *media* que lhes é dado ouvir. Daqui a inevitável queda nas expressões prefabricadas.

Tudo isto é duro de engolir, mas representa o preço que estamos a pagar por ter sido concedida a faculdade da palavra a quem não a tinha.

Como todo e qualquer preço a pagar, parece-nos demasiado alto (gostaríamos todos que fosse de graça) e fazemos bem em discutir se não se poderá obter um desconto. Mas convém, ao mesmo tempo, avaliar o que temos para dar em troca.

Exclusivo L'Espresso/«DL»
Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

DE SARTRE, O QUE RESTA?

Por Tito Cardoso e Cunha

Dez anos depois da morte de Sartre, o que resta da sua obra? Uma grande notoriedade e um grande desconhecimento. A notoriedade que publicitou o homem e alguns dos seus livros, um certo estilo mesmo, obscureceu uma boa parte da obra que aliás permaneceu inacabada ou inédita.

A obra é de facto enorme, distribuída pelos mais variados géneros, da filosofia ao teatro, passando pela teoria literária, o romance, a biografia, o jornalismo político. Obras como a «Crítica da Razão Dialéctica» ou «O Idiota da Família», nos seus milhares de páginas cerradas, são textos pouco conhecidos até porque escassos terão sido os leitores a penetrar atentamente num tão infindável labirinto.

Mas não será essa a razão principal para uma certa reserva com que Sartre sempre foi acolhido em diferentes meios, por exemplo na Universidade. Muito mais academicamente glosado terá sido o seu contemporâneo Merleau-Ponty, para não falar de um Heidegger. Sartre permaneceu sempre um marginal relativamente à instituição universitária, não só ele próprio como a sua obra também.

Quando, nos anos 40 e 50, se popularizava o «existencialismo» confusamente percebido como teorização da marginalidade, o seu radicalismo «existencial» e ético provocava reacções, à esquerda e à direita, tanto entre os intelectuais comunistas como cristãos (Mauriac, Marcel).

Mais tarde, nos anos 60 e 70, as suas preocupações filosóficas centradas no sujeito, na sua constituição e identidade, pareciam sobremaneira datadas numa época de estruturalismo triunfante em que a palavra de ordem era a «morte do sujeito».

Também politicamente, as suas tomadas de posição foram frequentemente recebidas com algum mal-estar. Tanto quando defendia a liberdade de expressão distribuindo jornais interditos (embora De Gaulle, honra lhe seja, tenha respondido aos que queriam mandar prender Sartre: «on ne met pas Voltaire en prison!») pelas ruas de Paris como quando se juntava ao seu velho adversário Raymond Aron no apoio humanitário ao «boat people».

Sartre sempre foi incómodo. A sua lucidez ética e existencial era quase insustentável. O que se podia ler na sua obra era sempre uma impiedosa procura da autenticidade. Quando ele nos falava da paradoxal condenação à liberdade, tornava-nos, sem subterfúgios de má-fé, responsáveis por inteiro dos actos e da vida.

Sartre foi certamente, no pós-guerra que agora termina, o grande pensador da liberdade, não apenas na sua vertente política mas também ética. Foi mesmo e sobretudo um grande pensador libertário.

Até porque terá sido ele um dos que melhor e mais radicalmente pensaram a irredutibilidade do indivíduo que é o que, hoje em dia, o ar do tempo procura recuperar.

Daí que Sartre, na sua obra, tenha ainda muito para nos propor, nomeadamente quando se interroga sobre o que seja alguém, do que é que é feito, o que define a biografia, como Genet, Flaubert ou Baudelaire. O que ele diz de Genet, cabe-lhe inteiramente: «passamos o tempo a fugir do objectivo no subjectivo e do subjectivo na objectividade: este jogo de escondidas só terminará no dia em que tivermos coragem de irmos até ao fim de nós próprios simultaneamente nas duas direcções.

Hoje trata-se de fazer aparecer o sujeito, o culpado, esse monstro miserável que a todo o momento arriscamos ser; Genet oferece-nos um espelho: devemo-nos olhar nele».

INTERNACIONAL

Europa e América unem-se no combate ao narcotráfico

Representantes de 31 países da América latina, Europa, Caraíbas, Estados Unidos e Canadá iniciam hoje uma reunião para discutir formas de obter recursos económicos para a luta contra o narcotráfico no continente americano.

A reunião da Aliança das Américas contra a Droga, que se prolonga até sexta-feira e decorre em Ixtapa Zihuatanejo, no México, conta com a presença de embaixadores, ministros da Justiça e especialistas de 31 países.

Durante as jornadas, promovidas pela Organização dos Estados Americanos (OEA), vai ser discutido o papel da sociedade na luta contra o consumo de drogas, a cooperação regional, a substituição do cultivo e projectos legais de controlo de produtos químicos utilizados na elaboração de psicotropos.

No final da reunião, os especialistas deverão divulgar um estudo sobre a actual situação da luta contra a droga no continente americano.

Alguns observadores crêem que durante a reunião podem surgir divergências devido à forte influência dos Estados Unidos e do Canadá e às suas posições sobre o cultivo das drogas.

Autoridades peruanas, colombianas e bolivianas referiram em várias ocasiões que a substituição do cultivo da planta da coca por outras culturas não é solução eficaz para o tráfico da cocaína.

Para estes três países, o problema do tráfico da droga não pode dissociar-se da pobreza e do subdesenvolvimento.

Outros países, como o México, estão já a desenvolver programas de substituição do cultivo da marijuana por outros produtos agrícolas.

Outra questão que pode suscitar divergências é o facto de as autoridades colombianas e bolivianas se recusarem a utilizar herbicidas para destruir plantações de coca, enquanto no Peru e no México estão já a ser utilizados insectos e herbicidas para a detruição das plantações de coca e de marijuana.

Lusa

Segundo Washington, um bloqueio económico contra a república báltica poderá pôr em causa o futuro acordo comercial entre os Estados Unidos e a União Soviética. Entretanto, o Parlamento lituano debate hoje a posição a tomar, face à ameaça de Moscovo

Lituânia poderá afectar comércio entre EUA e URSS

O futuro acordo comercial entre os Estados Unidos e a União Soviética poderá ser posto em causa se o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, decretar represálias contra a Lituânia.

O acordo, entre outros pontos, foi ontem referido pelo líder da maioria democrática do Senado norte-americano, George Mitchell, em declarações a uma cadeia de televisão, como sendo parte do preço que Gorbachev deveria «pagar» caso decrete represálias.

Mitchell, que no sábado regressou de Moscovo, onde à frente de uma delegação de congressistas foi recebido por Gorbachev, disse que não adiantaria o que os Estados Unidos vão fazer, quando ainda não se sabe como os soviéticos vão agir.

Marlin Fitzwater, porta-voz da Casa Branca, seguindo o exemplo do Presidente Bush, que ontem se absteve de qualquer comentário à situação na Lituânia, disse que «o melhor plano de momento é não especular sobre a linha de acção que podemos tomar», no caso de Gorbachev concretizar a sua ameaça de embargar bens essenciais para a Lituânia.

A porta-voz do Departamento de Estado, Margaret Tutwiller, saudou entretanto, num «briefing», o facto de Moscovo não ter consumado a sua ameaça de bloqueio à Lituânia, apesar de no domingo ter expirado o prazo do ultimato dado por Gorbachev para que a república báltica revogasse legislação ligada à proclamação da independência.

Posição lituana em debate

Entretanto o Parlamento lituano debate hoje a ameaça de sanções económicas do Presidente soviético, depois de ontem o primeiro-ministro da república, Kazamiera Prunskenie, ter exigido conversações e uma explicação com o Kremlin.

Moscovo não tomou ainda qualquer medida constante da ameaça de Gorbachev, que prevê a suspensão dos fornecimentos de bens à Lituânia, caso não sejam revogadas as leis de apoio à declaração de independência de 11 de Março.

Ontem, os dirigentes daquela república analisaram, em reunião especial, a resposta ao ultimato, mas nenhumas decisões foram tomadas.

Numa mensagem enviada 48 horas depois de expirar o prazo fixado por Gorbachev, afirma-se que o Governo de Vilna não vê razões que justifiquem um «agravamento das relações económicas», nem compreende «o conteúdo das sanções económicas referidas» no ultimato.

O vice-presidente da Lituânia, relativamente à ameaça de bloqueio por parte de Moscovo, declarou que a república tem reservas para resistir um mês.

Em declarações à televisão lituana, Romualdas Ozalas assegurou também que a Lituânia tem reservas de petróleo e carvão suficientes para um mês e gás e electricidade para 20 dias.

Desde domingo a população lituana está a comprar grandes quantidades de bens, desde gasolina e velas, segundo informações da «Interfax», serviço de notícias da rádio Moscovo.

O ministro lituano admitiu que, caso o bloqueio se concretize, a república poderia «resistir durante um mês», e «nesse período poderiam ocorrer mudanças que levassem as autoridades soviéticas a levantar o bloqueio».

Redacção DL/Lusa/AFP

Retirada de visto ao ex-rei Miguel em questão

Pancadaria entre romenos aflige autoridades

Pancadaria e insultos mútuos envolveram ontem apoiantes e adversários do Governo da Frente de Salvação Nacional (FSN), em confrontos no centro de Bucareste, devido à recusa das autoridades romenas em permitirem a entrada do ex-rei Miguel no país.

Os grupos beligerantes lutaram na praça da universidade e na avenida que leva à praça da Vitória, onde fica a sede do Governo, após 150 partidários da FSN terem começado a manifestar-se em apoio da retirada do visto, na semana passada, ao antigo rei da Roménia, Miguel (ver página 12).

Pessoas que passavam pelo local e outras que se lhes juntaram atacaram às centenas os promotores da manifestação, antes da chegada da polícia armada, que não chegou a efectuar prisões. Gritando vivas ao rei e «comunistas vão para a igreja», numa alusão ao feriado pascal, os promonárquicos centraram os seus insultos na acusação de que os manifestantes favoráveis à FSN eram antigos comunistas.

A polícia, com metralhadoras e bastões, fez um cordão à entrada da praça, tentando impedir os manifestantes antimonárquicos de entrar e alegando que o aglomerado não tinha sido autorizado pelo presidente da Câmara de Bucareste.

Polícias de Bucareste formam um cordão em torno dos 500 romenos que, na Praça Vitória, brigavam entre si, devido a divergências quanto à retirada do visto ao ex.-rei Miguel

O cordão não conseguiu, porém, impedir a invasão de 500 pessoas na praça que, entoando palavras de ordem antigovernamentais, exigiram em coro que os antigos comunistas fossem impedidos de ter cargos dirigentes na futura administração, pelo período das três próximas eleições parlamentares ou por 12 anos.

Mais tarde, cerca de 300 activistas pró-monárquicos assinaram uma petição que pretendem enviar ao Supremo Tribunal, pedindo um visto para o antigo rei.

O rei Miguel, de 68 anos e residente há anos na Suíça, foi obrigado a adbicar por um Governo instalado pelos soviéticos, em 1948, que o expulsou do país. Após o derrube de Ceausescu e durante os episódios revolucionários de Dezembro, o antigo monarca manifestou-se disposto a regressar ao seu antigo reino como rei constitucional, frisando que tal possibilidade deveria ser sujeita a referendo. O Governo, que ainda não apresentou quaisquer explicações oficiais para a retirada do visto, é notoriamente desfavorável à ideia.

Entretanto o primeiro-ministro romeno, Petre Roman, chegou ontem a Madrid para uma visita oficial de três dias em que será recebido pelo rei Juan Carlos e pelo seu homólogo espanhol, Felipe Gonzalez.

Esta é a segunda visita oficial - a primeira foi à França - que Roman, fluente no castelhano e filho de uma espanhola, realiza a um país estrangeiro.

A Roménia já recebeu nos últimos meses importante ajuda espanhola, como um comboio especial de trinta vagões carregados de alimentos, e foi oficialmente visitado pelo ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Francisco Fernandez Ordonez.

Durante a visita de Ordonez os dois Governos já identificaram uma série de áreas potenciais de cooperação nos sectores turístico, agro-alimentar, desenvolvimento agrícola e revêem actualmente a continuação de um programa de energia nuclear, na sequência dos contratos assinados durante o regime de Ceausescu.

Redacção «DL»/Lusa

Caça internacional ao líder da ETA

A 9 de Abril a polícia espanhola prendeu o francês Henri Parot em Sevilha quando transportava no seu automóvel 325 quilos de explosivos. Desde então, Parot, logo suspeito de pertencer à ETA, tem colaborado com as autoridades: confirmou que pertencia a um «comando itinerante» da organização basca e revelou detalhes que levam a polícia a considerar que se abriu uma nova fase na luta contra o terrorismo. Ontem, na sequência das suas declarações, foi emitido um mandato internacional de busca e captura contra Francisco Mugica Garmendia, o «Artapalo», actual «número um» da ETA-militar.

Segundo Parot, o «comando itinerante», responsável por mais de 30 assassínios, actuava sob as ordens directas de «Artapalo» e é formado sobretudo por mercenários franceses. Até agora a polícia ignorava a existência deste comando e não tinha provas contra o «número um» da ETA. «Artapalo» é agora acusado de ser o indutor de vários atentados, entre os quais a explosão de um quartel da Guarda Civil de Saragoça há dois anos, em que morreram 11 pessoas, cinco delas crianças.

Redacção «DL»/Lusa

Se os «contras» não desmobilizarem a tempo

Adiamento da posse de Chamorro é hipótese para Daniel Ortega

O ainda presidente nicaraguense, Daniel Ortega, considerou ontem que existe a possibilidade de adiar a tomada de posse da presidente-eleita, Violeta Chamorro, prevista para 25 deste mês, se os «contras» não se desmobilizarem até lá. Ortega afirmou que o país se encontra à beira de «uma guerra civil» em virtude da atitude dos rebeldes que, segundo ele, poderão só efectuar «desarmamentos simbólicos» nas Honduras enquanto a maior parte dos seus efectivos penetrou em território da Nicarágua.

Violeta Chamorro poderá não tomar posse a 25 de Abril, conforme o previsto, se os «contras» não entregarem as armas até esse dia

A primeira dessas desmobilizações consideradas por Ortega como «simbólicas» ocorreu ontem quando 260 «contras» entregaram armas e equipamento militar ao Grupo de Observadores das Nações Unidas para a América Central (ONUCA), em Kiatara, no sudoeste das Honduras, área estabelecida para a desmobilização. As tropas da ONU, que seguiram para lá durante o fim-de-semana, imediatamente destruíram o armamento que pertencia a um grupo anti-sandinista formado por índios Yamata, particularmente activo na costa atlântica da Nicarágua.

Segundo estimativas oficiais, mais de 500 «contras» estariam ainda nas Honduras, enquanto oito mil teriam já penetrado na Nicarágua, onde, para Daniel Ortega terão melhores condições de «negociar o seu desarmamento».

Amanhã expira o prazo dado pela ONUCA aos rebeldes estacionados nas Honduras para entregarem as armas.

As declarações do chefe de Estado nicaraguense foram prestadas aos jornalistas à saída de uma reunião com o arcebispo de Manágua, Miguel Obando y Bravo, onde foram discutidas as condições para um cessar-fogo entre sandinistas e «contras» e se pôs a hipótese de novas negociações com os rebeldes, antes da posse da nova presidente a 25 de Abril. Ortega acusou os anti-sandinistas de estarem a tentar «ganhar tempo», para continuarem armados depois desta data. A linha-dura dos «contras», por sua vez, acusa os sandinistas de não quererem desmantelar o seu poderoso exército, mantendo pelas armas aquilo que perderam nas urnas.

Para agravar a situação, uma delegação dos rebeldes que deveria ter chegado ontem a Manágua, para negociar directamente com os sandinistas um cessar-fogo, não o pôde fazer, em virtude do aeroporto da capital nicaraguense ter sido encerrado depois de uma explosão - ao que parece acidental - de um depósito de munições situado nas proximidades que levou à interrupção de todo o tráfego aéreo.

Segundo testemunhas, a explosão, a que se seguiu um incêndio, foi provocada por uma queimada de agricultores que ficou incontrolável devido ao vento. Embora corporações de bombeiros de toda a cidade tenham acorrido ao local, não há vítimas a lamentar e os danos materiais não são muito elevados.

Redacção «DL»/AFP/ Lusa

Angola quer referendo para definir futuro político

Especial para o «DL»

Angola admitiu, pela primeira vez, a realização de um referendo, em prazo não indicado, para definir o futuro sistema político do país. O anúncio foi feito a noite passada pelo ministro das Relações Exteriores, Pedro de Castro Van-Dunem (Loy), tendo também revelado que na sequência da assinatura de um cessar-fogo com os rebeldes da UNITA, Luanda criaria as condições técnicas para o recenseamento geral da população, estimada, segundo algumas fontes, em oito milhões de habitantes.

Loy insistiu na obtenção de um cessar-fogo imediato e sem pré-condições como ponto indispensável para negociar o fim do conflito, durante uma conferência de Imprensa que reuniu cerca de quatro dezenas de jornalistas. O ministro recusou-se a confirmar se estariam já em curso contactos preliminares entre o Governo e a UNITA. «Se já existem ou não contactos, isso é secreto», justificou-se. Loy disse não poder revelar, por essa razão, se os próximos encontros se vão realizar em Lisboa, e desmentiu a presença na capital portuguesa de uma delegação angolana para esse fim.

Segundo o chefe da diplomacia angolana, existem já «mecanismos de verificação» para um possível cessar-fogo e admitiu a possibilidade «certos países» poderem colaborar sob supervisão das autoridades angolanas. Quanto a uma eventual participação da ONU foi peremptório: «Não desejamos a internacionalização do conflito interno». Respondendo a uma questão colocada pelo «DL», esclareceu que a UNITA «ainda não se pronunciou» sobre a possibilidade das futuras negociações decorrerem em território angolano. No entanto, sublinhou, «estamos prontos para conversar a todo o momento».

Furtando-se a mencionar directamente o Zaire, o ministro reconheceu que, através da fronteira norte de Angola com aquele país, está a chegar material de guerra destinado à UNITA, que nos últimos tempos intensificou as suas acções nas províncias do Uíge e do Zaire. De referir que o movimento rebelde reivindicou o abate ontem de um helicóptero governamental no Uíge, que provocou a morte de três militares.

Agular dos Santos, em Luanda

Envio de armas para o Iraque

Empresa belga acusada de envolvimento

O último episódio no comércio de armas para o Iraque levou os investigadores britânicos até à Bélgica. Uma empresa belga de pesquisa espacial, «Space Research Corporation», dirigida até ao passado dia 22 de Março pelo o norte-americano Gerald Bull, assassinado nesse dia em Bruxelas, com dois tiros na cabeça, foi acusada de estar envolvida na exportação para o Iraque dos tubos de aço suspeitos de serem parte de um grade canhão.

As autoridades britânicas, que estão a investigar se os oitos tubos de aço, apreendidos em 12 de Abril pela alfândega de Londres, poderiam ou não ser utilizados para construir um canhão gigante, foram alertados pela empresa fabricante dos tubos, a «Sheffield Forgemasters», num comunicado emitido em Londres, que tinha sido a empresa belga em questão a representar o Ministério iraquiano do Comércio na finalização do contrato. O Iraque tem energicamente desmentido as alegações britânicas e assegura que os tubos de aço eram para ser utilizados na sua indústria petrolífera.

Entretanto, cada vez mais desacreditado na comunidade internacional, o Iraque esta a mobilizar o apoio dos países árabes para contrabalançar as acusações de que tem sido alvo. Durante a reunião extraordinária da União Parlamentar Arabe, que terá amanhã início em Bagdad e que foi convocada pelo Iraque e a Líbia, os parlamentares deverão debruçar-se sobre «os desafios sionistas e as campanhas ocidentais dirigidas contra o Iraque».

Saadi Mahdi Saleh, presidente do Parlamento iraquiano, afirmou ter enviado convites «a todos os países árabes, inclusive à Síria», para a participação nesta reunião.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

Bush promove conferência sobre o «efeito de estufa»

Representantes de 18 países e da CEE encontram-se hoje e amanhã em Washington para uma conferência dedicada ao sobreaquecimento do planeta, que o presidente Bush espera vir a contribuir para o estabelecimento de bases científicas e económicas sólidas na luta contra o fenómeno. A convite do presidente norte-americano, encontram-se em Washington representantes de países tão distintos como a URSS, Japão, México, França e Brasil, que debaterão o «efeito de estufa», fenómeno controverso que tem vindo a dividir as opiniões da comunidade científica.

Jornalistas indignados com cativeiro de McCarthy

Jornalistas ocidentais relembram hoje o colega norte-americano da World Television News, John McCarthy, no dia em que cumpre quatro anos de cativeiro nas prisões de Beirute. McCarthy deveria, em 17 de Abril de 1986, deixar o Líbano, por avião, quando um comando o impediu de entrar no seu carro. O jornalista passou depois a integrar uma longa lista de reféns e, desde então, não há notícias dele.

Vargas Llosa na segunda volta das presidenciais peruanas

O escritor peruano Mario Vargas Llosa confirmou hoje que participará na segunda volta das eleições presidenciais contra Alfredo Fujimori, a realizar em finais de Maio ou princípios de Junho. A decisão de Vargas Llosa, que chegou a pensar desistir, consta de um pequeno comunicado difundido após reuniões com dirigentes do seu partido de centro-direita. Fujimori é favorito para a segunda volta porque é pouco provável que o escritor venha a conseguir o apoio do partido aprista, de centro-esquerda, e de outros partidos de esquerda que criticou severamente durante a campanha eleitoral. Entretanto, guerrilheiros do Sendero Luminoso já provocaram, em cinco dias, 80 mortes no Perú.

Pinochet ameaça novo Governo chileno

O general Pinochet advertiu ontem que tem à sua disposição 80 mil homens armados para fazer face a um eventual processo contra os militares acusados de violação dos direitos humanos no Chile, revela a edição de ontem do semanário Hoy de Santiago. O órgão evoca uma conversa privada que o general manteve com dirigentes políticos aos quais recomendou para não se ocuparem da questão dos direitos humanos mas antes de outras matérias como a reforma fiscal, a lei das pescas e outros projectos legislativos do novo Governo de Patrício Aylwin. O antigo Governo de Pinochet é acusado de numerosos crimes políticos e do desaparecimento de mais de 700 prisioneiros.

PC vietnamita denuncia «complot» externo

O secretário-geral do Partido Comunista do Vietname, Nguyen Van Linh, apelou recentemente à luta «contra os imperialistas e os reaccionários» que se dedicam a sabotagens políticas no Vietname, anunciou hoje a Imprensa de Hanoi. Os «meios imperialistas recorreram a manobras ultrajantes» para difundir «tendências contrárias às políticas do partido e para seduzir os jovens a oporem-se ao partido, ao regime e à sociedade», afirmou Van Linh num discurso hoje reproduzido pelo diário oficial, Nhan Dan. Fontes oficiais vietnamitas admitiram, ontem, abertamente e pela primeira vez, terem reprimido tentativas políticas hostis ao regime e manifestaram a vontade de se oporem, pela força se necessário, a qualquer tentativa de desestabilização.

Guerrilha afegã mata-se entre si

Confrontos violentos sucederam-se no seio da guerrilha islâmica afegã, entre apoiantes de um comandante recentemente assassinado e forças do líder fundamentalista Gulbuddin Hekmatyar, na província de Helmand (sudoeste do Afeganistão), segundo fontes militares. Os incidentes, que já provocaram várias dezenas de mortos e centenas de feridos, começaram na noite de sexta para sábado na localidade de Nad-i-Ali, a 20 quilómetros a oeste do centro provincial de Lashkar Gah.

Proximidade de eleições está na origem da recusa de visto ao ex-monarca

Roménia tem medo do «rei vencido»

Do nosso correspondente em Paris

O Governo romeno decidiu anular o visto que permitiria ao ex-rei Miguel da Roménia regressar ao país antes das eleições, previstas para 20 de Maio. Esta medida que, aos olhos da comunidade internacional, reflecte a insegurança e o carácter autoritário do novo regime, tenderá a isolar ainda mais o actual Governo, que permanece suspeito de não permitir a instauração de um regime verdadeiramente democrático na Roménia.

A esse respeito, o «DL» entrevistou Catherine Durandin, historiadora, especialista de relações internacionais e de história da Roménia e, ainda, autora de «La Roumanie de Ceausescu», livro publicado em 1988, e de uma biografia do ditador, «Nicolae Ceausescu», que acaba de ser publicada pela editora Albin Michel.

Uma das filhas do ex-monarca, Helena, reage com surpresa ao despacho noticioso informando sobre a proibição do Governo romeno à entrada do pai no país

«Diário de Lisboa» - Porque razão o Governo romeno impediu, afinal, o ex-rei Miguel de regressar ao país?

Catherine Durandin - O rei Miguel afirmou que iria à Roménia a título privado. Mas, quer pelo seu passado - ele foi expulso do poder pelos comunistas em 1948 - quer pelas suas declarações por ocasião do processo revolucionário de Dezembro, continua, se bem que muito indirectamente, a ter uma função política. E esta função ultrapassa o simples retorno à monarquia. Ele é um símbolo de resistência que hoje se aplica ao regime no poder, que tem como objectivo principal ganhar as eleições de 20 de Maio. Logo, em termos abstractos, a posição de Iliescu e de Petre Roman é compreensível, mas revela uma incapacidade total para fundar a democracia. Se, potencialmente, o rei encarna uma corrente, uma força política, o Governo deveria entrar em competição com essa força, e não utilizar o velho e desgastado expediente da proibição.

«DL» - Essa medida foi apoiada pelos outros partidos?

CD - Não. Os partidos históricos e, em especial, o Partido Nacional Liberal, manifestaram claramente o desejo de que o rei Miguel adiasse o seu regresso à Roménia para depois das eleições. Mas não apoiam a anulação do visto, que consideram uma medida arbitrária.

«DL» - Então, à partida, a visita do rei Miguel também não seria bem acolhida por esses partidos...

CD - Os partidos não queriam que o rei voltasse antes das eleições porque a sua presença, considerando o alcance histórico e simbólico da visita, falsearia o actual jogo político. Esses partidos assinaram uma espécie de pacto de não-agressão mas não apresentam um candidato único à presidência e, em consequência, não fizeram apelo a um homem providencial pós e anti comunista. A presença do rei, mesmo não lhes sendo hostil, foi mesmo assim considerada prejudicial ao indispensável desenvolvimento desses partidos diante da urgência dos problemas com que se defrontam.

«DL» - E para o Governo?

CD - No que respeita ao Governo, que apresenta como candidato um homem que já está no poder, e que pode e sabe utilizar a cartada do «salvador da pátria» - refiro-me a Iliescu - a presença do rei representa uma ameaça. Pessoalmente, creio que essa ameaça não é verosímil. O rei Miguel é ainda praticamente um desconhecido mas, num sistema marcado por mais de 30 anos de culto da personalidade, a sua figura poderia, aos olhos do poder actual, suscitar uma onda incontrolável de adesão.

O ex-rei Miguel da Roménia caminha no aeroporto de Zurique juntamente com a mulher, Ana, no momento em que a «Swiss Air» decidiu, na passada quinta-feira, não embarcar o casal após as autoridades romenas terem recusado carimbar os vistos

A imagem de um vencido

«DL» - Existe hoje na Roménia um partido monárquico ou uma forte corrente de opinião favorável à restauração da monarquia?

CD - Não, por várias razões que passarei a referir. A primeira decorre da própria história da monarquia romena que, após 1919, não conseguiu encontrar solução para as questões nacionais e sociais, nem estabelecer uma tradição política democrática. O grande fracasso de Carol II (pai do rei Miguel) foi o de instaurar, em 1938, a ditadura de partido único, que varreu os esforços de quase 30 anos de pedagogia democrática. A segunda razão para que não exista hoje uma verdadeira corrente monárquica decorre da própria triste história do rei Miguel, que acompanhou o golpe de Estado de Agosto de 1944 (que afastou a Roménia da sua anterior aliança com a Alemanha), sem conseguir evitar depois a ocupação soviética. A imagem do rei Miguel é a de um vencido. Por fim, o desenvolvimento actual da vida política na Roménia decorre em sincronia com o conjunto dos países do Leste europeu: cada um desses povos anseia por um modelo ocidental moderno. A escolha oscila, pois, apenas entre o liberalismo e a social-democracia. Neste contexto, não há lugar para uma restauração da monarquia.

«DL» - Acha que o rei Miguel poderia ultrapassar esses obstáculos impondo-se como personalidade elegível?

CD - O rei Miguel é um homem íntegro, mas não teve formação política. É um homem de boa vontade, o que aliás poderia talvez levá-lo a apoiar causas extremistas que não seriam, na realidade, as suas. Além disso, não dispõe de nenhum apoio internacional.

«DL» - Acredita que este episódio terá alguma influência sobre o resultado das eleições?

CD - Sem dúvida. A atitude autoritária do Governo revelar-se-á prejudicial aos seus próprios interesses eleitorais. O Governo beneficia da legitimidade que lhe conferem os acontecimentos de Dezembro, de que se apropriou. E ainda de ter sido um factor de ordem numa situação de anarquia. Mas qualquer atitude brutalmente contrária à normalidade democratica evoca e compromete o passado, prejudicando-o. Provavelmente, nas eleições de 20 de Maio, os grupos da oposição e o partido no poder ficarão separados por uma fraca percentagem de votos. O tempo, se continuar a ser tão mal utilizado pelos actuais dirigentes, voltar-se-á contra eles.

Ceausescu está bem vivo

«DL» - Diante desse quadro dir-se-ia que Ceausescu caiu há muito tempo. E no entanto ele foi deposto há menos de quatro meses... o fantasma de Ceausescu está mesmo definitivamente extinto?

CD - Não. Ceausescu está bem vivo. O medo, os boatos e a violência entre as comunidades nacionais continuam a existir e a persistir. Mais concretamente ainda, os responsáveis do regime precedente não foram saneados. Podemo-nos interrogar sobre a evolução, em três meses, dos quatro milhões de membros do Partido Comunista Romeno e sobre a profundidade dos seus hábitos e exigências democráticas, seja qual for a capacidade intelectual desses quatro milhões. De alguma forma a popularidade recente de Iliescu, apesar do país viver em situação de anarquia, só se pode explicar pelo velho reflexo do recurso ao «Chefe». Os grandes temas da mobilização nacionalista, orquestrada por Ceausescu e pelas suas equipas, continuam a vigorar.

«DL» - Ceausescu poderá servir, dessa forma, como espécime para estudo das idiossincrasias romenas?

CD - Acabo de escrever uma biografia de Ceausescu, não para exibir um monstro, mas para levar o leitor a constatar a extrema facilidade e banalidade com que tranquilamente se instalam os sistemas totalitários mais elementares. O que resta da época de Ceausescu é uma mistura de ambição e de mediocridade, que bloqueia qualquer esforço de autocrítica. A esse respeito, gostaria de citar uma frase de um intelectual romeno, Octavien Paler, agora jornalista do diário «Romena Libera», publicada numa entrevista que concedeu ao «Le Monde» de 12 de Abril: «O mal está em nós e não vejo saída. As eleições poderão substituir os dirigentes actuais por outros. Mas necessitamos de algo mais: purificação moral».

Apesar de tudo devemos felicitar-nos pelo facto de Octavien Paler poder ainda, pelo menos por agora, exprimir-se regularmente num jornal diário de grande circulação.

Pedro de Souza

MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO N.º 26/90

PUBLICIDADE EXTERIOR EM IMÓVEIS CLASSIFICADOS

Tendo em atenção o Regulamento Sobre Publicidade, Edital n.º 7/90, publicado no Diário Municipal n.º 15823, de 26 de Fevereiro, avisam-se todos os detentores de publicidade em imóveis classificados ou contemplados com os prémios Valmor, Municipal de Arquitectura, valores concelhias ou outros semelhantes, que se não encontrem nas condições previstas no n.º 2 do art.º do Regulamento Sobre Publicidade que, até ao próximo dia 31 de Outubro p. f. devem apresentar projecto alternativo de instalação de publicidade e/ou ocupação da via pública em obediência aos critérios fixados no Regulamento em causa.

Mais se informa que o não cumprimento do que aqui se determina implicará a capacidade da licença anteriormente concedida que, assim, não será renovada a partir de 31 de Dezembro de 1990.

Paços do Concelho, em 1990/03/27
O verador
(assinatura ilegível)

QUOTIDIANO

Eurofil com salários em atraso

Ao fim desta manhã o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis e a Comissão de Trabalhadores da Eurofil iniciaram uma reunirão com o administrador judicial da empresa, com o objectivo de discutirem a sua situação global. Esta reunião, solicitada pelos trabalhadores, antecede a assembleia de credores, marcada para amanhã, e a reunião da comissão de credores, a realizar esta tarde.

A Eurofil encontra-se «em situação difícil, mas é recuperável», disse um dirigente sindical.

Neste momento a empresa deve aos 900 trabalhadores mais de 430 mil contos, para além dos salários em atraso dos meses de Janeiro e Fevereiro, que ainda não pagou a 62 trabalhadores e os de Março, que deve globalmente.

Os trabalhadores da Eurofil, empresa de têxteis, exigem «o pagamento dos salários em atraso e expressam a sua total oposição ao pressuposto da diminuição dos créditos dos trabalhadores e à forma da sua liquidação, em paralelismo com os restantes credores, sem atender à natureza dos créditos de trabalho, nem à situação diversificada superveniente dos trabalhadores, relativamente à empresa».

A tragédia do «Scandinavian Star»

Inquérito constata falta de segurança

O «Scandinavian Star» navegava, efectivamente, sem as mais elementares regras de prevenção. O responsável da segurança do *ferryboat* admitiu, ontem, não ter verificado o sistema de alarme do navio nem ter treinado a tripulação, antes do incêndio que a 7 de Abril fez 160 mortos.

O norueguês Sverre Aashildrod declarou ao tribunal marítimo de Copenhaga, encarregue das investigações das causas do incêndio, desconhecer as normas internacionais sobre o treino de tripulantes para um caso de emergência.

Estas revelações coincidem com os protestos de 23 tripulantes do barco, 11 dos quais portugueses, que afirmam estar a ser afastados do inquérito. Num comunicado distribuído à imprensa, os marinheiros afirmam ter importantes factos a contar, «tanto para o inquérito oficial como para a investigação criminal».

Ao depor em tribunal, que realizou ontem a sua sexta sessão de audiências, Aashildrod disse que também desconhecia as regras de segurança de passageiros.

Afirmou, ainda, não terem existido problemas na comunicação com os tripulantes do *ferryboat*, muitos deles portugueses, contrariando a versão destes segundo a qual não entendiam os planos de emergência afixados no navio.

Há, entretanto, informações contraditórias. O responsável pela segurança do barco afirma que dois dos 10 botes de emergência estavam operacionais e que todas as portas de emergência funcionavam. Esta afirmação é contrariada pelo chefe da tripulação, Karsten Hansem, que afirmou ao tribunal, na semana passada, que cinco das 16 portas de segurança estavam abertas, permitindo que as chamas se espalhassem pelo *ferryboat*. A polícia norueguesa suspeita que a causa do incêndio foi fogo posto, baseando-se nas afirmações da tripulação, mas até agora não foi detida qualquer pessoa.

Marinheiros portugueses salvos do «Scandinavian Star». Onze afirmaram que estão a ser afastados do inquérito

Protocolo sigiloso A empresa proprietária dos pesqueiros Sandro Cunha (na foto) e Frapec, apresados pelas autoridades da Guiné-Conakri, aguarda a confirmação, na tarde de hoje, da aceitação final, pelo Governo daquele país africano, dos termos do protocolo ontem negociado para a libertação das embarcações e respectivas tripulações. As condições do protocolo de acordo entre o armador e a Guiné-Conakri não foram divulgadas

Ministro interessa-se por invento português

O ministro do Ambiente, Fernando Real, considerou ontem de «importância excepcional para a limpeza dos oceanos» o dispositivo de recolha de crude criado pelo inventor português Júlio da Costa, prometendo um «estudo aprofundado da sua aplicação».

O aparelho, cujo prototipo foi apresentado a Fernando Real, irá ser analisado por técnicos de diversas organizações, como a Universidade Técnica de Lisboa, para se determinar a sua aplicação prática, eventuais alterações e respectivos custos, garantiu o ministro. O invento, medalhado com ouro no recente Salão Internacional de Inovação de Genebra, consiste num dispositivo aplicável a barcos, para recolha de crude e outros poluentes das águas marítimas. É composto por uma pá regulável alimentada pela energia do próprio barco. O equipamento dispõe de duas alternativas, uma para mar aberto e outra para locais onde existam rochas, e é considerado pelo seu autor como «económico e eficiente». Para o minsitro do Ambiente, o futuro aperfeiçoamento do engenho pode torná-lo aplicável também junto das praias.

Júlio da Costa, de 57 anos, funcionário da TAP, recebeu já sete medalhas pelos seus inventos, sendo três de ouro, outras tantas de prata e uma de prata dourada. Referindo-se à atenção que esta sua obra provocou, disse que todos os outros seus inventos «ficaram na prateleira», pois «os industriais não lhes ligam».

Lotaria Popular

1º - 260459	3 000 000$00
2º - 371088	750 000$00
3º - 319482	500 000$00
4º - 303118	250 000$00
Terminações em 0459	85 000$00
Terminações em 459	60 000$00
Terminações em 08?	15 000$00
Terminações em 482	4 000$00
Terminações em 118	1 500$00
Terminações em 45,47,49,61,68 e 89	500$00

BREVES

Poluição urbana analisada em Évora

O tráfego, a poluição atmosférica e o ruído é tema de uma campanha da Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente, que decorre até sexta-feira, em Évora, para avaliar o estado do ambiente urbano. A Comissão de Coordenação da Região do Alentejo, a Câmara Municipal de Évora e a Polícia de Segurança Pública colaboram na iniciativa hoje iniciada, entre a cidade e Portas de Moura. Pretende-se avaliar os gases de escape das viaturas automóveis e medir o ruído em diferentes locais da área.

Supressão de composições devido a greve de maquinistas

A circulação ferroviária processou-se esta manhã com algumas dificuldades no território português devido à greve dos maquinistas da CP que obrigou a supressão de algumas composições. Segundo uma fonte da CP, nos combios internacionais funcionaram o Sud Express e o Lusitânia. Nos suburbanos da linha de Cascais e de Sintra, estes a funcionar com o horário de domingo, os utentes dispuseram ainda de centenas de autocarros alternativos. Foram suprimidos alguns comboios de mercadorias e intercidades. Entretanto, o dirigente do Sindicato dos Maquinistas, Castelo Lopes, acusou ontem a empresa de estar a «tentar pressionar e coagir maquinistas na linha de Cascais», pretendendo que estes façam as nove horas de serviço diário.

Diploma enquadra Universidade Católica

Um decreto-lei hoje publicado no «Diário da República» estabelece o enquadramento da Universidade Católica no sistema de ensino superior português. O acesso aos cursos organizados nesta universidade será feito de acordo com os critérios definidos em regulamento interno, os quais não podem ser de exigência inferior aos das universidades públicas. Segundo o diploma, a Universidade Católica Portuguesa goza de autonomia estatutária, científica, pedagógica, patrimonial, administrativa, financeira e disciplinar e é apoiada pelo Estado.

Trânsito interrompido junto a Marinhais

Um acidente de trânsito na Estrada Nacional nº 1, junto a Marinhais, Pombal, envolvendo três viaturas, provocou na manhã de hoje a interrupção da circulação automóvel nos dois sentidos . Do acidente, no qual estiveram envolvidos dois ligeiros e um pesado, resultaram dois feridos, um dos quais em estado grave, de nome Luís Carlos Caetano Marques, que foi transportado para o Hospital de Pombal.

Navegador solitário entrou no Pacífico

Gomes Martins, o navegador solitário português que está a fazer uma viagem de circum-nevegação, anunciou já ter cruzado o Canal do Panamá e navegar em águas do Pacífico. A mensagem foi enviada, via rádio, para o radioamador Barros Teixeira, do Funchal, Madeira, que com ele se tem mantido em permanente comunicação. Gomes Martins disse ter zarpado no sábado do porto de Balboa, considerando ter deixado para trás um dos maiores perigos da viagem - a travessia do Canal do Panamá.

PSP interrompeu vigília de enfermeiros

A Polícia de Segurança Pública pôs termo, ao fim da tarde de ontem, à vigília que cerca de uma dezena de candidatos à Escola de Enfermagem de Leiria efectuavam junto ao estabelecimento de ensino. Perante a intervenção policial os candidatos abandonaram pacificamente as instalações escolares, considerando que a identificação pedida pelos agentes correspondia à necessidade reivindicada -- terem um documento comprovativo da sua presença na secretaria da escola, pois viram as inscrições recusadas apesar de autorizadas pelo Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior.

BREVES

Estoril substitui Paris em reunião de turismo

A sessão do Comité de Turismo da OCDE que se realiza na próxima semana, no Estoril, representa a primeira vez que este organismo organiza uma reunião deste tipo fora da sua sede, em Paris. O facto foi sublinhado pela presidente do Comité, Maria José Vallera, que é, também, subdirectora-geral do Turismo português. A 58ª sessão do Comité de Turismo decorre entre terça e sexta-feira. Quarta-feira, realiza-se, em simultâneo, uma jornada de estudos subordinada ao tema «A política do turismo no horizonte do ano 2000».

Carruagem discoteca em comboio pela Europa

O comboio que, em Setembro, vai levar 400 jovens portugueses e de países africanos de língua oficial portuguesa a uma viagem a países da Comunidade Europeia é constituído integralmente por material dos caminhos de ferro franceses. A composição é integrada por carruagens de lugares deitados, climatizadas, de eixos intermutáveis, incorporando ainda, no percurso além-Pirenéus, uma carruagem discoteca. A iniciativa concretizada pelo Grupo Juvemédia e a Associação dos Utentes das Pousadas da Juventude inclui uma carruagem de exposição relativa aos Descobrimentos portugueses. O comboio percorrerá a Espanha, França, Alemanha, Holanda e Itália.

Professores norte-americanos fazem debate sobre Açores

Professores e alunos da universidade norte-americana de Lowell participam, desde ontem, em Ponta Delgada, num seminário sobre os Açores. Organizado pela Universidade dos Açores, o simpósio compreende temas sobre geografia física e humana das ilhas, história política e social da região e vulcanismo. A realidade económica e o sistema de educação na Região Autónoma são outros dos assuntos em apreciação no encontro com especialistas açorianos.

Três meses sem salários no ano da alfabetização

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa anunciou que neste Ano Internacional da Alfabetização os professores da educação de adultos em acumulação ainda não receberam os salários dos três meses que já trabalharam. O Sindicato afirma que a Direcção-Geral de Extensão Educativa do Ministério da Educação abriu em Dezembro concurso para professores profissionalizados leccionarem cursos de alfabetização de adultos de Janeiro a Junho de 1990, «mas passados três meses, o Ministério ainda não cumpriu o acordo salarial feito».

Medicamentos sabotados não vão afectar Portugal

Produtos farmacêuticos de um conhecido laboratório francês, correntemente vendidos em Portugal, foram retirados do mercado depois de a empresa ter detectado ácido sulfúrico num dos medicamentos produzidos nas suas instalações de Limay, a Oeste de Paris. Representantes da empresa em Lisboa, a Smith Kline French (SKF), garantiram que o problema não afecta o mercado português.

A SKF havia recebido ameaças telefónicas de um chantagista que exigia seis milhões de francos (cerca de 156 mil contos) para não contaminar a produção do laboratório. O autor da ameaça referiu, especificamente, um medicamento, o «zentel», um antiparasitário muito vendido nos países tropicais e em Portugal, sob a forma de comprimidos e xarope, indicando exactamente o local do laboratório onde o produto se encontrava. A ameaça provou ser verdadeiro, pois foi encontrado ácido sulfúrico naquele medicamento.

A empresa decidiu, assim, supender a distribuição dos produtos fabricados e proceder a um controlo exaustivo dos medicamentos armazenados, encerrando temporariamente o laboratório. Paralelalmente, foram retirados de venda todos os produtos fabricados em Limay desde 15 de Março e suspensas as exportações.

Entre a lista dos 40 fármacos produzios pela SKF agora retirados do mercado figuram o Synthol, antiséptico e analgésico, o Tagamet, para o tratamento de úlceras, o antibiótico Staphylomycine e o antiparasitário Zentel.

QUOTIDIANO

Queixando-se da passividade das autoridades sanitárias, a Associação Portuguesa dos Hemofílicos assinalou o Dia Mundial das vítimas desta doença incurável

Hemofílicos querem tratamento domiciliário

A Associação Portuguesa de Hemofílicos (APH) defende o autotratamento e a terapêutica domiciliária para a maioria dos padecentes de hemofilia.

Segundo uma dirigente da APH, Maria de Lurdes Fonseca, «a terapêutica domiciliária transfere do Hospital para a família alguma da importância do apoio aos hemofílicos graves e permite-lhes aliviar alguns sentimentos de culpa, inadaptação e desespero».

Numa conferência de Imprensa relacionada com o Dia Mundial do Hemofílico, que se celebra hoje, Lurdes Fonseca justificou também a necessidade da descentralização do tratamento à doença com a impossibilidade de socorro tempestivo, em muitos casos de crises hemorrágicas.

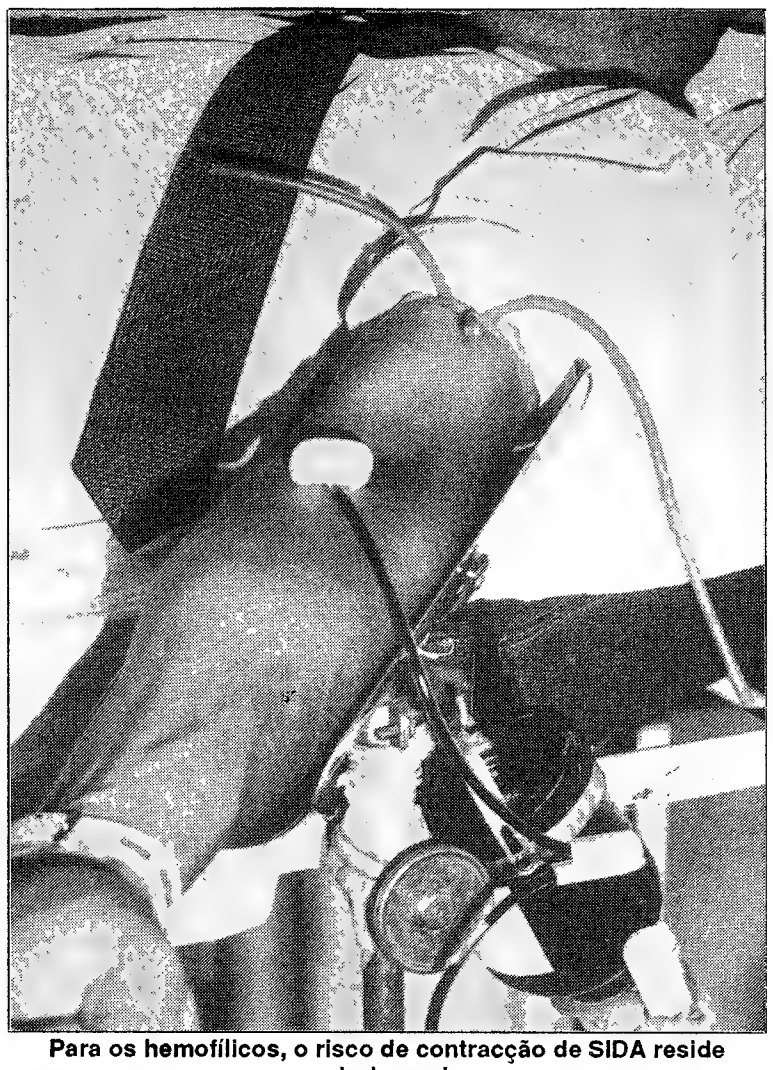
Vice-presidente da APH, Lurdes Ferreira, referiu as conclusões de um inquérito do ano passado, segundo o qual há hemofílicos a residir a cerca de cem quilómetros do local de tratamento, o que impede a assistência oportuna às crises, sendo um factor da maioria das deficiências físicas granjeadas por estes doentes.

Outra prioridade apresentada é a criação de uma garantia para os produtos derivados de sangue, comprovativa da sua inocuidade.

Na mesma ordem de ideias, Lurdes Fonseca, que é vice-presidente da APH, advogou a gratuidade de medicamentos e análises para os hemofílicos e outros receptores de produtos derivados do sangue, por estes infectados com SIDA.

A dirigente da APH justificou a iniciativa do encontro com os jornalistas pela vontade de dar a conhecer à opinião pública a actual situação dos hemofílicos, uma vez que se terão vindo a revelar infrutíferos todos os contactos com as «entidades responsáveis».

As diligências até hoje empreendidas pela APH com vista à satisfação dos seus principais objectivos têm incidido em departamentos do ministério da Saúde, Assembleia da República, Secretariado Nacional de Reabilitação e Instituto Nacional de Sangue.



Para os hemofílicos, o risco de contracção de SIDA reside no tratamento.

Doença hereditária e «masculina»

A eleição da data de 17 de Abril para Dia Mundial da Hemofilia representa uma homenagem ao fundador da Federação Mundial dos Hemofílicos, Frank Schnabel, nascido naquele dia, em 1926. A comemoração ocorre num momento em que as autoridades médicas portuguesas procuram aperfeiçoar os meios de combate a essa doença.

Herdada de pais ou avós, a hemofilia, transmitida apenas por mulheres, atinge, em contrapartida, apenas os homens, e coloca os seus pacientes num dos grupos de risco da SIDA.

Em Portugal, não se sabe bem quantos hemofílicos existem, mas nos ficheiros da APH estão registados 550 casos, calculando-se porém que existam bastante mais, sem qualquer acompanhamento médico. Estatísticas internacionais indicam que a doença afecta 1,5 em cada 10 mil indivíduos do sexo masculino.

Causada pela ausência de um dos factores de coagulação do sangue, a hemofilia é incurável. Tem, no entanto, um tratamento que consiste na administração, por via endovenosa, do factor em défice, que é extraído do plasma e misturado com um diluente. O número de unidades a administrar depende do peso do doente e o método é cem por cento eficaz.

O perigo da Sida

É porém com o tratamento que surge o perigo de contracção da SIDA, pois cada vez que um hemofílico o necessita recebe um concentrado obtido do sangue de mil dadores, ou seja, fica com mil vezes mais probabilidades de acolher o vírus do que uma pessoa que recebe uma normal transfusão de sangue.

Os testes a todas as séries de concentrados que entram no País só se tornaram obrigatórios em 1987, o que, na opinião de muitos médicos, «foi tarde de mais».

Redacção «DL» / Lusa

Carris suspende averiguação sobre uma acusação de racismo

A Carris suspendeu uma averiguação interna a um eventual caso de atitudes racistas de um seu condutor de autocarro, noticiado por um jornal, por alegada impossibilidade de localizar testemunhas.

Uma responsável do gabinete de Relações Públicas da empresa disse ao DL que, tendo o motorista visado na notícia negado a protagonização de qualquer incidente como o descrito, a averiguação, para avançar, carece de depoimentos de quem tenha presenciado a cena.

Esta, tal como a relatou o «Jornal de Notícias», do Porto, ocorreu num autocarro que circulava na Baixa lisboeta, e opôs o funcionário da Carris a um jovem negro que pretendia adquirir bilhete.

«Andam também estes negros para aqui a dar trabalho» e «Estou farto de pretos», além de obscenidades, foram alguns dos impropérios proferidos pelo homem, que, segundo o diário nortenho, os estendeu a outros passageiros que tomaram a defesa do ofendido.

As Relações Públicas da Carris alegam ainda não terem recebido o indispensável apoio do «Jornal de Notícias», que se recusou a fornecer a identidade do autor da notícia, inviabilizando a progressão do processo disciplinar.

Esta imputação foi no entanto desmentida ao DL pelo responsável interino da Redacção de Delegação de Lisboa do mesmo jornal, Diamantino Bravo, que salienta que a peça em questão ostentava a assinatura do jornalista Luís Alberto Ferreira.

Diamantino Bravo comentou também que quaisquer outras atitudes do «Jornal de Notícias» em relação com esta matéria não são de considerar, pois extravazariam do âmbito jornalístico.

A notícia do matutino do Porto indicava a carreira e a matrícula do autocarro em que se verificou o incidente e a hora a que ele ocorreu.

QUOTIDIANO

A lei sobre planos directores municipais não garante o caminho para o fim do caos urbanístico em que o País vive - diz a Associação dos Arquitectos Portugueses. O que dirão hoje os deputados, quando a lei subir à ratificação no plenário da Asssembleia da República?

Lei não acaba com caos urbanístico

A Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) entende que a lei sobre planos directores municipais, publicada no mês passado pelo Governo, vai provocar uma grande desordem urbanística, não garante a qualidade técnica e afasta a participação dos cidadãos. Por isso, enviaram aos deputados um parecer pormenorizado sobre tal decreto-lei, na esperança de serem ouvidos, quando ele subir à ratificação hoje na Assembleia da República.

Em reunião com a imprensa, o presidente da AAP, arq. Silva Dias, disse que, se a lei não for alterada, são de esperar os piores resultados em relação aos propósitos que ela se propunha cumprir e que teria sido possível evitar se o Governo ouvisse os técnicos que a têm de aplicar. O secretário geral da AAP, arq. Manuel Queirós, acrescentou que já é tempo de o Governo ouvir os principais interessados, e entre estes os arquitectos, que também são responsáveis pela transformação do País.

Na medida em que um mau planeamento municipal pode criar condições de vida irreversivelmente más, ele toca o quotidiano das pessoas, no que diz respeito à habitação, aos equipamentos sociais, à eficácia dos transportes e à preservação do património natural e edificado, como salientou Silva Dias.

A legislação vigente, datada de 1982, não obteve resultados, o que se pode aferir pelo facto de até hoje só terem sido aprovados quatro planos directores municipais, cerca de 130 se encontrarem em fase de execução e de perto de 180 ainda não terem arrancado, o que explica o caos urbanístico em que se vive no País e que, segundo a AAP «atinge foros de calamidade pública».

O Governo pretende agora que todos os planos estejam concluídos até ao fim de 1991, e a AAP considera que não há condições sérias para cumprir tal prazo, pelo que o planeamento daí resultante só poderá dar origem a um urbanismo atabalhoado. Tal hipótese reforça-se porque, no entender da AAP, o decreto não exige qualificações técnicas

às equipas responsáveis pela elaboração dos planos, não regulamenta as regras da sua encomenda, não aplica o planeamento a áreas rurais e não estabelece nenhuma articulação com a lei dos solos e a regulamentação dos loteamentos, que muito tardam. Esta falta de exigência mais o prazo apressado em que tudo será feito não augura nada de bom quanto ao futuro do nosso urbanismo.

Para quando uma ordenada paisagem urbana

O arq. Jorge Silva, coordenador de uma comissão que a AAP criou para estudar as leis de arquitectura, fez notar que vai ser difícil organizar cerca de trezentos planos directores municipais até fim de 91, recordando que um plano, na melhor das hipóteses demora 20 meses a elaborar, que um gabinete não poderá aguentar mais de dois planos, o que implicaria existirem cerca de150. Daqui se poderá concluir que a legislação não tem em conta a capacidade real técnica de elaboração de planos sérios e, por isso, na expressão de Silva Dias, se vai assistir a um saldo de planos, realizados por equipas sem qualificação.

Ainda segundo Jorge Silva, vai faltar informação de base actualizada, como as do censo de 1990, do cadastro e da cartografia.

O que se pode perguntar é quem estará interessado neste atabalhoamento, nesta falta de rigor, na falta de capacidade das comissões de coordenação regional para examinar tal avalancha de planos, na ausência de consulta eficaz da população e de interesses locais? Certamente os mesmos que têm beneficiado do caos resultante da falta de planeamento.

Quanto à participação das populações, diz a AAP que « apontada como um dos princípios fundamentais do diploma, encontra-se na prática reduzida apenas ao inquérito público final, quando o Plano já se encontra totalmente elaborado, não sendo possível, sem grandes custos, qualquer alteração do fundo.»

Uma questão de fundo se coloca em relação à eficácia dos planos directores municipais, enquanto instrumento de regulação do urbanismo: para além de actualizadas leis dos solos e dos loteamentos, a que a AAP fez referência, é difícil realizar tal eficácia sem a adopção de uma verdadeira política de ordenamento do território e de desenvolvimento regional sustentado.

Adelino Cardoso

TV: Quem vê o quê ?

Quantos portugueses vêem televisão? Praticamente todos, revelam as sondagens, que, em breve, vão passar a ser muito mais rigorosas quanto aos níveis de audiência, com a instalação de um novo sistema pela Marktest em colaboração com o britânico AGR Research Group.

Inicialmente, o novo sistema vai ser instalado na Grande Lisboa, mas as suas segundas fases prevêem a instalação no Grande Porto e em outras regiões urbanas. O sistema de medição electrónica de audiência de televisão, vulgarmente conhecido por «meters», envolve tecnologia sofisticada, ligando, por telefone, cada lar a uma unidade central de controlo que recolhe os dados.

Primeiros resultados já conhecidos, embora de carácter mais geral, deram a conhecer que 96 por cento dos lares da Grande Lisboa possuem pelo menos um receptor de televisão, que 30 por cento têm dois, 5 por cento contam com três e um por cento possui 4 televisores. O mesmo estudo revelou, também, que 80 por cento dos lares da Grande Lisboa dispõem de um televisor a cores e 43 por cento não dispensam o vídeo.

População de Barcelos receia novas barragens

Reprovados no Outono passado pelo Governo, os projectos de mini-barragens no rio Cávado vão reaparecer e, provavelmente, voltar a levantar acesa celeuma, tanto mais que, a breve prazo, serão postos a debate público, como acontecera em relação aos anteriores.

Os projectos foram já apresentados ao Governo, aguardando-se a publicação de novos editais para que as instituições públicas e privadas e pessoas singulares possam contestar o projecto, apoiado pelo programa Valorem e considerado altamente rentável.

Os novos projectos prevêm a construção das mini-centrais hidro-eléctricas sobre o açude de Santo António de Vessadas, e a montante da projecto anterior, em Santa Marinha, mas agora já no concelho de Barcelos

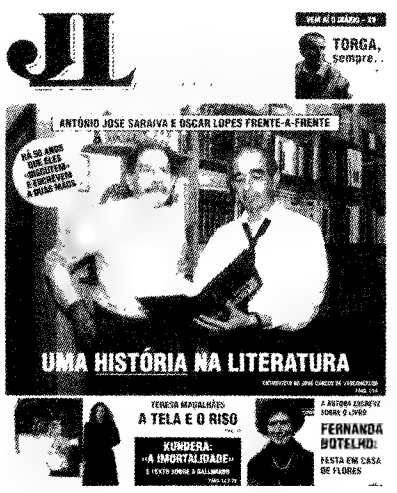
Na sua nova estratégia, a empresa, a Raúl Ferreira, S.H.N., e os seus responsáveis pretendem anular os principais problemas que estiveram na origem da anterior contestação e, sobretudo, não entrar em conflito com pessoas e instituições que se haviam oposto firmemente ao projecto, contactando pessoalmente essas entidades e procurando demonstrar o carácter inócuo do empreendimento e apontando-lhe os aspectos positivos

Na sua última edição, o jornal «Barcelos Popular» assinala, porém, que os impactes negativos em termos ambientais se mantêm e que poderão, até, agravar-se no que respeita a barragem a instalar em Santo António de Vessadas, mesmo em cima da central de captação das águas da cidade. «É que está provado -- escreve aquele jornal -- que a captação deáguas para consumo em redes públicas de abastecimento não têm resultado satisfatoriamente. Por exemplo, na de Crestuma-Lever, estão a registar-se problemas de vária ordem que resultam, por um lado,de as areias se tornarem menos permeáveis pela acumulação de detritos lamacentos e, por outro, por problemas relacionados com o fenómeno da eutrofização que resulta,em grande parte,da acumulação de algas, limos e outras espécies vegetais aquáticaas em águas menos oxigenadas e com índice elevado de detritos orgânicos.»

Outros problemas são o alagamento de campos agrícolas, destruição de açudes e de antigas construções marginais ao rio. «O próprio problema da salinização do leito e margem do Cávado se mantêm, até porque não se pode garantir que o caudal ecológico, em período de estiagem, seja respeitado, uma vez que não está definido quantitativamente».

Às terças-feiras

JL jornal de letras, artes e ideias



António José Saraiva e Óscar Lopes: uma história na Literatura

- Frente-a-frente dos autores de um grande best-seller

Kundera: o novo romance e um texto sobre a Gallimard

Teresa Magalhães: a pintura e o riso

Fernanda Botelho escreve sobre «Uma Festa em Casa de Flores»

	TOTAL	SEXO: Masculino	SEXO: Feminino	IDADE: 18 a 24	IDADE: 25 a 34	IDADE: 35 a 54	IDADE: 55 mais	CLASSE: Alta	CLASSE: Média	CLASSE: Baixa
Em política fala-se muito de ESQUERDA e de DIREITA. Em sua opinião, qual das duas políticas...										
RESPEITA MAIS A LIBERDADE DOS CIDADÃOS										
Esquerda	31.8	29.7	33.5	26.7	36.6	34.9	26.2	27.8	30.5	37.1
Direita	29.8	32.4	27.5	29.5	18.9	34.1	33.0	27.0	32.8	28.7
Ambas	15.3	16.9	14.0	23.2	12.5	14.2	14.8	19.6	15.7	10.7
Nenhuma	15.4	16.0	14.9	14.6	21.7	12.0	15.5	20.6	15.1	10.8
Não Sabem	6.4	3.0	9.3	6.0	8.5	3.8	8.6	4.9	4.8	9.8
NR	1.3	2.0	.7	—	1.9	1.1	1.9	—	1.1	2.9
É MAIS AUTORITÁRIA										
Esquerda	25.6	29.3	22.4	28.0	25.2	30.6	17.5	18.9	28.5	28.5
Direita	35.3	34.1	36.4	42.7	29.7	31.5	41.2	37.5	35.1	33.4
Ambas	23.3	27.1	20.1	15.6	30.5	23.8	20.8	31.6	24.1	14.1
Nenhuma	2.7	3.3	2.2	6.2	3.4	2.1	.9	3.3	2.0	3.1
Não Sabem	11.6	4.1	17.9	6.2	11.3	9.7	17.6	8.7	8.6	18.1
NR	1.5	2.1	1.1	1.2	—	2.3	1.9	—	1.6	2.9
SE EMPENHA MAIS NA JUSTIÇA SOCIAL										
Esquerda	37.4	40.6	34.7	50.2	40.3	35.1	30.8	45.1	36.4	31.2
Direita	25.0	25.4	24.7	23.9	25.3	25.0	25.4	21.8	28.7	23.5
Ambas	10.7	10.7	10.8	3.4	15.6	11.3	10.2	12.4	11.1	8.6
Nenhuma	11.4	11.7	11.2	13.5	8.7	13.4	9.9	10.7	11.1	12.6
Não Sabem	13.9	9.1	17.9	9.0	10.1	14.2	19.3	8.8	12.6	20.3
NR	1.5	2.5	.7	—	—	1.1	4.3	1.1	—	3.8
DÁ MAIOR APOIO ÀS INICIATIVAS CULTURAIS										
Esquerda	38.1	39.8	36.7	30.6	49.9	38.9	31.4	41.3	37.0	36.4
Direita	26.0	27.5	24.8	26.9	26.7	22.8	29.6	21.8	31.9	22.8
Ambas	13.1	15.8	10.9	26.2	14.6	9.4	9.5	18.1	14.7	6.3
Nenhuma	6.1	6.4	5.8	8.9	1.6	7.3	6.4	8.3	4.3	6.1
Não Sabem	15.3	8.3	21.2	7.4	7.3	19.3	21.0	10.4	11.0	25.4
NR	1.4	2.2	.7	—	—	2.3	2.1	—	1.1	3.0
MELHOR DEFENDE A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE										
Esquerda	47.2	45.2	48.9	48.3	53.4	44.9	44.4	53.9	44.9	43.5
Direita	16.7	18.7	14.9	15.0	11.9	17.3	20.8	9.1	25.0	13.5
Ambas	12.3	14.2	10.6	20.2	12.6	13.6	5.4	16.3	12.1	8.5
Nenhuma	8.9	10.4	7.6	11.6	10.3	8.4	6.7	10.9	9.4	6.2
Não Sabem	13.3	8.7	17.2	4.9	8.4	14.7	20.5	8.6	8.5	24.0
NR	1.7	2.8	.7	—	3.3	1.1	2.1	1.2	—	4.2
DEFENDE A INICIATIVA PRIVADA										
Esquerda	11.9	10.1	13.4	11.4	14.3	9.8	13.1	6.6	11.3	17.8
Direita	66.3	71.7	61.7	64.6	74.7	69.1	56.1	79.8	69.1	49.5
Ambas	4.5	6.2	3.0	11.0	1.6	1.9	6.7	5.1	6.5	1.3
Nenhuma	2.8	2.6	2.9	3.9	2.8	2.1	3.0	2.5	3.4	2.2
Não Sabem	13.5	7.8	18.3	9.1	6.6	16.1	18.1	6.0	9.7	25.4
NR	1.2	1.7	.7	—	—	1.1	3.0	—	—	3.8
TEM UM MELHOR RESPEITO PELOS DIREITOS DOS CIDADÃOS										
Esquerda	28.6	29.1	28.1	24.9	26.7	33.0	26.2	24.8	29.5	31.1
Direita	29.3	33.4	25.8	37.5	29.5	28.2	25.9	30.7	29.7	27.5
Ambas	18.6	20.2	17.1	18.5	26.7	17.5	13.1	20.2	21.0	13.8
Nenhuma	12.0	9.0	14.5	13.1	11.9	9.2	15.1	13.8	11.3	11.0
Não Sabem	9.6	4.8	13.7	6.0	5.2	9.1	15.3	9.3	7.3	12.7
NR	2.0	3.4	.7	—	—	2.3	4.3	1.1	1.1	3.8
TEM UM MELHOR PROGRAMA PARA A SAÚDE EM PORTUGAL										
Esquerda	22.7	25.3	20.6	16.0	28.9	22.8	21.3	28.6	19.2	21.6
Direita	25.4	28.0	23.3	30.6	19.7	26.3	26.1	24.1	26.7	25.1
Ambas	6.1	7.5	4.9	7.6	7.8	6.2	3.7	4.3	7.9	5.6
Nenhuma	16.2	16.6	15.7	15.8	11.6	16.4	20.0	20.8	15.1	12.4
Não Sabem	26.7	18.5	33.7	30.1	30.3	24.6	24.5	22.2	29.8	27.1
NR	2.9	4.1	1.8	—	1.7	3.6	4.4	—	.9	8.1
TEM UM MELHOR PROGRAMA PARA EDUCAÇÃO										
Esquerda	25.0	23.6	26.3	25.1	30.4	24.3	21.4	20.9	22.0	32.9
Direita	29.0	33.4	25.3	34.2	25,9	26.8	31.8	27.5	36.2	21.4
Ambas	10.2	9.5	10.9	11.4	9.8	10.0	10.2	12.8	10.6	7.4
Nenhuma	12.5	11.6	13.1	14.5	13.5	11.0	12.5	17.0	10.6	10.4
Não Sabem	20.1	17.8	22.1	14.8	18.7	23.5	19.6	20.9	19.8	19.8
NR	3.1	4.1	2.3	—	1.7	4.4	4.4	.9	.9	8.1
MELHOR DEFENDE OS DIREITO DOS TRABALHADORES										
Esquerda	56.1	56.1	56.2	66.2	59.4	53.5	51.2	56.4	57.5	54.2
Direita	16.0	15.3	16.6	15.0	12.5	19.9	14.1	18.4	14.9	15.1
Ambas	8.5	8.6	8.3	6.2	10.0	8.0	9.2	8.5	9.1	7.6
Nenhuma	8.9	9.4	8.4	8.1	9.9	9.1	8.1	10.6	8.6	7.5
Não Sabem	8.5	7.0	9.8	4.5	6.5	7.2	14.4	6.0	8.8	10.5
NR	2.0	3.5	.7	—	1.7	2.3	3.0	—	1.1	5.1
DÁ MAIS IMPORTÂNCIA AS FORÇAS ARMADAS										
Esquerda	15.2	14.8	15.6	24.6	14.8	13.2	13.0	9.1	16.3	19.9
Direita	39.2	45.1	34.3	32.4	43.8	37.1	42.2	44.8	41.5	30.9
Ambas	13.8	17.5	10.7	10.4	11.7	17.3	12.7	17.8	16.9	6.1
Nenhuma	6.7	7.8	5.8	10.6	10.5	5.7	2.7	11.3	6.7	2.4
Não Sabem	23.6	12.6	32.9	20.4	19.2	25.5	26.3	17.0	18.6	36.2
NR	1.4	2.3	.7	1.6	—	1.1	3.0	—	—	4.6

A divisão esquerda/direita
O problema é que os seus co
pontualmente os seus inte
com a pol

Até parece que

Será que ainda se justifica dividir o espectro político em esquerda e direita? Ou será que as ideologias persistem em coexistir com a democracia, os partidos políticos e o «fim da História»? Interrogações nada pacíficas neste 16º aniversário do 25 de Abril, revolução que tornou possível, entre muitas outras, coisas tão aparentemente banais como sondagens de opinião iguais a esta...

Hoje, revelamos os resultados de mais um inquérito à opinião pública realizado na Grande Lisboa e no Grande Porto, no qual se procurou auscultar a preferência dos portugueses em relação a uma política de esquerda ou a uma política de direita.

Neste «confronto», a direita ganhou em seis rubricas e a esquerda em cinco, ainda que por vezes tenham praticamente «empatado» ou ganho à justa.

Concretizando, os portugueses consideram que a direita lhes dá maiores garantias no que respeita à autoridade, defesa da iniciativa privada, respeito pelos direitos dos cidadãos, políticas de saúde e de educação e consideração pelas Forças Armadas.

Mas esses mesmos cidadãos também deram a supremacia à esquerda no que se relaciona com o respeito pela liberdade dos cidadãos, empenho pela justiça social, apoio às iniciativas culturais, defesa da natureza e do meio ambiente e a defesa dos direitos dos trabalhadores.

No quadro desta sondagem Euroteste/«DL» constatou-se, ainda, que uma confortável maioria dos entrevistados reconhece haver diferenças entre os partidos de direita e os partidos de esquerda, diferenças que justificam principalmente por causas de ordem ideológica.

De salientar, também, que a maioria dos entrevistados considera que a vida política portuguesa se deslocou para a direita nos últimos dois anos, tal como defende que um Governo de direita é o mais apto a definir o desenvolvimento económico do País.

Liberdade consensual

O respeito pela liberdade dos cidadãos é um atributo, quer da esquerda quer da direita para 15,3 por cento dos entrevistados, ainda que 31,8 por cento dos inquiridos considere que a esquerda tem mais respeito do que a direita, contra 29,8 por cento que pensa precisamente o contrário.

Mais polémica é a opinião dos que acham (15,4 por cento) que nenhuma daquelas duas áreas políticas se sobrepõe à outra no respeito pela liberdade dos cidadãos, para lá dos 7,7 por cento que não souberam ou não quiseram responder.

Por estratos sociais, nota-se que os entrevistados que favorecem a esquerda nesta questão são muito mais expressivos na classe baixa (37,1 por cento) do que na classe alta (27,8 por cento), com um máximo de expressão no escalão etário dos 25 aos 34 anos (36,6 por cento) e um mínimo entre as pessoas com 55 anos ou mais ((26,2 por cento). Por sexos, os homens registam menos 3,8 pontos do que as mulheres.

Por seu turno, entre os inquiridos que reconhecem que a direita respeita mais do que a esquerda a liberdade dos cidadãos, vê-se que a classe média (32,8 por cento) se destaca ligeiramente em relação às classes alta (27 por cento) e baixa (28,7 por cento). Porém, já nos escalões etários, nota-se uma enorme discrepância de percentagens entre as pessoas dos 35 aos 54 anos (34,1 por cento) e o escalão dos 25 aos 34 (18,9 por cento). E entre os dois sexos, os homens somam mais 4,9 pontos do que as mulheres.

Direita mais autoritária

Interpelados sobre quais das duas áreas políticas é a mais autoritária, 35,3 por cento dos inquiridos optaram pela direita e 25,6 por cento pela esquerda, contra 23,3 por cento que imputaram tal atributo a ambas.

Mesmo assim, 2,7 por cento dos inquiridos recusou tal autoritarismo a qualquer das áreas políticas e 13,1 por cento não souberam ou não quiseram responder.

O mais forte autoritarismo da direita tem um maior índice de reconhecimento na classe alta (37,5 por cento), e vai baixando até ao mínimo de 33,4 por cento na classe baixa. Por idades, esta opinião regista um máximo de adesões entre os mais novos (42,7 por cento) e um mínimo no escalão dos 25 aos 34 anos (29,7 por cento).

Entre os que imputam à esquerda um maior autoritarismo, constata-se um empate entre as classes média e baixa (ambas com 28,5 por cento), opinião que tem um mínimo de expressão na classe alta (18,9 por cento). Entre os homens (29,3 por cento) e as mulheres (22,4 por cento), a diferença também é significativa, tal como entre as pessoas com 55 anos ou mais (17,5 por cento) e o escalão dos 35 aos 54 anos (30,6 por cento).

Justiça social é de esquerda

O empenho na justiça social é, para 37,4 por cento dos inquiridos, maior na esquerda do que na direita, opinião que recolhe a sua máxima expressão na classe alta (45,1 por cento) e um mínimo na classe baixa (31,2 por cento), registando também uma enorme diferença entre os mais novos (50,2 por cento) e os mais velhos (30,8 por cento), mas apenas 5,9 pontos de vantagem para os homens em relação às mulheres.

Já entre os que defendem que aquele empenho é maior na direita, a classe média (28,7 por cento) destaca-se significativamente em relação à classe alta (21,8 por cento), mas não existem grandes discrepâncias de percentagens na ventilação por sexo ou idade.

Neste confronto entre direita e esquerda, os resultados da sondagem Euroteste/«DL» mostram, também, que as iniciativas culturais têm um maior apoio por parte da esquerda (38,1 por cento), contra 26 por cento de respostas favoráveis à direita. Um apoio idêntico entre as duas áreas para 13,1 por cento dos inquiridos, mas que 6,1 por cento não reconheceram de todo, enquanto 16,7 por cento não souberam ou não quiseram responder à questão.

Em relação à defesa da natureza e do meio ambiente, 47,2 por cento dos entrevistados consideram que a esquerda faz muito melhor do que a direita esse papel, 16,7 por cento têm uma opinião contrária e 12,3 por cento não fazem qualquer distinção entre as duas áreas.

Porém, já no que respeita a quem é que melhor defende a iniciativa privada, a direita (66,3 por cento) regista uma esmagadora maioria de respostas que a favorecem, enquanto a esquerda recolhe apenas 11,9 por cento de posições que reconhecem a

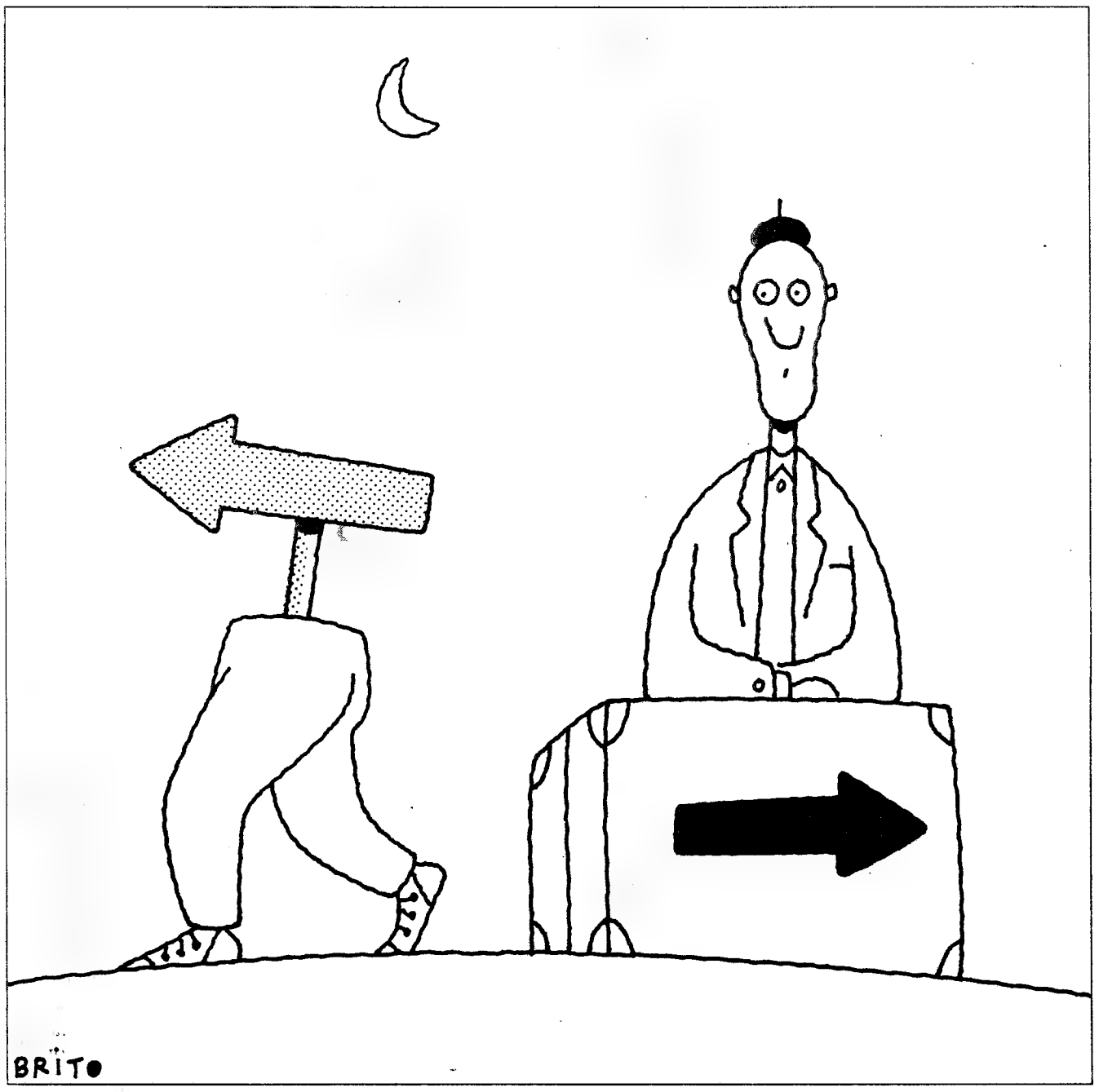
Ficha técnica

Amostra - Constituída por 307 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes n regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, efectuadas por oito entrevistadores nos d 9 e 10.

Margem de erro - De mais ou menos 5,7 por cento, a 95 por cento de probabilidade.

reita não é uma fantasia entre os portugueses.
s corações balançam entre quem melhor defende
interesses específicos, nem sempre coincidentes
política de quem nos governa

ue andamos aos bordos



lasses
s co..t
o que
(pres-
9 por
mens
e as
to), a
gnifi-
s pes-
mais
calão
6 por

ça so-
o dos
na
reita,
a sua
classe
e um
(31,2
ando
difer-
novos
mais
, mas
van-
s em

ndem
maior
média
ca-se
re-
8 por
istem
s de
lação

e di-
sulta-
Euro-
ram,
tivas
maior
erda
ra 26
s fa-
poio
áreas
s in-
por
m de
por
u não
ques-

a da
mbi-
s en-
que
elhor
apel,
opin-
cento
quer
reas.
eita a
ende
reita
uma
e re-
cem,
colhe
o de
em a

sua supremacia nesta questão.

Direitos dos cidadãos

O maior respeito pelos direitos dos cidadãos regista um quase empate nesta sondagem: 29,3 por cento das respostas dão a primazia à direita e 28,6 por cento à esquerda. Curiosamente, 18,6 por cento dos inquiridos entendem que esse respeito é comum às duas áreas, uma opinião liminarmente rejeitada por outros 12 por cento do total de respostas.

Já em relação a quem é que tem os melhores programas para a saúde e para a educação, a direita sai ligeiramente favorecida, com uma média de 3,5 pontos de vantagem sobre a esquerda.

Bastante diferente dos resultados sobre quem é que melhor defende os direitos dos trabalhadores, onde a esquerda (56,1 por cento) recolhe uma esmagadora maioria de respostas favoráveis, contra apenas 16 por cento que dão essa supremacia à direita.

Neste desdobramento do confronto entre direita e esquerda, a última questão levantada pela sondagem prendeu-se com a importância que as duas áreas políticas dão às Forças Armadas. Assim, 39,2 por cento dos inquiridos reconheceram que a direita lhes dá mais importância do que a esquerda, contra apenas 15,2 por cento de opiniões antagónicas.

Diferenças entre partidos

Esta sondagem Euroteste/«DL» tentou, ainda, auscultar a opinião dos inquiridos sobre o reconhecimento, ou não, da existência de diferenças entre os partidos de direita e os partidos de esquerda.

Os resultados mostram que essas diferenças são inequivocamente reconhecidas por uma enorme maioria (88,4 por cento) dos entrevistados, independentemento do seu sexo, idade ou classe social. Mas, apesar disso, 8,6 por cento do total das respostas defendem que não há quaisquer diferenças entre os partidos de direita e os de esquerda, uma opinião mais expressiva entre os homens, nas pessoas dos 35 aos 54 anos e na classe alta.

Depois, perguntou-se às pessoas, mas apenas aos que reconheceram essas diferenças, se fundamentavam a sua opinião em razões de ordem ideológica ou de actuação prática dos partidos. E, aqui, 65,2 por cento dos inquiridos justificaram a sua posição por causas ideológicas, enquanto 28,9 por cento alegaram fundamentar-se na prática dos diversos partidos. Curiosamente, o conjunto de respostas dos primeiros obteve uma grande homogeneidade de valores percentuais, quer por sexo, idade ou classe social.

Uma outra pergunta, sobre qual a deslocação da vida política portuguesa nos últimos dois anos, se virou mais à direita ou mais à esquerda, registou os seguintes resultados: 60,3 por cento dos inquiridos admitiram que essa deslocação se deu para a direita, enquanto apenas 16,5 por cento consideraram que o País virou à esquerda. Neste quadro, 8,4 por cento das respostas negam qualquer deslocação, e 9,1 por cento dos inquiridos responderam que ela ocorreu, mas para o centro.

Os mais novos «borrifam-se» para as fronteiras políticas tradicionais, mas identificam-se com determinados valores por elas balizados

Jovens: rombos no ideário político

A queda do Muro de Berlim, que permanecerá como o símbolo do final do século, está longe de esgotar, de destruir, a fronteira política esquerda/direita. «Mais do que nunca faz sentido falar dessa dicotomia.» Este comentário veio da maioria dos jovens de diferentes sensibilidades que fomos ouvir acerca do assunto. Mudanças no Leste, alterações na América Latina, aproximação dos partidos políticos em Portugal são para eles apenas o reposicionar das peças no tabuleiro da geografia política. Porém, os de direita dizem que os de esquerda lhe assaltaram o ideário e os de esquerda vice-versa.

Porventura a força das palavras esquerda e direita é bem menor. Há 20 anos ainda se conseguia associar um poder mais conservador, uma maneira mais tradicionalista de viver à primeira e, por oposição, uma forte preocupação social e um desejo de transformar o mundo à segunda. Hoje as coisas são menos claras. «Actualmente, os valores da Revolução Francesa são secundados por todas as famílias políticas», diz Pedro Passos, dirigente da Juventude Social Democrática (JSD).

Para Rogério Moreira, da Juventude Comunista Portuguesa, as fronteiras entre a esquerda e a direita esbateram-se no domínio da prática política, mas não se alteraram os ideais e o edifício teórico que as sustenta. A falha das propostas de «sínteses globais» explica para António Seguro, líder do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) e dirigente da Juventude Socialista (JS), a diluição parcial das duas famílias políticas.

«Alguns dos velhos conceitos de esquerda, como solidariedade e justiça social, começaram a ser utilizados pela direita», frisa António Seguro. Para Manuel Monteiro, ex-dirigente da Juventude Centrista as incursões relatadas por Seguro são de outra natureza: «Atendendo ao que acontece no Leste, é a esquerda que se reposiciona. Sem perder a sua identidade ela veste outra camisola para atrair as pessoas que lhe estavam fugir. É curioso ver a direita com medo de se assumir e a esquerda a pegar nas suas ideias para sobreviver.»

Miguel Castelo Branco, da Nova Monarquia é o mais ferveroso adepto das diferenças entre os dois pólos. Pelo que vira o dedo acusador para as forças políticas que «desvirtram os valores da direita e deram azo aos excessos da esquerda». Na sua opinião, «nos últimos 15 anos, uma certa direita liberal alienou-se porque apenas se tornou portadora de projectos económicos e a velha esquerda aburguesou-se através dos partidos socais-democratas. É a esquerda de fraque e gravata, a que frequenta os hóteis de luxo».

No fim do século XIX, a direita representava os poderosos, a esquerda o mundo dos operários e dos assalariados. Se passarmos ao projecto histórico, a primeira defendia o papel dos grupos económicos privados e o mercado como os principais agentes da industrialização, enquanto a segunda queria dar ao Estado um papel central, expressão da razão e da história.

Em Portugal, o 25 de Abril trouxe às forças de esquerda o combate pelas nacionalizações, pelo controlo operário, pela luta de classes, pela educação laica. A direita durante um bom período... pouco ou nada reivindicou. Depois chegou-lhe a febre do desenvolvimento económico, das privatizações, do bem-estar social. Quinze anos de democracia terão subvertido estes valores?

«Para os ferverosos defensores dos dois lados há

cont. na pág. 18

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Jovens à procura do ideário perdido

cont. da pág. 17

linha que, embora se «borrifem» para as fronteiras políticas tradicionalmente estabelecidas, os jovens identificam-se com determinados valores por elas balizados.

Vivemos numa sociedade ferozmente individualista. Para Rogério Moreira este valor do pessoal sobre o colectivo leva as camadas mais novas a aderir de imediato às questões que as tocam de perto e menos aos grandes ideiais. Na sua óptica, «as juventudes partidárias respondem muito pouco às novas necessidades. Infelizmente nem se tratam bem a si próprias, quando os dirigentes as transformam em sucursais dos partidos 'pais' e subordinam a sua actuação ao desejo de um brilhante futuro político». Opinião idêntica é expressa por Manuel Monteiro, para o qual os jovens estão apartados dos partidos e não da política enquanto uma grande desorientação. Sobretudo a esquerda tem de compreender que os combates permanentes chegaram ao fim», afirma António Seguro, acrescentando. «Hoje não faz sentido andar a apregoar a luta contra o patronato, mas se houver um conflito numa empresa pode-se lançar esse apelo. É aqui que reside o combate do dia a dia».

Para o presidente do CNJ, «a esquerda continuará sempre a ser mais romântica e a direita mais calculista». Também Rogério Moreira apela às tradições culturais da esquerda para marcar o seu território, tradições que se reflectem na maior abertura face às questões do ambiente, da discriminação sexual, do aborto, da inseminação artificial.

E a juventude? Como se situa ela neste quadro? António Seguro não tem dúvidas: «Qualquer jovem responde mais depressa se é do Sporting ou do Benfica». O dirigente socialista sublinha a expressão da sociedade.

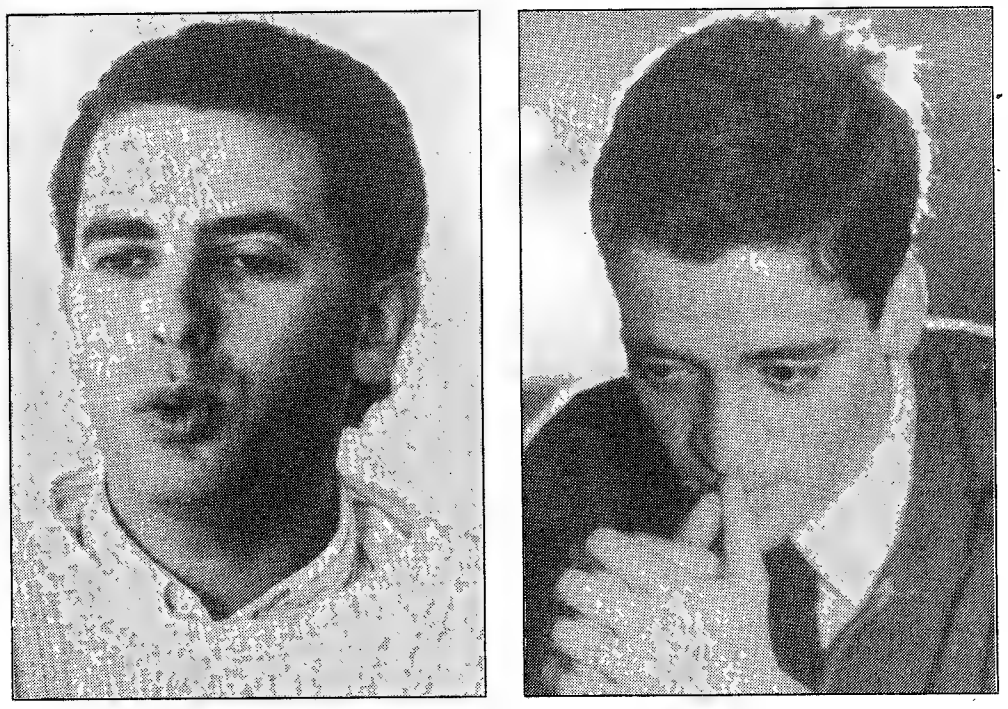
Outro ponto consensual é o de que os media transformaram o discurso dos políticos. Estes são obrigados a venderem um produto rotulado e esquecem a importância da mensagem. As diferenças políticas acabam por se esvair.

A máquina mediatizadora é benéfica quando, num processo vertiginoso, ajuda a propagar as ideias a vastas camadas da população. «O PCP poderia continuar a defender as mesmas notas gastas se os meios de comunicação social tivessem fechado o seu espaço aos acontecimentos no Leste», refere António Seguro. Defende, por outro lado, que «esse noticiário deveria ter sido acompanhado por um profundo debate, pois a informação pura e simples apanha o cidadão desprevenido e baralha-o».

Lançámos mais uma acha para a fogueira: será que o progresso da ciência está a acompanhar a reflexão esquerda/direita? «Os programas dos partidos estão desactualizados das suas práticas políticas e das questões prementes desta sociedade.» Esta resposta de Pedro Passos atinge em pleno o vazio em que caem novos temas como a ecologia, a genética, a informática, entre outros. «São problemas que tem fortes implicações morais e que estão por teorizar. É urgente os partidos encontrarem uma resposta para o domínio ético», acentua.

Os tradicionais cânones políticos começam, pois, a cheirar a mofo. Será preciso sacudi-los, dar-lhes uma lufada de ar fresco para que, como Manuel Monteiro refere, «não se continuem a defender ideias vagas, em tempo de campanhas eleitorais, só com o íntuito de ganhar votos para o cesto». Acrescenta o centrista que «a direita e a esquerda terão de fazer vingar as suas diferenças e divergências, caso não se queira acabar com o saudável debate das ideias».

Paula Sá



António Seguro, da Juventude Socialista, e Miguel Castelo Branco, da Nova Monarquia, defendem a fronteira esquerda/direita no panorama político actual. O discurso de ambos marca a diferença

Diogo Pires Aurélio:

O último combate

O marxismo-leninismo adquiriu um rosto universalmente contestado. A luta de classes já não funciona como motor da sociedade. A velha linguagem dos dois imperialismos também caiu. Mas, há ainda toda uma tradição de ideias políticas que se mantém e faz viver a dicotomia direita/esquerda.

Para Diogo Pires Aurélio, administrador da Imprensa Nacional, «faz sentido falar de uma esquerda e de uma direita, se mais não for porque são ainda matrizes de todas as diferenças que as pessoas invocam. Quando se diz que não faz sentido está a sobrevalorizar-se um período mais afirmativo da história da esquerda que é, efectivamente, o marxismo-leninismo o que me parece não ser legítimo».

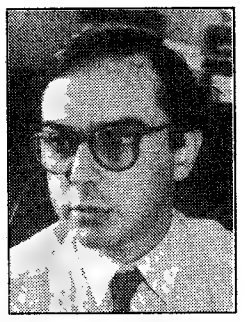
A esquerda perdeu uma parte do seu passado. Desviou-se da sua afirmação original, mas o «combate» entre valores de direita e de esquerda vai continuar. «Penso que nas sociedades em que a democracia já está consolidada perdurará, durante algum tempo, uma diferença entre direita e esquerda. Pelo menos, no interior das forças que aceitam a democracia, uma diferença mais nítida virá forçosamente ao de cima sempre que estiverem em causa questões decisivas» - disse-nos Diogo Pires Aurélio.

Segundo este professor da Universidade Nova de Lisboa, os processos de garantia de maior equidade na repartição da riqueza e a atitude a assumir perante a defesa do País são temas que ainda marcam a linha divisória entre os dois blocos. «Outra linha que continua a dividir de forma nítida a esquerda da direita é a atitude de ambas perante o que chamamos Nação. Não quer dizer que a esquerda seja menos patriótica que a direita, mas, esta, tenderá sempre no sentido em que a Nação apareça primeiro que o indivíduo. Enquanto para a esquerda, o indivíduo estará sempre em primeiro lugar» - frisou. A velha linguagem que põe de um lado o bem e do outro o mal também já não faz sentido. Daí que a tendência para colocar em franjas menores as fatias, quer de esquerda quer de direita, que não interiorizaram totalmente o jogo democrático, seja cada vez maior. Diogo Pires Aurélio diz-nos: «Não faz sentido falar de esquerda e de direita como soluções de verdades absolutas. Mas, há tradições distintas que se mantem vivas na sociedade e que garantem a luta política no interior da democracia. Por exemplo, na sociedade portuguesa há muitos mais pontos de contacto entre o PS e o PSD do que entre o PS e o PCP. Ambos estão há muito tempo integrados neste campo democrático e aceitaram-no como valor universal, coisa que não acontece com o PCP. Resta saber se ele se encaminha para aceitá-lo.» O combate entre a democracia e a resistência à democracia não se avizinha para um futuro próximo.

A. M. I.

João Carlos Espada:

Três áreas ideológicas



Para João Carlos Espada, assessor da Presidência da República, a grande diferença entre esquerda e a direita reside na forma como encaram a realidade. A esquerda tem uma atitude construtivista e a direita anticonstrutivista.

No seu entender, «a direita pensa que o que existe na sociedade é produto de uma selecção histórica. A tradição é algo que devemos respeitar. Todas as mudanças predeterminadas pela sociedade, indivíduos e Estado provocam mais efeitos negativos do que positivos. Por sua vez, a esquerda entende que a tradição é susceptível de crítica. Acredita na possibilidade de construir novas realidades a partir de razões».

Assim, «existem, pelo menos duas esquerdas e duas direitas. A direita moderada e a esquerda moderada, a direita extrema e a esquerda extrema. O centro tende a ser um lugar vazio. O que há é um eleitorado central», acrescenta, explicando que a direita moderada pode estar mais próxima da esquerda moderada do que da direita conservadora.

João Carlos Espada encontra no panorama político actual três grandes áreas ideológicas: «a direita conservadora», cujos principais valores são a tradição, a propriedade privada, a hierarquia e a Nação; a «esquerda colectivista» que acredita na revolução, na propriedade colectiva, na igualdade e nas classes; e a «esquerda liberal» defensora da abertura política, do mercado livre, da liberdade e do indivíduo.

Por outro lado, aceitar a luta de classes deixou de marcar a diferença entre direita e esquerda. Pelo menos João Carlos Espada faz a clivagem «pelo conflito, hoje muito importante, entre consumidores e produtores, entre accionistas e empresários».

A questão da propriedade privada e propriedade colectivista é igualmente posta de parte. Segundo este analista existem problemas mais importantes, por exemplo o poder.

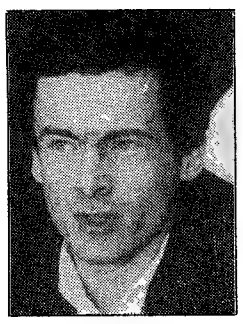
Para João Carlos Espada, as recentes modificações a Leste significam que acabaram as ditaduras. Mas a esquerda e a direita mantêm-se. «É preciso que a esquerda perceba esta coisa fundamental: só em democracia pode haver esquerda e direita, quando a esquerda e a direita se põem de acordo com a existência uma da outra. O que está a haver é um consenso para acabar ou só com a esquerda ou só com a direita», acrescenta.

João Carlos Espada - antes do 25 de Abril foi marxista-lennista, maoista, e até 1978, pertenceu à UDP - «entende que, em Portugal, estamos numa democracia onde podem coexistir diferentes esquerdas e diferentes direitas». Ele confessa-se de esquerda, mas da área liberal.

C.N.

Pierre Guibentif:

Tempos difíceis



«O nacionalismo, o autoritarismo e a luta de classes podem já não estar na moda, mas falar de esquerda e de direita continua a fazer sentido. No aspecto ético-político esta divisão terá até de se reforçar se se quiser caminhar para a reafirmação destes dois pólos.» Esta a opinião do sociólogo Pierre Guibentif, segundo o qual os próximos tempos serão difíceis, quer para a esquerda quer para a direita, porque as irá obrigar a uma «recaracterização».

Pierre Guibentif defendeu que se hoje a direita e a esquerda estão descaracterizadas isso se deve, em parte, à acção dos partidos. «A contribuição actual dos partidos políticos tem sido no sentido da descaracterização destas duas forças. Mas, não me parece provável que esta atinja a totalidade. Penso que a evolução em Portugal poderá até levar a uma redefinição da direita e da esquerda que terá pouco a ver com os partidos políticos que hoje a representam» - disse-nos.

Para este sociólogo, tal processo terá de ser feito no plano socioeconómico. É ele que nos diz: «A esquerda perdeu a sua base sociológica. Hoje já não há uma classe trabalhadora para a servir, mas a redefinição destes dois pólos irá fazer-se no plano da organização económica e no da social. O que torna legítimo falar de esquerda e de direita é o facto de existir e de se aceitar um sistema económico que se apoia na empresa e na divisão entre empresários e assalariados. Esta divisão direita/esquerda irá continuar a acentuar-se enquanto o sistema económico tiver solidez»

Contudo, este sociólogo alertou para o facto de uma nova força estar a aparecer tanto em Portugal como nos restantes países europeus e de poder vir a perturbar o jogo democrático onde direita e esquerda se entendem. «Um dos factores que pode vir a perturbar estas duas posições é a existência de uma extrema-direita. É uma posição que ganha cada vez mais peso, sobretudo na Europa porque em Portugal ainda há a memória de um regime ditatorial de muitos anos, o que faz com que esta ideia apareça desqualificada» - frisou.

Na sua opinião a direita perde muito dos seus argumentos no plano ideológico. E a queda do bloco de Leste, de que tanto se socorre agora, numa tentativa de afirmação dos seus valores, mais cedo ou mais tarde também deixará de fazer sentido nessa perspectiva. «O que sempre distinguirá a esquerda da direita é a sua luta pela dignidade e autonomia individual. O direito de todos se assumirem a si próprios, de pensarem por si próprios e de participarem na tomada de decisões. Mas, esta esquerda que descrevi não tem nada a ver com os países de Leste, um imperialismo *sui generis* que também teve uma duração histórica relativamente curta» - referiu Pierre Guibentif.

A.M.I

CULTURA

O concerto «Mandela Day», realizado ontem à noite no Estádio de Wembley, pode bem ser o acontecimento «rock» de 1990. Mais do que as vedetas da música, a estrela da noite foi o homenageado

Mandela superstar

A culpa é toda de Bob Geldof. Em 1986, ao realizar o «Live Aid», o líder dos Boomtown Rats percebeu que os concertos *rock* de longa duração eram uma óptima maneira de dar de beber a quem tem sede e de melhorar as imagens dos *rockers*, tradicionalmente vistos como os mais feios, porcos e maus do mundo do espectáculo. A moda pegou. Há dois anos foi a vez de exigir às autoridades sul-africanas a imediata libertação do homem que ontem, com outro concerto, voltou a ser homenageado pelas dezenas de músicos que desfilaram no palco montado no Estádio de Wembley, ao longo das cerca de quatro horas de duração do espectáculo.

Mais do que Lou Reed, Neil Young, Peter Gabriel ou Tracy Chapman, para apenas salientar os *vips*, Nelson Mandela foi a estrela grande entre as grandes estrelas que pontificaram na noite de Wembley. Todas as vedetas lhe prestaram homenagem, confessaram que ele as fizera sentir mais pequenas e cantaram odes ao ANC e a toda a ânsia de libertação que o movimento representa desde há décadas. Peter Gabriel, por exemplo, ao encerrar o espectáculo deixou aos muitos que o quiseram ouvir o seu incitamento à luta anti-*apartheid*. Muito bem acompanhado por Tracy Chapman, cantou «Don't Give Up» como os fãs lhe exigiam.

Mandela, ontem em Wembley: a estrela da noite

O momento culminante do «Mandela Day» aconteceu cerca das 21 e 30, meia hora antes do inicialmente previsto pela organização. O hino do ANC exacerbou os ânimos dos 72 mil espectadores presentes no estádio. O caso não era para menos, adivinhava-se o momento seguinte. Quando Mandela entrou em cena outro valor mais alto se levantou: a música dera que dançar, mas o velho líder da resistência ao *apartheid* satisfazia a fome de altos ideais próprios de uma época ideologicamente confusa. Após dez minutos de ovações, Mandela discursou e agradeceu a todos os que preferiram preocupar-se, lembrando a propósito que só alguns activistas do ANC foram libertados, pelo que ainda está de pé a necessidade de se manterem as sanções contra o governo sul-africano. Mas não esqueceu Angola e Moçambique e falou dos sofrimentos conhecidos pelos respectivos povos nos conflitos que ali se vivem desde há anos. Quem, deliberadamente ou não, ignorou esta passagem do discurso de Mandela foi a RTP e a «Correio da Manhã Rádio», quando o resumiram para os menos versados na língua inglesa. «Tradutore, traditore», boa parte dos portugueses continua sem saber o que Mandela disse da situação política vivida nas nossas ex-colónias.

A presença e a palavra de Mandela foram o ingrediente indispensável à animação da festa. Depois dele nada mais voltou à tepidez das primeiras horas. O público tinha vontade de aplaudir e as vedetas queriam chamar a si um pouco da glória do dirigente do ANC. Por isso, as interpretações dos Simple Minds e dos Pretenders foram aquilo que foram: momentos inesquecíveis.

Como infelizmente já vem sendo norma em matéria de grandes transmissões internacionais, a RTP destacou-se pela mais negativa das atitudes. Enquanto mil milhões de pessoas em todo o mundo assistiram ao concerto através do pequeno ecrã, a nossa única cadeia televisiva tomou nota do ocorrido e gravou para transmitir um dia destes. Os poucos minutos que nos foram oferecidos pecaram ainda pelo mau trabalho prestado pelo locutor de serviço que, na ânsia de resumir os acontecimentos, falava por cima da música. O mesmo não fez a «Correio da Manhã Rádio», cuja cobertura merece, para já, uma apreciação elogiosa. Claro que a validade musical destes espectáculos pode ser discutida, mas o que tinha a RTP de mais importante para transmitir...?

Maria João Martins

Exposição fotográfica considerada chocante em Cincinnati

Os advogados de um museu de Cincinnati (Ohio) e o seu director demonstraram em juízo que nenhum propósito de obscenidade havia presidido à montagem de uma exposição do fotógrafo Robert Mapplethorpe, vítima de Sida no ano passado, constituída por obras tidas como chocantes. A acusação partira do condado de Hamilton, de Cincinnati, que culpabilizara o Centro de Arte Contemporânea ali localizado e, obviamente, o seu director, Dennis Barrie, no passado dia 7 do corrente.

Barrie recusou-se a retirar as 175 fotografias expostas, cinco das quais exibiam actos homossexuais e outras duas crianças nuas.

As fotos em questão atraíram numeroso público ao Museu, num total de 23 mil pessoas, cinco mil das quais no primeiro dia.

O tribunal decidiu que não havia qualquer propósito de obscenidade - e de acordo com uma sondadem efectuada por um diário local, "Cincinnati Post", 59 por cento dos cidadãos pronunciaram-se pela manutenção das fotos tidas como obscenas. Apesar desta posição, o debate continua aberto.

Francisco Paraíso

Paulo Autran é sobejamente conhecido pelos fiéis das telenovelas, e se nelas se destaca não o tínhamos ainda visto na medida mais justa do seu imenso talento. A oportunidade, finalmente, surgiu: ontem o actor brasileiro estreou no S. Luiz, em Lisboa, a peça «Quadrante», e porque no palco ele tem a dimensão da grandeza, o Presidente dos portugueses foi prestar-lhe as suas homenagens ao camarim, terminada a função. Autran fez teatro em Portugal no dia em que o teatro português descansou: não houve alternativas, todos os caminhos foram dar ao Chiado.

olhar de mocho

Vender sol

O programa «Acerto de Contas», agora da responsabilidade de Pedro Vassalo, tem na manga uma mão cheia de ases: é político mas libertador de ideologias políticas, fala de coisas concretas sem ser amador, faz radiografias sem pôr políticos encartados em tempo de antena, e finalmente, traz as coisas económicas sem linguagem esotérica, só acessível a iniciados.

Nas últimas semanas ouvimos falar de rendas de casa, dos preços do petróleo que se deveriam repercutir nos preços da gasolina, e ontem, de turismo.

Vamos, primeiro, aos factos: o Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia e o Salazar, no início dos anos 60, o Algarve dos turistas e dos dólares para pagar a factura das guerras coloniais. As nossas tradições turísticas, por um lado, são recentes e por outro, nasceram tortas. O turismo é assim uma descoberta salazarista, e lá diz o povo que não se costuma enganar, quem nasce torto tarde ou nunca se endireita.

Temos, pois, a ver com uma herança salazarista. Quisemos vender sol a retalho, sem procurar embalar bem o produto e ter em conta a concorrência. A nossa matéria-prima foi o sol, e a esperteza saloia que nos habita fez-nos logo acreditar que poderíamos vender o sol ao desbarato sem olhar para o que os compêndios ensinam sobre os modos de trabalhar o produto. Ao princípio a coisa ainda funcionou razoavelmente e entre patos-bravos e empresários de alto gabarito geraram-se alguns milionariozitos lusitanos. A crise não tardou em bater à porta. E na emissão de ontem, quase todos, sintomaticamente, falaram dela - da crise.

Até o membro do Governo, convidado especial do programa de ontem, sublinhou o conceito: «Distinguir entre a crise que existe e a crise que não existe». Mas a crise é fundamentalmente o facto de a Tunísia, a Turquia, Marrocos e a Argélia também terem sol para vender, e o sol deles ser muito mais barato que o nosso. Ora o sueco, o alemão, o holandês quando querem comprar sol, buscam, naturalmente, os sítios onde ele é mais barato. E se querem sol de luxo e caro, então, têm as Bahamas sem cheiro a alho e a lota da sardinha que eles, lá no Norte, não suportam. É o primeiro elemento da crise. Se queremos vender sol para encher os bolsos da nossa miséria, teremos de encontrar fatias de mercado situadas entre as Bahamas e a Turquia.

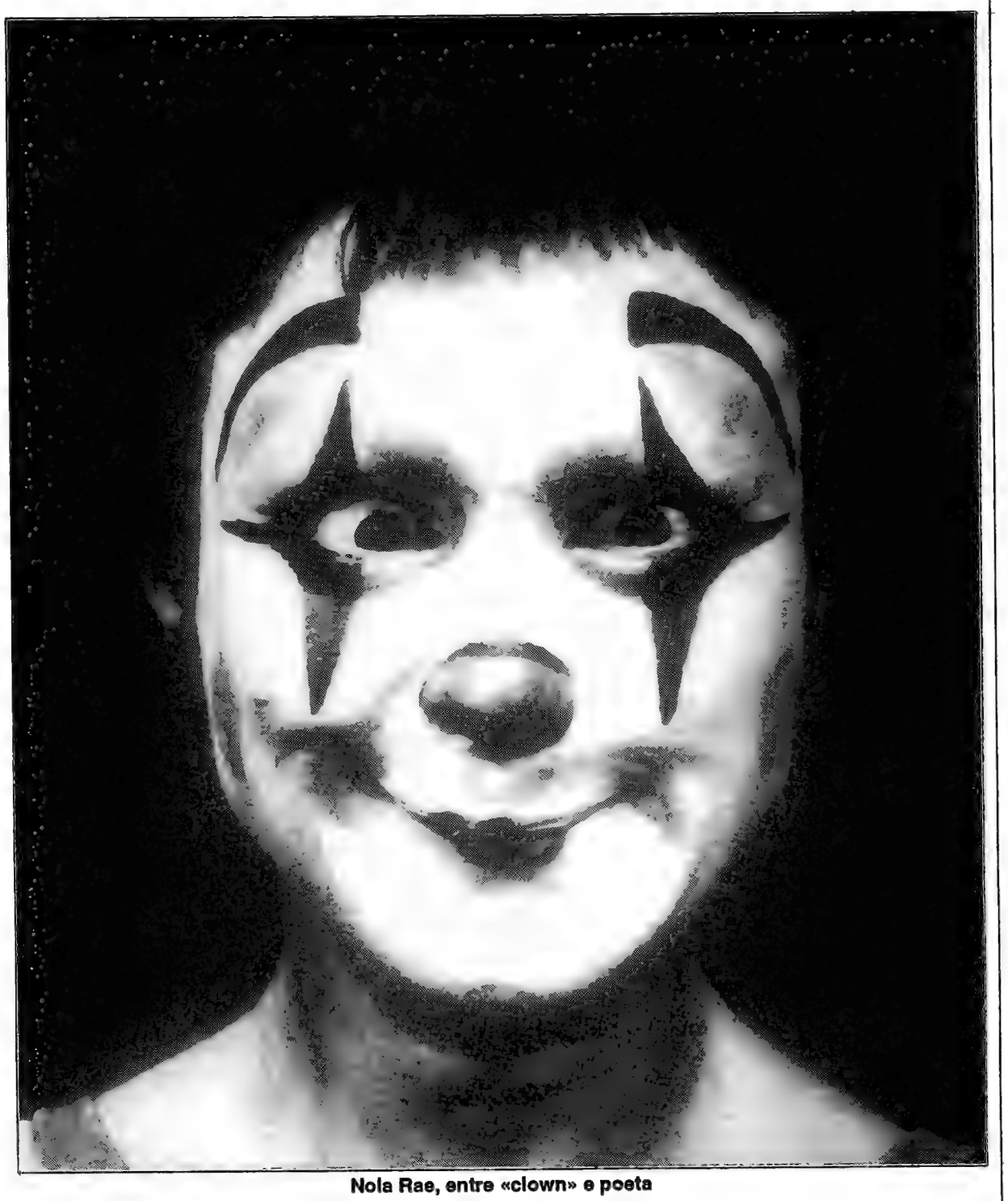
Depois, como o turismo nacional absorve a maior fatia da clandestinidade que nos caracteriza a quase todos os níveis, a solução está nas infra-estruturas. Ora, alguém já ouviu falar num necessário ministério das infra-estruturas? A radiografia do turismo que ontem vimos é também a radiografia da nossa classe política. E eles, políticos, é que têm de criar o turismo des-salarizado.

José Sousa Monteiro

Crítica de Teatro

Gestos e sons

UPPER CUTS, de Nola Rae (Grã-Bretanha). Festival de Mímica do Acarte. Sala Polivalente do CAM/10-04-1990



Nola Rae, entre «clown» e poeta

Se bem me lembro é esta a terceira vez que Nola Rae vem a Lisboa. A primeira foi em 1980, apresentou então o seu espectáculo na Sala Manuela Porto, no Teatro do Bairro Alto. Voltou poucos anos depois, salvo erro em 1982, outra vez a convite do Instituto Britânico.

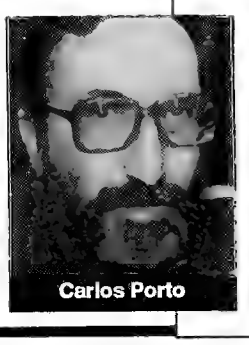
Australiana de nascimento, europeia pelo trabalho, Nola Rae estudou e praticou bailado, escola que influenciou nitidamente o seu tipo de mímica. Esta colheu-a em artistas tão diversos como Marcel Marceau e Jang Edwards, o último mais perto do espectáculo burlesco de cabaré.

Agora, Nola Rae veio a Lisboa no âmbito do Festival de Mímica do Acarte, organizado por Peter Bu. O programa do seu espectáculo, «Upper Cuts», é constituído por uma selecção de programas anteriores, o que quer dizer que alguns dos seus números são já conhecidos. Não tem importância: é como se fosse a primeira vez que os vemos, dev tal maneira Nola Rae, com a sua figura longa, o seu rosto de *clown* e poeta, renova e refresca os seus trabalhos. Estes situam-se numa zona ampla que inclui o *non-sense*, o burlesco, o lírico. Caso, por exemplo, de «O empregado de Mesa», saborosa mistura de burlesco e de lírico, um dos melhores números do espectáculo.

Um número conhecido mas sempre de grande êxito é «O Maestro», no qual, dirigindo seriamente o Danúbio Azul, Nola Rae muda para os navios que apitam e para as gaivotas que gritam, ou de um heróico Suppé para os cavalos; ou, na Pastoral de Beethoven para as respectivas vacas e galinhas. Um quadro soberbo de imaginação e graça em que gestos e sons se completam.

A novidade deste espectáculo é constituída por um quadro espantoso que tem tudo a ver com mímica mas também tem a ver com marionetismo. Num pequeno palco que surge no palco grande, Nola Rae recria, com as mãos e alguns objectos minúsculos, a história da tragédia de «Hamlet» de que as principais cenas surgem perfeitamente reconhecíveis. Por exemplo, a cena do coveiro em que a areia é atirada por uma colher de chá. Este quadro bastaria para qualificar a arte de Nola Rae se não houvesse outros que igualmente demonstram as suas capacidades, não apenas mímicas, mas de artista de teatro completa (bailarina, actriz).

A maneira como utiliza o corpo, o rosto, as mãos, as relações com os sins *off*, a graça e a aparente espontaneidade, fazer de Nola Rae uma criadora no seu campo. Já se sabia, este espectáculo não foi mais do que a confirmação. Mesmo que alguns quadros pareçam demasiado longos, caso da Burocracia, e que nem sempre os seus gestos sejam facilmente descodificáveis.



Carlos Porto

Prisão

CAGE. Adaptação de *Comunicação a Uma Academia* de Frank Kafka. *Dramaturgia/Encenação:* Jacques Bellay. *Interpretação:* Jacques Bellay e Paul Charieras. *Produção:* Comédie de Saint-Étienne. Comuna/10-04-1990.

Não se pode dizer que esta «Comunicação a Uma Academia» de Franz kafka seja novidade para nós. Em 1973, o grande actor José Luiz Gomez apresentou no Instituto Alemão uma interpretação genial desse texto («DL»/7-05-73); mais recentemente, João d'Ávila, dirigido por Durval Lucena, interpretou a 'Comunicação...'» na sala experimental do Teatro Nacional («DL»/16-11-87). Já agora vejamos outras passagens de Kafka pelos nossos palcos. «O Processo», na adaptação de André Gide e Jean-Louis Barrault, tradução de José Estevão Sasportes, encenação de Artur Ramos com o Grupo de Acção Teatral no Villaret («DL»/24-12-70); uma adaptação e encenação de Alberto Lopes da mesma obra, com o Cénico de Direito («DL»/13-08-86); ainda «O Processo», um espectáculo terrível de um grupo polaco, Teatro 38, que participou na IV SITU, de Coimbra («DL»/14-05-84). Giorgio Barberio Corsetti criou, para os Encontros ACARTE, um espectáculo multidisciplinar com textos de Kafka, sob o título «De Noite» («DL»/12-09-88).

Este novo trabalho sobre a «Comunicação a Uma Academia» é também um trabalho novo. Em vez do monólogo, trata-se de um diálogo conflituoso entre o símio kafkiano, que conta aos académicos o seu percurso da selva à academia, e o Outro - sendo que o Outro é o chefe, o patrão, o gestor, o domador, o homem. Em vez da academia onde o símio vai apresentar a sua comunicação, o circo onde os académicos vão ouvir o símio, metido na sua cela ou na sua jaula, como se fosse a antiga selva. Em vez do símio que se transforma em homem, o homem que se transforma em símio (quase no final, o empresário mostra o corpo coberto de pêlos e procede como se fosse um macaco).

E o homem, onde está? O homem não existe; há talvez vestígios dele em breves expressões, actos e palavras do símio, mais do que no comportamento do Outro. O homem não existe ainda: o símio que procura uma saída a todo o custo, é disso, afinal, que vem dar testemunho. E talvez seja esse testemunho o passo inicial da humanidade por vir. Ou a vir na palavra, na escrita do autor, do poeta. Kafka, ele mesmo.

Este espectáculo é um notável trabalho de dramaturgia e também de encenação, em especial no que se refere à marcação dos tempos, à relação com o público, à criação do espaço. Ambos esses trabalhos são assinados por Jacques Bellay que tem a escola de Jacques Lecoq, o que explica a aparente facilidade com que resolve os problemas de uma personagem ambígua como é esta. Trabalho interiorizado, por vezes com rupturas que exprimem as oscilações do seu percurso. Bom trabalho de Paul Charieras, um trabalho por fora, pelo comportamento violento onde porém surgem chispas de uma outra possível maneira de ser. Um bom espectáculo, este.

«Europália-91 Portugal»: convenção assinada amanhã

A assinatura da convenção para a «Europália - 91 Portugal», o maior Festival de Artes e Cultura alguma vez realizado sobre o nosso país e a apresentar na Bélgica entre Setembro e Dezembro de 1991, tem lugar amanhã, terça-feira, pelas 18 horas, no Palácio da Ajuda.

A cerimónia, presidida pelo secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, será protagonizada pelos comissário-geral e vice-comissária da Europália, respectivamente Rui Vilar e Fátima Ramos, pelo presidente da Fundação Europália Internacional, Jean Godeaux e pelo comissário-geral da Europália-Portugal, Jacques de Staercke.

A Europália-91 Portugal representa a oportunidade de Portugal dar no estrangeiro, pela primeira vez, uma visão global da sua cultura e do essencial sobre o percurso da sua história desde a fundação da nacionalidade aos nossos dias.

Recorde-se que os directores das actividades artísticas e culturais da Europália-91 Portugal são os seguintes: Exposições, Simonetta da Luz Afonso; Cinema e Animação, Miguel Lobo Antunes; Literatura e Teatro, Eduardo Prado Coelho; Música e Dança, José Ribeiro da Ponte. A coordenação da acção de Mecenato Cultural para a Europália-Portugal é assegurada por Adelaide Rocha.

«Fazer a Festa» no Porto com 23 grupos de teatro

O IX Festival de Teatro para a Infância e Juventude, «Fazer a Festa», realiza-se de 20 a 29 de Abril, no Porto, com a presença de 23 grupos teatrais.

Segundo José Leitão, da direcção do «Teatro Art'Imagem», organizador da iniciativa, 17 das 40 representações previstas vão acontecer ao ar livre, o que faz com que esta edição do festival seja «um fazer a festa do teatro na rua».

Dos 23 grupos presentes, cinco são oriundos das províncias espanholas de Galiza e Castela-Leão.

José Leitão afirmou existitem algumas dificuldades financeiras para a realização do festival, orçado em cerca de quatro mil contos. O grupo, no entanto, apenas conseguiu garantir, até ao momento, cerca de metade.

Este IX Festival conta com a participação de grupos de todo o país, entre os quais «O Bando», «Maizum», «Máscara» e «Os Papa Léguas», de Lisboa, o «GIC» de Almada,, o «GIC» da Covilhã, o Grupo de Teatro de Leiria, o «ACERT» de Tondela, o Teatro em Movimento de Bragança, o Teatro em Construção de Famalicão e o Teatro Infantil de Lisboa.

De Espanha, vêm os «Mimoclan», «Kalandraka», «Jesus Puebla - Teatro de Mimo» e «Ancoradouro».

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Desde 1899 até hoje, segundo a Cinemateca

Shakespeare deu para 162 filmes ... mas a maioria não vale a pena

Saber aproveitar as ocasiões - eis o que apetece dizer (mais uma vez) da Cinemateca e do ciclo ali em curso «Shakespeare no Cinema». A ocasião é a vinda a Portugal de Kenneth Branagh (e da sua companhia Renaissance Theatre Company), a propósito do que a Cinemateca programou um ciclo com vários filmes que se inspiram ou adaptam peças de Shakespeare.

Com Branagh e a sua companhia como pretexto, compreende-se que o ciclo da Cinemateca feche com chave de ouro, com a exibição, em antestreia, do filme do actor e realizador inglês, «Henry V» (um «óscar» para o guarda-roupa este ano em Hollywood), feito em 1989. O «Henry V» de Branagh, com a presença do autor, passa na Cinemateca, como já noticiámos, no dia 26 à noite; tendo o ciclo começado no dia 11, com a exibição desse outro «Henry V», feito 44 anos antes por Laurence Olivier, estava a Inglaterra a sair da guerra.

O que é curioso é que estes dois «Henry V» são as únicas abordagens que o cinema até hoje fez da obra homónima de Shakespeare. Constata-se isto graças ao levantamento exaustivo da Cinemateca Portuguesa que, numa publicação agora editada, dá conta de quantos filmes mais ou menos inspirados na obra de Shakespeare se fizeram desde sempre: 162 no total.

Se destes todos, dois são sobre «Henry V», sobram 160 a distribuir, como segue, por várias peças de Shakespeare, tudo nesses 91 anos que vão desde 1899 até 1990.

«Henry V», de Kenneth Branagh, dia 26, em antestreia, na Cinemateca

26 «Hamlets», 25 «Romeus e Julietas»

O *record* cabe a «Hamlet» com 26 versões, desde a primeira (do francês Clément Maurice, em 1909) até um tal «Un Amleto di Meno», assinado em 1974 pelo italiano Carmelo Bene.

Pelo meio, há alguns «Hamlets» de respeito, desde o de Méliès, (de 1907) até o «Ser ou Não Ser», de Lubitsch (de 1942) e ao «Hamlet» de Laurence Olivier (1948), sem esquecer a «Ophelia» de Chabrol (1962).

«Romeu e Julieta» teve 25 versões, a primeira do tal francês Clément Maurice (1900), a última do italiano Zefirelli (1967). Entre estas duas datas, assinalem-se os «Romeus e Julietas» de Lubitsch (1920), Cukor (1936), Castellani (1953), e... «West Side Story», de Robert Wise/Jerome Robbins (1961).

A terceira peça de Shakespeare que mais atraiu o cinema foi «Macbeth», com 20 versões, a primeira norte do norte-americano G.W. Bitzer (1905), a mais recente do francês Claude d'Anna (1987). Entre uma e outra versões, destacam-se a de Abel Gance (1916), a de John Emerson, supervisionada por Griffith (de 1916, também) e as de Orson Welles (1948), Kurosawa («O Trono de Sangue», 1957), Wajda (1962) e Polanski (1972).

Segue-se, «Othello» com 18 versões, a primeira feita em 1907 pelo alemão Franz Porten e a última em 1986 por Zefirelli. Entre uma e outra, registem-se as de Cukor (de 1947), Orson Welles (1952) e mesmo Delmar Daves («Jubal», 1955).

11 «Júlios César» e 11 «Reis Lears»

Continuando por ordem decrescente, temos «A Fera Amansada», com 12 versões, a primeira de D.W. Griffith (de 1908), a última de Zefirelli (1967) e nenhuma que se destaque pelo meio.

Com 11 versões, surge «Júlio César». Méliès assinou a primeira, em 1907, e o inglês Stuart Burge a última, em 1970. Os italianos Cuazzoni e Pastrone fizeram (respectivamente, em 1909 e 1910) dois «Júlio César», mas o mais célebre é ainda o desse grande cineasta vivo e esquecido chamado Joseph Leo Mankiewicz (de 1953).

Com 11 versões também, eis «Rei Lear», de que se assinala uma primeira em 1909 (de americano William V. Ranous) e uma última já de 1990 («Where the Heart Is», de John Bor Boorman). Entre uma e outra, há uma série de «Rei Lear» dignos de destaque: de Mankiewicz («Sangue do Meu Sangue», de 1949), Dmytryk («A Lança Quebrada», de 1954), Peter Brook (de 1971), Kurosawa («Ran», de 1985) e Godard (de 1987).

5 «Falstaff» 4 «Ricardos III»

De «Sonho de Uma Noite de Verão» há 8 versões, a mais antiga de Charles Kent (1909), a mais moderna... de Woody Allen («Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão», 1982). Pelo meio, três versões se destacam: as de Marx Reinhardt e William Dieterle (de 1935), longa-metragem de animação feita pelo checoslovaco Jiri Trnka (1958) e o filme de Ingmar Bergman (de 1955) «Sorrisos de Uma Noite de Verão».

«O Mercador de Veneza» e «A Tempestade» são peças com 7 versões cinematográficas cada uma, realizadas, respectivamente, entre 1908 e 1952, e entre 1905 e 1982. Do total, registem-se os filmes de William Wellman (de 1948) e de Mazurzki (de 1982), ambos inspirados em «A Tempestade».

«Falstaff» teve 5 versões (entre 1910 e 1966) e é a última («As Badaladas da Meia-Noite, de Welles) sem dúvida a melhor. Com «Ricardo III» (4 versões entre 1908 e 1955) sucedeu o mesmo: a melhor é a última versão assinada por Laurence Olivier.

Com 3 versões cada há a assinalar «Como lhe Aprouver» e «António e Cleópatra», nada de especial quanto à primeira peça, dois destaques quanto à última: o mais antigo filme inspirado na obra de Shakespeare (Méliès, em 1899) e o filme de Charlton Heston feito em 1972.

Feita a resenha, pode perguntar-se se desta centena e meia de filmes todos valeram a pena. João Bénard da Costa responde que não, «provavelmente a maior parte das adaptações não serviu para nada e por isso foi tão justamente esquecida», ele há mais Shakespeare em Ford, Renoir, Eisenstein ou Mizoguchi do que em muitos «Hamlets», «Romeus» ou «Othellos».

Fique a lição. E quando por aí surgir um filme adaptado de um livro qualquer, não se queira saber se lhe é ou não fiel, indague-se, sim, se vale a pena como (outra) obra que é. Bénard dixit (na «plaquette» deste ciclo): «O cinema - como qualquer arte - não tem que servir nada nem ninguém. Não é servo nem serviço de coisa nenhuma

R. da S.

A lista de 162 adaptações cinematográficas de obras de Shakespeare foi elaborada para a Cinemateca pelo crítico Manuel Cintra Ferreira.

Isabel de Castro e Alexandra Lencastre durante um ensaio

B R E V E S

Régio em Maio no Teatro da Graça

O Grupo Teatro Hoje, depois de ter levado à cena «Verão» de Edward Bond no Teatro da Trindade, volta ao seu local de trabalho habitual, para apresentar «Cenas da Vida de Benilde», uma balada sobre a famosa peça de José Régio «Benilde ou a Virgem Mãe», estreada em 1947 no Teatro Nacional D. Maria II, com Maria Barroso na protagonista. A forma dramatúrgica agora adoptada, da autoria de Jorge Listopad, que também assina a encenação, sugere uma nova leitura da peça de Régio, cuja acção se passa no Alentejo soturno e místico. Através dessa leitura, em que a acção se apresenta mais condensada e reconduzida ao seu cerne simbólico, a ambiguidade e o mistério sobressaem, levando a vertente poética do texto a tornar-se predominante sobre qualquer outra.

Alexandra Lencastre, Alexandre de Sousa, Antonino Solmer, Elisa Lisboa, Isabel de Castro, José Figueiredo, Júlio Martin e Ruy Furtado erguem as personagens deste espectáculo, cuja estreia está prevista para os primeiros dias de Maio.

A primeira exposição de Pedro Freire

Jornalista da Televisão, 40 anos de idade, pintor autodidacta desde os 16, eis Pedro Freire, que neste preciso momento apresenta, na Galeria de Arte da Casa do Pessoal da RTP, a sua primeira exposição individual.

Ao todo 13 telas, produzidas entre 1976 e o ano em curso, que reflectem, para além da lógica evolutiva, uma técnica, uma sensibilidade, uma expressão cromática apreciável, em que a luminosidade se impõe. Pedro Freire (alegre e emocionado), para os muitos colegas e amigos no dia da inauguração: «O Jornalismo é a minha profissão de verdade. Pinto porque gosto. Porque só agora a primeira exposição? Porque sempre me recusei, sei lá, porque se calhar tinha medo, ou porque entendi que era esta a hora certa».

VIDEO CATÁLOGO

(O) Escândalo «Black Sox»

Realizado por um homem da televisão (John Sayles), «O Escândalo Black Sox» é uma película piegas e moralista acerca de uma fraude no Campeonato do Mundo de Baseball.

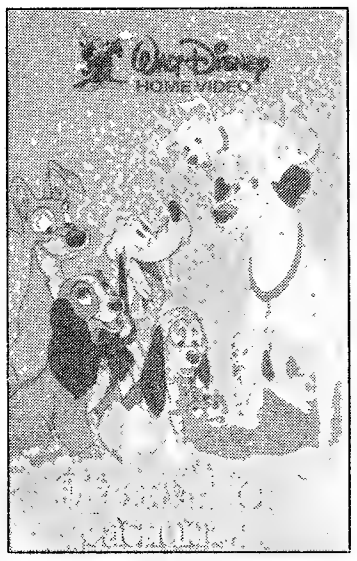
O único ponto de interesse será, para os apreciadores, claro, a presença de Charlie Sheen.

Medíocre.

«Eight Men Out»
Realização: John Sayles. (E.U.A - 1989).
Intérpretes: John Cusack, Clifton James, Michael Lerner,Martin Sheen.
Cor. 120 minutos.
Drama.
Para maiores de 12 anos.
Edição Vídeo Time.

(O) Festival dos Cachorros

Destinado a um público que habitualmente tem de se satisfazer com produções para faixas etárias mais elevadas, esta cassete reÚne um conjunto de aventuras de que são protagonistas alguns dos «vira-latas» saídos da imaginação de Disney. Pluto, os 101 Dalmatas, a Dama e o Vagabundo, entre outros, são, assim, responsáveis por uma série de divertidos «acidentes». Vivamente aconselhável até porque Disney será sempre igual a Disney. A cópia vídeo é impecável, mas as lacunas da ficha técnica são graves.



«(O) Festival dos Cachorros»
Cor. 61 minutos.
Animação.
Para maiores de 6 anos.
Edição Filmayer-Alfa.

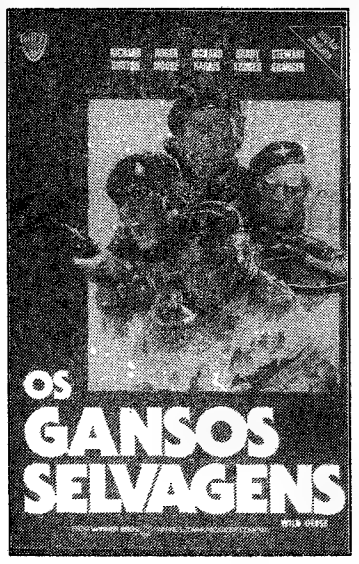
(Os) Gansos Selvagens

A política de juntar num mesmo filme vários nomes sonantes que depois eram arbitrariamente dirigidos por realizadores ignorados e falhos de qualquer formação cinematográfica deu o que deu: maus serviços ao cinema e às vedetas que compunham o elenco destas produções. «Os Gansos Selvagens», realizado em 1981, é um exemplo. Interpretado por Richard Burton, Roger Moore, Richard Harris e Stewart Granger, entre outros, conta-nos as aventuras vividas por um grupo de mercenários, cuja missão é resgatar um estadista africano, raptado por um seu adversário político.

«The Wild Geese»
Realização: Andrew V. McLaglen. (E.U.A - 1981).
Intérpretes: Richard Burton, Roger Moore, Richard Harris, Hardy Kruger, Stewart Granger.
Cor. 131 minutos. Acção.
Música de Roy Budd.
Para maiores de 12 anos.
Edição Kodak/ Warner Home Vídeo.

Ter ou Não Ter

«Slim», a esposa de Howard Hawks, descobriu Lauren na capa da «Harper's Bazaar» e , pouco depois, ela era a protagonista de «Ter ou Não Ter». Para o conseguir, lutou que se fartou, mas valeu a pena: a película valeu-lhe a celebridade e o coração de Bogey. Foi, com efeito, em «Ter ou Não Ter» que Bacall e Bogart se encontraram pela primeira vez num filme obrigatório acerca das aventuras de um par amoroso na Martinica durante a IIª Guerra Mundial. (V. «Cinco estrelas»).



«To Have and Have Not»
Realização: Howard Hawks. (E.U.A - 1945).
Intérpretes: Humphrey Bogart, Lauren Bacall, Walter Brennan, Dolores Moran.
Preto e branco. 97 minutos.
Drama.
Para maiores de 12 anos.
Edição Kodak /Warner Home Vídeo. Venda directa.

CINCO ESTRELAS

Nada que ele não possa curar

Para Bogart e Bacall tudo começou em «Ter ou Não Ter». Ela, magra, de madeixa sobre uma parte do rosto, chega à ombreira da porta e pergunta «Anyone got a match?» - e ele, de chapéu à marinheira, responde-lhe com uma caixa de fósforos. Ao fazê-lo devolveu-lhe o fogo com que ela o incendiara, para sempre, no instante em que se decidira a subverter o destino com pedido tão comezinho. Estávamos em 1945, Lauren Bacall tinha 19 anos e Bogart 46, mas nem dois gémeos podiam parecer-se mais. Resultado final do jogo: «Ao fim de alguns dias» - disse Hawks, o realizador do filme- « Bogey começou a ficar bem apanhado pela rapariga». Casaram-se nesse mesmo ano, rodaram mais quatro filmes e foram muito felizes até que em 1957 a morte dele os separou.

Independentemente dos aspectos afectivos que, no entanto, emprestam ao filme uma luminosidade evidente, «Ter ou Não Ter» será sempre um clássico entre os clássicos, um «cult movie» que, sem desfrutar das boas graças da Academia, merece ainda hoje um lugar muito especial nas capelinhas de todos os cinéfilos. Como «À Beira do Abismo», aliás; o outro filme que juntou Bogart, Bacall e Howard Hawks.

Quanto a «Ter ou Não Ter», adaptado por Faulkner e Jules Furthman de um texto de Hemingway, é a história de Harry Morgan, o dono de uma pequena embarcação que é convencido a transportar um membro da resistência francesa. Como de costume, Bogey não se ralava, encolhia os ombros perante os jogos políticos e os altos ideais. Todo ele era cepticismo até que vinda, sabe-se lá de onde, aparece uma mulher que lançava por terra o segredo de tal renitência. Não se chamava Ilsa Lazlo, nem tinha um acentuado sotaque escandinavo. Antes pelo contrário, não acreditava nas branduras de Ingrid Bergman, nascera em Nova York e chamaram-lhe Lauren Bacall porque Betty Joan não era nome que se desse a uma estrela. De resto, não se lhe conheciam fraquezas, a não ser aquelas de que Bogart sabia e que, tal como se dizem «À beira do abismo», não eram nada que ele não pudesse curar.

Maria João Martins

CLUBES DE VIDEO

video 1000

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

Falar de cinema

Steven Spielberg, sempre

*SEMPRE (Always) - R: Steven Spielberg (EUA, 1989); A: Jerry Belson, seg. argumento de Dalton Trumbo do filme «A Guy Named Joe», com adaptação de Frederick Hazlitt Brennan; F(Cor): Mikael Salomom; Cen: James Bissell; Mont: Michael Kahn; M: John Williams; Ef. Esp: bruce Nicholson; P: Steven Spielberg, Frank Marshall e Kathleen Kennedy Universal - United Artists; I:Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Brad Jonhson, John Goodman, Audrey Hepburn, Robert Blossom, Keith David, etc. D: 124 m; Dist: Filmes Lusomundo; Est:Alfas, Amoreiras, Mundial, S. Jorge (Lisboa), Nun'Álvaro (Porto) e Amadora, Albufeira, Braga, Coimbra e Vila Moura (6.4.1990); Cl: **** (M/12 anos).*

Em 1944, Victor Fleming, sobre argumento de Dalton Trumbo, dirigiu Spencer Tracy, Irene Dunne e Van Johnson num filme chamado *A Guy Named Joe* (Um certo rapaz, entre nós). Estávamos em plena II Guerra Mundial e a obra falava de um piloto da aviação militar norte-americana que morria em combate, mas regressava à Terra como fantasma, ou espírito, para grande sucesso de bilheteira e terá ajudado o público a encarar com maior coragem as percas diariamente relatadas da «frente» de combate.

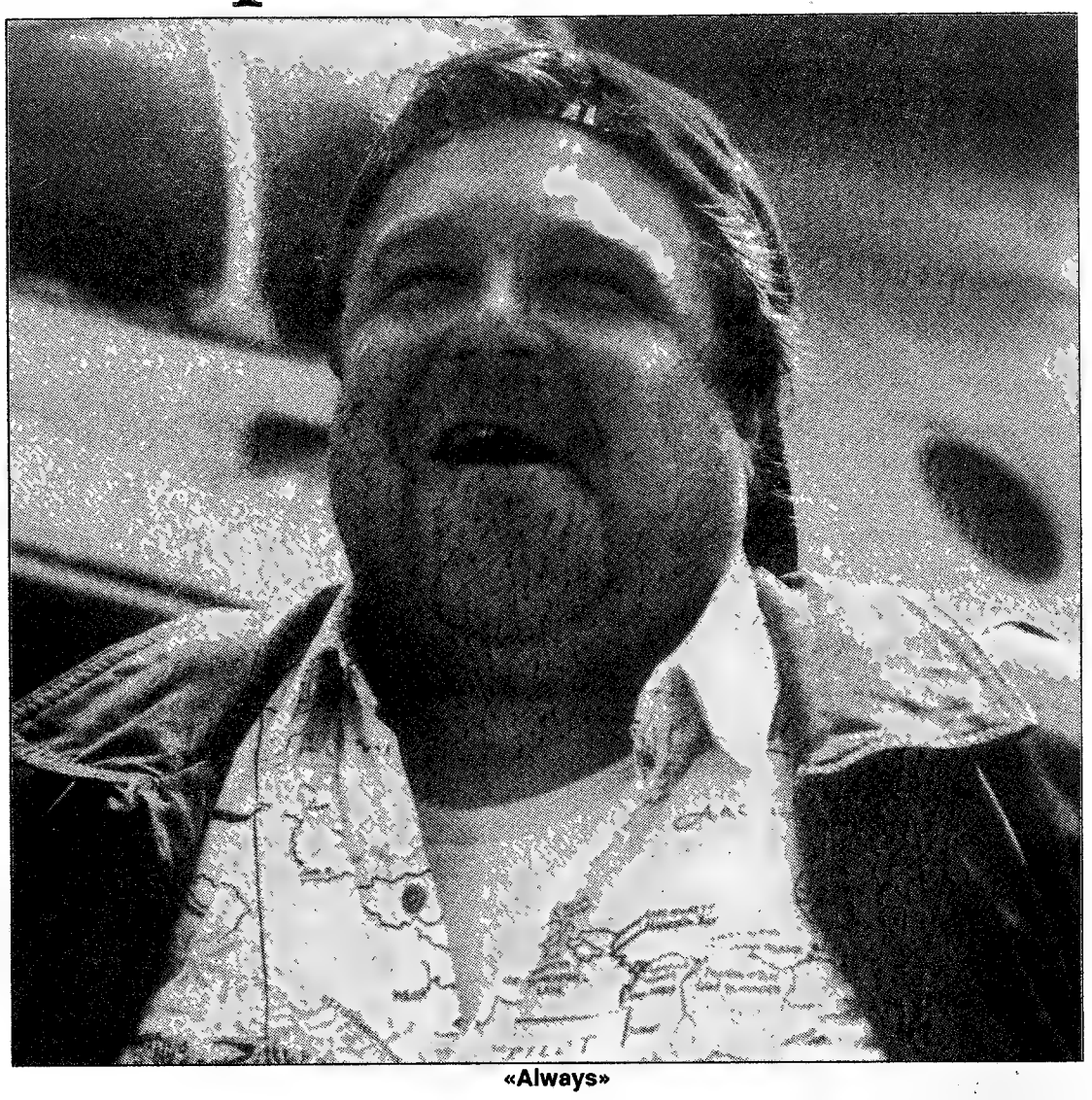
Quem conhecer um pouco o cinema de Steven Spielberg perceberá facilmente o que o terá levado a interessar-se por esta obra e a sobre ela dirigir um «remake» necessariamente adaptado à actualidade.

Assim, mantendo-se o piloto de aviação como protagonista, o cenário muda: em lugar de um militar em plena II Guerra Mundial, temos um piloto civil que combate incêndios nas florestas de Montana. Pete Sandich é um intépito bombeiro alado que nunca recusa as mais arriscadas missões, enquanto na torre de controlo, Dorinda, sua noiva e sua amada, o espera com a angústia de quem sabe em perigo constante o seu amor. Um dia, dá-se o já esperado: Pete não regressa. Dorinda sofre... Mas Pete volta. Sem que Dorinda o possa saber, ele está a seu lado, velando por que tudo se passe o melhor possível. Ele será o seu «anjo da guarda», do mesmo modo que acompanha um jovem piloto a quem «inspira», ofertando experiência e coragem.

Mas, mesmo lá do «local étereo onde subiu», Pete sente ciúmes, quando descobre Dorinda cortejada pelo piloto que ele instrói. E surge o dilema: manter a «sua rapariga» agarrada à sua memória e vê-la para todo o sempre infeliz, ou libertá-la da sua imagem e sabê-la de novo feliz, ainda que nos braços de outro. Pete escolhe a liberdade e o supremo amor, que é dádiva, para lá da posse. Pieguice? É possível que o seja para quem consome doses ensurdecedoras de «heavy metal» e não tem ouvidos para emoções mais discretas.

Steven Spielberg faz os seus heróis atravessar as labaredas das paixões para atingirem a suprema sabedoria das coisas simples. Lutando contra os elementos em fúria, o seu protagonista sabe o que arrisca, mas fá-lo porque pressente que, para lá das fogueiras imensas que incendeiam os céus, existe algo que vale a pena. O seu cinema tem a crença das evidências e *Sempre* é um filme que prolonga o «estado de graça» de *Encontros Imediatos* e *ET*.

Olhando num relance toda a obra deste cineasta surpreende-se, com alguns altos e baixos de resultados, uma coerência invulgar de temas e obsessões. Os heróis de Spielberg têm sempre a seu lado «espíritos» benfazeijos, vindo de um «além» inlocalizável, ou «entidades» maléficas corporizadas na Terra sob a forma de camiões sem rosto, tubarões ou vilões de banda desenhada. É esse combate entre a luz e as trevas que faz a grandeza do seu cinema, onde os bons sentimentos invariavelmente triunfam do mal.



«Always»

Para conceder a *Always* um lugar destacado no conjunto da filmografia de Spielberg, basta recordar duas cenas (simétricas?) verdadeiramente admiráveis: são duas danças de Pete e Dorinda. Na primeira, Holly Hunter, depois de despir as roupas masculinizadas de controladora aérea, veste um fabuloso vestido branco, desce as escadas de madeira do bar da base de aviação e dirige-se a Richard Dreyfuss, que a espera e a toma nos braços, perante o olhar dos que os rodeiam e disputam entre si uma volta com aquela «aparição».

Mais tarde, já só espírito, Richard Dreyfuss voltará a dançar com Holly Hunter, ao som de «Smoke Gets in Your Eyes», a «sua canção», sem que, desta feita, ela se aperceba de que existe algo mais do que a sua recordação.

São dois momentos mágicos, correspondentes a duas «aparições» diferentes, que consubstanciam o amor, duas entregas desinteressadas, expressas primeiramente por Dorinda, depois por Pete. Richard Dreyfuss, herói spielbergeano por excelência, e Holly Hunter são os intérpretes principais desta belíssima história de amor de dois anjos alados atravessando céus incandescentes.

Mas *Sempre* tem ainda em John Goodman uma presença fascinante (ele que já era notável em« Sea of Love»), sendo igualmente de referir a boa fotografia de Mikael Salomon.

Steven Spielberg

Nasceu em 1947 (18 de Dezembro). Aos dezasseis anos, vivendo na Califórnia com os pais, tornou-se frequentador assíduo dos estúdios da Universal, estudou cinema, fez filmes de curtametragem, financiado por amigos, e entrou para a Universal com um contrato de sete anos, logo que ali mostrou *Amblin*, uma curta-metragem que dava indícios seguros de talento. Com «Duel» foi conhecido internacionalmente e, daí em diante, a sua carreira transformou-o no realizador de maior sucesso de todos os tempos. Várias obras suas ocupam diversos lugares entre «os 10 filmes de maior êxito de sempre». Fundou uma produtora, a Amblin, de colaboração com Frank Marshall e Kathleen Kennedy. Produziu diversos filmes de cineastas da sua geração, como Robert Zemeckis, Tobe Hooper, Lawrence Kasdan, Joe Dante, etc.

Filmografia (só como realizador):

1972: *Duel* (Um Assassino pelas Costas); 1974: *The Sugarland Express* (Asfalto Quente); 1975: *Jaws* (Tubarão); 1977: *Close Encounters of the Third Kind* (Encontros Imediatos do Terceiro Grau); 1979: *1941* (1941 - Ano Louco em Hollywood); 1980: *Close Encounters of Third Kind - The Special Edition* (Encontros Imediatos do Terceiro Grau - Edição Especial); 1981: *Raiders of the Lost Ark* Os Salteadores da Arca Perdida); 1982: *E.T.* (E.T., o Extraterrestre); 1983: *Twilight Zone, The Movie* (No Limiar da Realidade); 1984: *Indiana Jones and the Temple of Doom* (Indiana Jones e o Templo Perdido): 1986: *The Color Purple* (A Cor Púrpura); 1987: *The Empire of the Sun* (O Império do Sol); 1989: *Indiana Jones and the Last Cruzade* (Indiana Jones e a Grande Cruzada); 1989: *Always* (Sempre).

«A ementa do dia»

*****

NASCIDO A 4 DE JULHO, de Oliver Stone
TEMPO DE GLÓRIA, de Edward Zwick

****

O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
CINEMA PARAÍSO, de Giuseppe Tornatore
ALWAYS-SEMPRE, de Steven Spielberg
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DESTA, de Peter Greenaway
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER, de Steve Kloves
UM AMOR INEVITÁVEL, de Rob Reiner

***

A GUERRA DAS ROSAS, de Danny de Vito
O MEU PÉ ESQUERDO, de Jim Sheridan
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS, de Joe Johnston
FLORES DE AÇO, de Herbert Ross
NEGÓCIO DE FAMÍLIA, de Sidney Lumet
MISS DAYSY, de Bruce Beresford

**

AMIGOS E DETECTIVES, de Roger Spottiswoode

*

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys

Gil Vicente na SPA até sexta-feira

Iniciada na segunda-feira, pelas 18 horas, na Sala Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores (Av. Duque de Loulé, 31), pelo Teatro d'O Semeador, de Portalegre, é apresentada até à próxima sexta-feira, sempre no mesmo horário, uma série de espectáculos com as peças de Gil Vicente «Autos da Índia e das Fadas».

A encenação e dramaturgia são da responsabilidade de José Mascarenhas e a interpretação estará a cargo de Lígia Duarte, Conceição Gonçalves, Victor de Freitas, José Figueiredo Martins, Vítor Pires e Fátima Reis.

DESPORTO

BREVES

Lutadores mundiais vão estar em Loures

Numa conferência de Imprensa que teve lugar no lisboeta Solar dos Presuntos foi anunciado que representantes de nove países (incluindo alguns campeões mundiais) vão participar na 4.ª edição do Torneio Internacional da Primavera em lutas amadoras, que se disputa nos próximos dias 28 e 29, no pavilhão Paz e Amizade, em Loures. Segundo declarou Pedro Fernandes Santos (presidente da Federação Portuguesa de Lutas Amadoras) o torneio reveste-se de importância para o desporto nacional, «*pois conta com representantes das maiores potências mundiais, caso de atletas da Bulgária e da União Soviética*».

Organizada pela Federação Portuguesa da modalidade com o apoio da Câmara Municipal de Loures, a prova está inscrita no grupo «B» da Federação Internacional de Lutas Amadoras, sendo disputada nas disciplinas de greco-romana e livre olímpica. Conta com a presença das selecções da Bulgária, Espanha, União Soviética, França, Israel, Áustria, Argélia, Brasil e Portugal, estando ainda por confirmar a participação de atletas da Inglaterra, da RFA e do Afeganistão.

De destacar, na representação soviética, a deslocação de dois campeões mundiais (Antonov Sergey e Mardarenko Sergey) e entre os portugueses de João Pais (8.º classificado no último «mundial», na categoria de 48 quilos), Paulo Martins (9.º no recente «europeu», nos 74 quilos) e de Fernando Gaspar (actual campeão nacional). A selecção nacional, que participa com 33 elementos (24 na luta greco-romana e nove na livre olímpica) venceu a última edição da prova (com 26 pontos) terminando à frente da Espanha e da Bulgária, respectivamente 2.ª e 3.ª classificadas. Segundo refere Serra Fernandes (director técnico nacional de lutas amadoras) é na luta greco-romana que Portugal terá maiores hipóteses de conquistar classificações honrosas. «*É preciso não esquecer que a luta greco-romana está implantada no nosso país há mais de 70 anos, enquanto a luta olímpica só começou a ser praticada em 1976*«, justificou Serra Fernandes.

Sicasal/Acral na Vuelta

A equipa da Sicasal/Acral figura na lista das formações já inscritas para a próxima Volta à Espanha em bicicleta, constando da lista divulgada pela organização da prova, em Madrid. Segundo um porta-voz da organização, a «Vuelta», que se inicia dia 24 do corrente, em Benicasim, terá a participação de 10 equipas espanholas e 12 estrangeiras. Cada conjunto contará com nove ciclistas, havendo um total de 198 concorrentes (o máximo permitido) em prova.

Entre as formações estrangeiras inscritas destacam-se as do «Café de Colômbia», «PDM», «Toshiba» e «Isoglas Gerden-Wood», todas com fortes aspirações a êxitos.

Totobola e Totoloto: quem ganhou

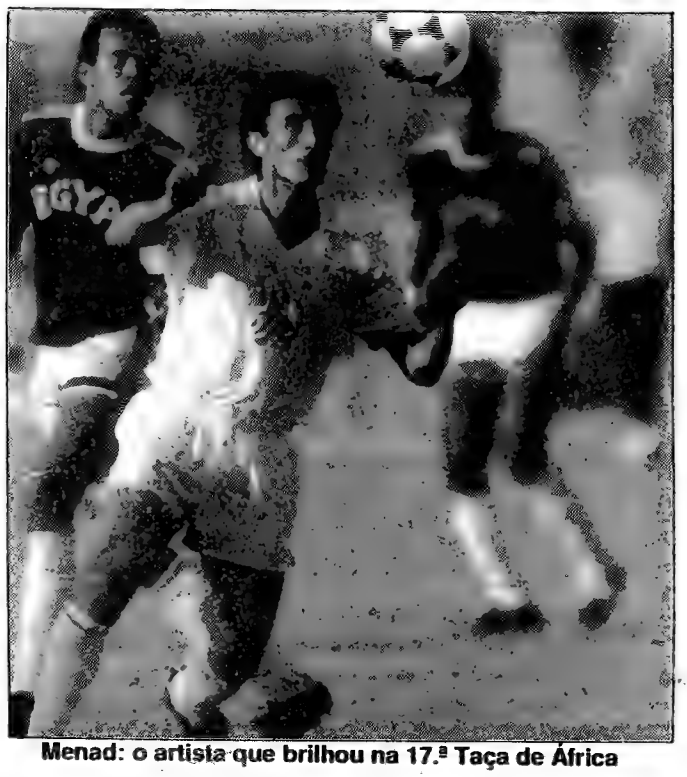
O 1.º prémio do Totobola é dividido esta semana por 318 apostadores, cabendo 66 370 escudos a cada um. O 2.º prémio atribui 3546 escudos a 5952 jogadores, sendo o 3.º prémio (no valor de 429 escudos) dividido por 49 127 apostadores.

Dois anónimos (de Matosinhos e Almada) foram os totalistas do concurso desta semana do Totoloto, arrecadando cada um o prémio de 39 370 279 escudos. Com o 2.º prémio foram escrutinados 12 apostadores, cabendo a cada um o prémio de 1 837 279 escudos e, com o 3.º prémio, os serviços de escrutínio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa apuraram 756 apostas, com um valor individual de 79 157 escudos. Com o 4.º prémio foram apurados 39 688 apostas (com o valor de 1507 escudos) e com o 5.º prémio foram escrutinadas 658 023 apostas, valendo cada uma 143 escudos.

A excelente formação argelina, que foi comandada pelo portista Madjer (ajoelhado, 2.º a contar da direita). Em pé, na extrema direita, está Megharia, considerado o melhor defesa central do continente africano. Amani (com a bola) e Menad (a seu lado) são os outros dois «internacionais» argelinos que querem vir jogar no nosso país.

Campeões do futebol africano querem vir jogar para Portugal

Provavelmente, o pontapé de saída terá sido dado por Rabah Madjer, a «estrela» portista que deslumbrou a Europa no jogo que valeu aos «dragões», em Viena de Áustria, a conquista da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A vinda do argelino para o velho continente, com uma série de triunfos já rubricados (até o título mundial oficioso de clubes, arrebatado em Tóquio, perante os uruguaios do Peñarol) contagiou os compatriotas, não espantando que, neste momento, os seus três mais cotados companheiros da turma nacional da Argélia (acabada de vencer a Taça de África) estejam ansiosos por se transferirem para o futebol lusitano.



Menad: o artista que brilhou na 17.ª Taça de África

Exacto: o goleador Menad (que cumpre este final de temporada nos franceses do Nine, 2.ª Divisão tricolor) e o defesa Megharia, mais o extremo Amani, nenhum deles ultrapassnado os 26 anos de idade, todos livres no termo desta época, sem qualquer problema físico e altamente cotados no mundo do moderno futebol, acabam de entregar o futuro aos empresários Valter Ferreira e José António (os homens que estão lançando a organização «WM»), com o autorizado parecer do «capitão» Madjer (que os considera «com categoria para serem considerados os melhores de África, neste momento»). E, acrescenta o atirador das Antas: «Se alguém estiver interessado nestas três 'estrelas', pode falar comigo. Fodil Megharia, como 'stoppeur', comanda toda a defesa do meu país. Djamel Amani, que conseguiu três golos na recente 'Taça de África', é tremendamente eficaz e muito veloz, fazendo indistintamente o lugar de ponta- direita ou de centro-campista. Quanto a Djamel Menad apenas isto: a crítica colocou-o ao meu lado, na lista dos melhores atacantes do torneio. Em conquista de golos, foi o 1.º: conseguiu quatro tentos e eu limitei-me a dois, com o Amani entre nós (três golos)». «O curioso é que estes três artistas estão quase exclusivamente interessados em alinhar no Sporting. Faleilhes no Vitória de Guimarães ou no Estrela da Amadora, no Belenenses e no Benfica mas eles, certamente sugestionados pelo que lhes tem dito o Madjer, sabendo também que, em Alvalade, o presidente Sousa Cintra quer comprar autênticas vedetas para substituir muitos nomes de um bloco com altos e baixos, que procura um 'onze' com 'estrelas' em pontos vitais da sua estrutura, estão todos pensando no Sporting. Só que o presidente dos verde-brancos anda sempre por fora, quando está cá fica muito atarefado e, como não deve estar a par do que se passa no futebol mundial de futuro, a situação vai ter de mudar para outro rumo. Esta semana se verá» — adianta Valter Ferreira.

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E VÍDEO

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

*Reparamos hoje, em sua casa, o seu **TV** ou **VIDEO***
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

☎ 899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Para o duelo com Marselha

Benfica: dúvidas com o sueco Thern

Com o máximo cuidado, sabendo (inclusive) que a própria segurança do elenco directivo está dependente de um êxito na Taça dos Clubes Campeões Europeus (o único grande prémio que está verdadeiramente ao alcance nesta temporada) o Benfica prepara a recepção de amanhã, ao Marselha. Ontem, a equipa realizou um treino de duas horas, após o que entrou em estágio. E, já esta manhã houve nova sessão de preparação, especialmente para se aquilatar da condição física de Thern que, segundo o Departamento Médico da Luz informou ao encerrar desta edição do «DL», ainda está sob dúvidas, «*pois Eriksson quer apenas dispor de jogadores atleticamente a 100 por cento*».

Presenciada por uma centena de adeptos e sob sol intenso, a sessão de trabalho de ontem dos futebolistas do Benfica foi toda ela marcada pela realização de um treino de conjunto onde Eriksson terá testado a equipa que iniciará o jogo com os franceses. Todavia, o técnico ainda agora não sabe se pode contar com o concurso de Thern, César Brito e Diamantino, todos eles com lesões traumáticas. O dr. Amílcar Miranda (médico benfiquista) é de opinião que César Brito (hematoma nos gémeos) não poderá alinhar, enquanto o sueco Jonas Thern tem condições para jogar, embora não o possa fazer com um rendimento físico total. Diamantino, que treinou ontem sem qualquer limitação (segundo o dr. Amílcar Miranda) *ainda não tem a resistência muscular suficiente para os 90 minutos do jogo*, numa partida em que o Benfica tem de recuperar da desvantagem de 2-1, que trouxe de Marselha.

Eriksson escolheu para a equipa principal no treino (e tudo o indica também para amanhã) os seguintes jogadores: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira, Valdo e Pacheco; Lima e Magnusson. Além destes jogadores, Thern poderá ter um lugar na equipa principal em detrimento de Pacheco, dependendo da opção estratégica do treinador sueco. Ontem, foi evidente a insistência com Pacheco, para rematar à baliza, e também compensar os avanços de Magnusson e de Lima. Pacheco (voluntarioso na forma como ataca o seu adversário directo) mostrou-se mais retraído no disparo às redes e também nas dobras aos companheiros.

Hernâni, que poderá ser um dos «sacrificados» se vingar a «opção Thern», mostrou ser actualmente um dos mais bem preparados jogadores do Benfica e com um invulgar engodo pela baliza, não recusando a oportunidade de rematar sempre que a bola lhe aparecia perto do pé direito.

Por sectores (e tendo em conta o treino de ontem), Silvino mostrou toda a segurança nos remates de longe e alguma intranquilidade quando chamado a desfazer cruzamentos. José Carlos e Veloso mostraram especiais preocupações nas subidas pelos flancos, culminando com cruzamentos a procurar a cabeça de Mats Magnusson e de Hernâni. Aldair e Samuel provaram formar uma dupla equilibrada, onde a velocidade de Samuel encontra equilíbrio no sentido posicional do brasileiro.

A meio-campo, Hernâni foi (desta vez) mais um médio-avançado que um «trinco», enquanto Vítor Paneira e Pacheco tiveram a missão de actuarem encostados às respectivas linhas laterais, de forma a provocar o alargamento da defensiva contrária e, assim, permitir as entradas de Valdo (pelo centro), lançado de trás para a frente com a bola dominada. O brasileiro saído de uma quebra física, mostrou-se algo retraído.

No ataque, Lima esteve mais trabalhador que Magnusson, embora ambos mostrassem ter a pontaria afinada. A coroar o empenhamento dos jogadores há a registar golos de Lima, Magnusson, Hernâni, Aldair e Pacheco (para a equipa principal) e ainda de Abel e Diamantino (da turma treinadora).

Registe-se que, no final do treino, Valdo ficou no relvado a treinar a marcação de livres directos, com uma barreira metálica entre si e a baliza à guarda de Dias Graça.

No treino de conjunto as duas formações alinharam do seguinte modo:

Equipa principal: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Vítor Paneira, Hernâni, Valdo e Pacheco; Lima e Magnusson.

Equipa treinadora: Dias Graça; Paulo Madeira, Ricardo, Paulinho e Fonseca; Abel, Sousa, Diamantino e Chalana; Vata e Ademir.

Álvaro e Fernando Mendes ajudaram Eusébio na preparação de Bento.

Além dos 11 nomes que compuseram a equipa principal, encontram-se em estágio outros atletas: Dias Graça, Paulo Madeira, Chalana, Thern, Abel, Diamantino e Vata. A equipa do Marselha viajou para Lisboa no avião particular do seu presidente (Bernard Tapie) treinando esta noite, na Luz, pelas 21 horas.

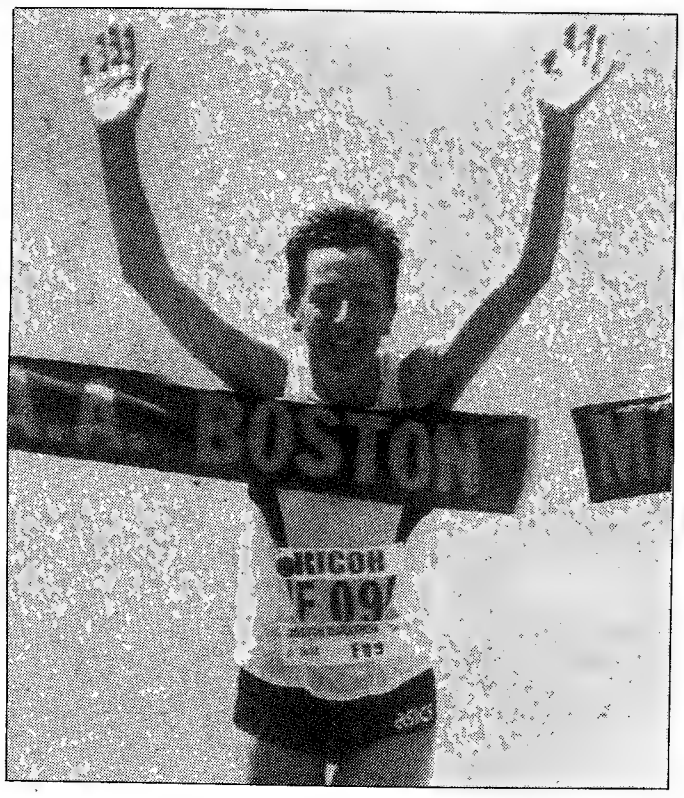
Ganhou um belo automóvel e 7500 contos

Rosinha de ouro trisa em Boston

Ninguém segura a campeã portuguesa: pela 3.ª vez (feito inédito) Rosa Mota vence a celebrada Maratona de Boston, ficando agora com 12 triunfos em 17 corridas feitas naquela distância e conseguindo ontem, nos EUA, o 5.º melhor tempo da sua carreira: 2 horas 25 minutos e 25 segundos. Com esta vitória, a titular olímpica tornou-se a 1.ª atleta a ganhar três vezes a mais antiga maratona do mundo.

Classificação feminina nesta 94.ª edição da Maratona de Boston: 1.ª, Rosa Mota, duas horas, 25 minutos e 24 segundos; 2.ª, Uta Pippig (RFA) 2.28.03; 3.ª, Maria Trujillo (EUA) 2.28.53; 4.ª, Kamila Gradus (EUA) 2.28.56; 5.ª, Kim Jones (EUA) 2.31.01; 6.ª, Veronique Marot (Inglaterra) 2.31.09; 7.ª, Zoya Ivanova (URSS), 2.31.15; 8.ª, Ritva Lamettinen (Finlândia) 2.38.44; 9.ª, Dimitra Papasirou (Grécia) 2.38.45 e 10.ª, Anne Roden (Inglaterra) 2.39.36. Em homens: 1.º, Gelindo Bordin (Itália) duas horas, oito minutos e 19 segundos; 2.º, Juma Ikanga (Tanzânia) 2.09.52; 3.º, Rolando Vera (Equador) 2.10.46; 4.º, John Campbell (EUA) 2.11.04; 5.º, Rob de Castella (Austrália) 2.11.28; 6.º, Isidro Rico (México) 2.13.02; 7.º, Geoff Smith (EUA) 2.13.38; 8.º, Salah Qoqiche (EUA) 2.13.53; 9.º, Futosh Shinohara (Japão) 2.14.10; 10.º, Philip O' Brien (EUA) 2.14.21.

Rosa Mota afirmou, no final do seu êxito, ter-se concentrado apenas na prova, obedecendo com rigor às instruções do seu treinador José Pedrosa.



A única maratonista com os títulos europeus (1982 e 1986), mundial (87) e olímpico (1988), confessou ter sentido «*muitos nervos antes do início da corrida*», mas que conseguiu superar rapidamente a tensão e a ansiedade normais em grandes provas internacionais.

«*Estava nervosa antes da partida*» — disse Rosa Mota (também vencedora das edições de 1987 e 1988 da Maratona de Boston) referindo que tudo se modificou por completo com a partida das cerca de 1700 atletas femininas. «*Uma vez dada a largada comecei a correr e esqueci-me de tudo o resto*» — lembrou Rosa Mota, acrescentando: «*esforcei-me por fazer a minha corrida e pensar unicamente em mim. Depois ouvi o meu técnico dizer-me que não tinha ninguém atrás de mim e que fizesse o resto do percurso sem me esgotar fisicamente.*»

Rosa Mota, que superou na maratona uma das favoritas norte-americanas na competição (Kim Jones, de 31 anos, 5.ª classificada da geral) recebeu rasgados elogios da sua rival Maria Trujillo (EUA), 30 anos, 3.ª classificada, que referiu, no termo da maratona, que Rosa Mota fora para si a grande favorita, por se tratar de uma atleta com muita experiência: «*A Rosa é uma atleta com muito talento e experiência. Nunca pensei em ganhar e estou feliz com o meu 3.º posto*» — comentou a atleta norte-americana.

Rosa Mota cortou a meta com uma confortável vantagem de mais de dois minutos sobre a 2.ª classificada, a alemã-federal Utta Pippig. Apesar da vitória fácil, Rosa Mota obteve o seu pior tempo em Boston, comparativamente com as 2.25.12 horas em 1987 (na fase de preparação para o Campeonato da Europa) e 2.24.30 horas em 1988 (antes dos jogos de Seul).

Este triunfo foi o 1.º depois da atleta ter regressado à sua condição de federada, resolvido o diferendo que se arrastou por mais de dois anos com a Federação Portuguesa de Atletismo. A vitória deu à nossa «Rosinha de ouro» o prémio de 50 mil dólares (cerca de 7500 contos) e ainda um moderno e luxuoso automóvel.

Por seu lado o italiano Gelindo Bordin (medalha de ouro em Seul) conseguiu também a proeza de ser o 1.º campeão olímpico a vencer a Maratona masculina de Boston. Em 1988, o queniano Ibrahim Hussein bateu Juma Ikaanga (agora em 2.º) por apenas um segundo (na mais emocionante final da história da Maratona de Boston), e, em 1989, o etíope Abebe Mekonen venceu-o por 48 segundos. O recorde da Maratona de Boston foi estabelecido pelo australiano Rob Castella, (em 1986) em 2.07.51 horas. Os tempos da prova não são homologados oficialmente pela Federação Norte-Americana de Atletismo devido ao diversificado traçado do percurso.

Cinco «portugueses» no mundial italiano

Lazaroni escolhe «escrete»

Os defesas Branco, Aldair e Ricardo e os médios Silas e Valdo (todos a actuarem em clubes portugueses) integram a lista de 22 jogadores convocados para a selecção brasileira com vista ao mundial de futebol em Itália. O seleccionador brasileiro, Sebastião Lazaroni, optou por escolher 11 jogadores que militam em clubes estrangeiros (Portugal, Itália, França, Holanda e RFA). De salientar no rol dos convocados a presença do ex-benfiquista Mozer (actualmente no Marselha, de França) e do avançado Romário (PSV Eindhoven, Holanda), a recuperar de grave lesão, após fractura numa perna. Jorginho (Bayer Leverkusen, RFA), Alemão (Nápoles), Dunga (Fiorentina), Careca (Nápoles) e Muller (Torino) são outros dos «estrangeiros» que Lazaroni aposta para a campanha mundialista.

Na lista dos convocados figuram ainda sete dos «sobreviventes» da última campanha no mundial do México (1986): Muller, Mozer, Branco, Careca, Silas, Alemão e Mauro Galvão.

A maioria dos nomes escolhidos não suscitam dúvidas, pois a Imprensa desportiva brasileira já há várias semanas indicava a lista de 19 jogadores «inquestionáveis», havendo, na altura, apenas incerteza em relação aos médios Tita e Bismarck e ao avançado Renato. Lazaroni, que acabou por não convocar o benfiquista Lima (apesar de ter pedido informações mais detalhadas sobre o jogador) prometeu que o lote dos 22 jogadores «eleitos» permite constituir uma equipa de 1.º plano, capaz de dar grandes alegrias aos adeptos dos «canarinhos».

Renato (um jogador de grandes potencialidades, mas algo irregular nas exibições) acabou por ser convocado por Lazaroni, depois de uma carreira desportiva cheia de altos e baixos, tendo o atleta sido um dos grandes ausentes no último mundial no México, após desentendimentos com o então seleccionador Telé Santana. Acusado de ser indisciplinado, Renato (que fora campeão mundial de clubes, em 1983, com o Grémio de Porto Alegre) passou ao lado do mundial-86 e teve uma carreira frustrante ao serviço do Roma, muito embora, após o regresso ao Brasil, se tenha firmado como o grande «ídolo» do Flamengo: «*Renato é uma boa escolha. É um jogador vigoroso, explosivo e criativo, que faria falta a qualquer equipa do mundo*« — afirmou a seu respeito o antigo guarda-redes Raul Plassmann, agora comentador desportivo no Brasil.

Com excepção dos jogadores que actuam no estrangeiro e cujos exames médicos estão marcados para dia 1 de Maio, os restantes elementos seleccionados devem apresentar-se dia 23 deste mês, para o mesmo efeito, num hospital do Rio de Janeiro.

Os 22 jogadores escolhidos por Lazaroni são os seguintes:

- Guarda-redes: Tafarrell (Internacional), Acácio (Vasco da Gama) e Zé Carlos (Flamengo).
- Defesas: Jorginho (Bayer Leverkussen, RFA), Aldair (Benfica); Mauro Galvão (Botafogo), Mozer (Marselha, ex-Benfica), Ricardo (Benfica), Ricardo Rocha (São Paulo, ex-Sporting), Branco (FC Porto) e Mazinho (Vasco da Gama).
- Médios: Dunga (Fiorentina), Silas (Sporting), Alemão (Nápoles), Valdo (Benfica), Bismarck (Vasco da Gama) e Tita (Vasco da Gama).
- Avançados: Bebeto (Vasco da Gama), Careca (Nápoles), Romário (PSV Eindhoven), Muller (Torino) e Renato (Flamengo).

A selecção brasileira vai defrontar a Bulgária e a Alemanha Democrática (RDA), em jogos particulares de preparação para Itália. A turma «canarinha» defronta a Bulgária no dia 5 de Maio (na cidade paulista de S. José do Rio Preto), cabendo-lhe actuar perante o conjunto alemão-democrático, dia 13 do mesmo mês, no Rio de Janeiro. Ainda com vista à sua preparação, o Brasil efectuará um encontro particular com um misto de jogadores do Real e Atlético de Madrid (dia 16 de Mario, na capital espanhola). Dia 27 de Maio, os «canarinhos» jogam com a selecção regional de Umbria, em Gubbio (Itália).

Como vão os «nacionais» de futebol

Título, Europa, subidas e descidas: algumas certezas e muitas dúvidas

Quando restam seis jornadas para cair o pano sobre o Nacional da divisão principal e oito para terminar o campeonato da divisão secundária, o «DL» faz o «ponto da situação» referindo o que falta a cada um dos candidatos ao título, do que resta aos concorrentes à corrida para a Europa, qual o programa para os restantes primodivisionários e como vão as coisas relativas à II divisão no que respeita à corrida para a divisão maior e subida à Divisão de Honra.

Dragões: título à vista

Corredores de fundo

FC PORTO (50 pontos)

Casa	Fora
E. Amadora	União
V. Setúbal	Belenenses
Beira Mar	Guimarães

BENFICA (46 pontos)

Tirsense	Feirense
União	Boavista
Belenenses	E. Amadora

Luta para a Europa

SPORTING (39 pts.)

Boavista	Tirsense
E. Amadora	União
V. Setúbal	Belenenses

GUIMARÃES (39 pts.)

Nacional	Chaves
Porto	Beira Mar
	Penafiel
	Portimonense

BELENENSES (30 pts.)

Nacional	Penafiel
Porto	Portimonense
Sporting	Benfica

V. SETÚBAL (30 pts.)

Beira Mar	Nacional
Penafiel	Porto
Portimonense	Sporting
	Feirense

CHAVES (29 pts.)

Guimarães	Braga
Beira Mar	Feirense
Nacional	Tirsense

Tranquilidade

ESTRELA (26 pts.)

Penafiel	Porto
Portimonense	Sporting
Benfica	Marítimo

BEIRA MAR (26 pts.)

Guimarães	V. Setúbal
Penafiel	Chaves
	Nacional
	Porto

BOAVISTA (25 pts.)

Portimonense	Sporting
Benfica	Marítimo
Braga	Feirense

TIRSENSE (25 pts.)

Sporting	Benfica
Marítimo	Braga
Feirense	Chaves

Insegurança

BRAGA (23 pts.)

Marítimo	Feirense
Chaves	Boavista
Tirsense	
União	

MARÍTIMO (22 pts.)

Feirense	Braga
Boavista	Tirsense
E. Amadora	União

UNIÃO (21 pts.)

Porto	Portimonense
Sporting	Benfica
Marítimo	Braga

NACIONAL (20 pts.)

V. Setúbal	Belenenses
Beira Mar	Guimarães
Chaves	Penafiel

PENAFIEL (19 pts.)

Belenenses	E. Amadora
Guimarães	V. Setúbal
Nacional	Beira Mar

PORTIMONENSE (17 pts.)

União	Boavista
Belenenses	E. Amadora
Guimarães	V. Setúbal

Gil Vicente corrida muito disputada

FEIRENSE (15 pts.)

Benfica	Marítimo
Braga	Tirsense
Chaves	
Boavista	
V. Setúabl	

Da leitura da pauta classificativa apenas se extrai como conclusão, praticamente firmada, de que o FC Porto, Benfica, Sporting e Vitória de Guimarães têm presença assegurada na Europa e o Feirense em «queda livre» para a divisão de honra.

• O FC Porto, com o título à vista, apresenta-se como candidato mais sólido à Taça dos Campeões de 1991 e, no caso de ocorrer um «cataclismo» nas Antas que provoque a continuidade do Benfica no trono então, restaria aos «dragões» ficar pela disputa da Taça UEFA.

• Ao Benfica, restam três hipóteses: ganha a Taça dos Campeões e o título nacional e continua na prova mais credenciada, perde a TCE e ganha o campeonato nacional e a situação mantém-se e não vence a TCE nem o «Nacional» e terá de se contentar com presença na prova de «terceira ordem» (Taça UEFA).

• O Sporting está de «cimento armado» na Taça UEFA.

• Quanto ao Vitória de Guimarães, tem «lugar reservado» na Taça das Taças (para que tal suceda terá de vencer a Taça de Portugal) e caso isso não aconteça estará na Taça UEFA.

• Ao Belenenses deparam-se, igualmente, duas alternativas, vencendo a Taça de Portugal irá à «TT» e no caso de não bisar o êxito da época passada, terá de «fazer pela vida» para assegurar o 5.º lugar no «Nacional» para conseguir a integração na «T. UEFA».

E, chegando aqui, tudo poderá ficar arrumado: Porto, campeão nacional, na TCE; Belenenses ou Vitória de Guimarães na TT e Benfica (2.º classificado do Nacional e eliminado da TCE), Sporting e Belenenses ou Guimarães na Taça UEFA.

Mas as hipóteses ainda são diversas: para a Taça dos Campeões existem dois candidatos e ambos poderão vir a averbar presença.

Para a Taça das Taças são (ainda) cinco os concorrentes (Guimarães, Belenenses, V. Setúbal, E. Amadora e Farense) e destas «arrumações resultará quem irá à Taça UEFA.

Por último: a situação ideal para o futebol português (que me desculpem os benfiquistas porventura discordantes) seria esta: Benfica e Porto na Taça dos Campeões, na Taça das Taças um dos cinco candidatos e mais dois parceiros juntos do Sporting na Taça UEFA. Seriam seis clubes portugueses na «integração europeia».

2.ª Divisão

Enquanto na zona Sul há vários meses que o Farense se desvinculou dos parceiros, numa clara demonstração de supremacia, nas duas restantes prossegue a luta, mais participada a Norte mas não menos entusiástica, no Centro.

Relativamente a cada uma das zonas eis o ponto da situação referindo os jogos que faltam a cada um dos candidatos à subida:

Zona Norte: cinco em luta

FAMALICÃO (36 pts.)

Casa	Fora
Fafe	Felgueiras
Joane	Freamunde
Rio Ave	Vizela
Vianense	Maia

GIL VICENTE (36 pts.)

Infesta	Aves
Leixões	Bragança
Marco	Joane
	Trofense
	Varzim
	Maia

MAIA (33pts.)

Fafe	Felgueiras
Famalicão	Leixões
Gil Vicente	P. de Ferreira
Trofense	Vizela
Varzim	

FREAMUNDE (32 pts.)

Aves	Felgueiras
Famalicão	Leixões
Trofense	Marco
Varzim	P. de Ferreira

P. DE FERREIRA (32 pts.)

Freamunde	Fafe
Infesta	Joane
Maia	Rio Ave
Vizela	Vianense

Um destes subirá à 1.ª divisão e os demais assumem-se como fortes candidatos à divisão de honra. Será bom não esquecer que o Desportivo das Aves (30 pontos), Varzim (27), Leixões (27) e Bragança (26) não podem considerar-se fora da corrida.

No que respeita à despromoção à 3.ª divisão, o Marco (13 pontos) está, irremediavelmente, condenado e o Trofense (17) parece seguir a mesma rota.

Zona Centro: domínio nortenho

ESPINHO (40 pontos)

Águeda	U. Leiria
Peniche	Marialvas
Lousanense	Covilhã
Mangualde	
Salgueiros	

SALGUEIROS (39 pts.)

C. Branco	Oliveirense
Peniche	U. Leiria
Lousanense	Marialvas
Mangualde	Espinho

UNIÃO DE LEIRIA (38 pts.)

Espinho	Mangualde
Salgueiros	Covilhã
Mirense	Caldas
Guarda	Académica

A discussão quanto à subida ao trono maior, está praticamente limitada a estes concorrentes e os dois que venham a ser separados terão como «prémio de consolação» o acesso à Divisão de Honra que contará mais três que, a avaliar pela posição classificativa deverão sair deste grupo: Académico de Viseu (30), Mirense (30) e Águeda (29 pts.).

Peniche (11 pts.), Oliveira do Bairro (14) e Lousanense (17), parecem destinados à despromoção.

Zona Sul: Farense mantém-se em fuga

Ninguém duvidará que o Farense deixe escapar a posição que vem ocupando desde o começo do campeonato e os nove pontos que o separam do seu mais directo seguidor, elucidam, de forma significativa, a supremacia exercida sobre a concorrência. Recorde-se que, em 26 jornadas, o Farense apenas «baqueou», em Lisboa, frente ao Alverca.

Para a «Divisão de Honra» os candidatos são bastantes. Veja-se a pauta: Louletano (36 pontos), Estoril (35), Barreirense (34), Torreense (33) Elvas (33), Alverca (31), Juventude (30) e Lusitano de Vila Real (28).

Para a queda, Samora Correia (11 pontos) e Sintrense (12) já se encontram em plano inclinado.

Quem sobe e quem desce

1.ª divisão: Descem à Divisão de Honra: os três últimos classificados.

Sobem: os vencedores de cada zona da 2.ª divisão.

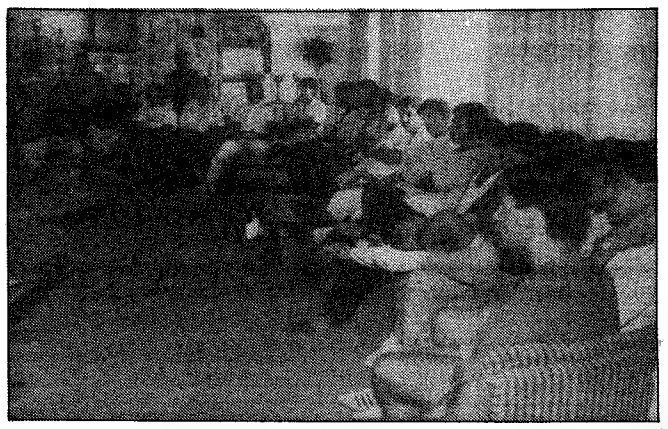
Divisão de honra: será formada pelos três últimos classificados da 1.ª divisão e pelos 2.os a 6.os classificados de cada zona da 2.ª divisão.

2.ª divisão: sobem à 1.ª divisão os vencedores de cada zona e à Divisão de Honra os classificados de 2.º a 6.º de cada zona.

Descem: à 3.ª divisão os 15.º, 16.º, 17.º e 18.º classificados de cada zona.

3.ª divisão: sobem à 2.ª divisão: os cinco primeiros de cada série; descem ao regional: os 15.º, 16.º, 17.º e 18.º de cada série.

Alves Henriques



Farense: um elenco bem escolhido

CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA

CONVOCATÓRIA

Nos termos das disposições contidas na alínea a) do artigo 44.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária, para reunir no próximo dia 28 de Abril de 1990 pelas 14.00 horas na DELEGAÇÃO N.º 1 DO CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA, sita na Praceta do Clube do Sargento da Armada — Feijó — Almada, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. FAZER O PONTO DA SITUAÇÃO RELATIVAMENTE À SEDE SOCIAL.
2. AVALIAÇÃO E BALANÇO DA ACÇÃO DIRECTIVA.
3. ELEIÇÃO DE QUATRO MEMBROS PARA A ACTUAL DIRECÇÃO.

Não havendo número legal de sócios para deliberar na primeira convocatória, convoco desde já a mesma Assembleia Geral, para reunir em segunda convocação, uma hora depois, no mesmo local e dia, com a mesma Ordem de Trabalhos, deliberando então, com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, Sede Social em 2 de Abril de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Aníbal Tomé Romano

CONSÓRCIO COMERCIAL DE MÁQUINAS, LDA.ª

CONVOCATÓRIA

Por este meio e de acordo com o artigo 14.º do Pacto Social é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos Sócios do CCM — Consórcio Comercial de Máquinas, Ld.ª, para reunir na sede social, sita na Av. Sacadura Cabral, 25-A/E, em Lisboa, pelas 15 horas do dia 30 de Abril de 1990 com a seguinte:

Ordem de trabalhos

Apreciação e votação do Balanço e Contas referente ao exercício de 1989.

Lisboa, 17 de Abril de 1990

I Série N.º 89
Dia 17 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 127/90:
Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva n.º 77/799/CEE, do Conselho, de 19 de Dezembro de 1977, relativa à assistência mútua das autoridades competentes dos Estados membros no domínio dos impostos directos.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 128/90:
Estabelece o enquadramento da Universidade Católica Portuguesa no sistema de ensino superior português.

Ministérios da Educação e da Saúde

Portaria n.º 278/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de D. Ana Guedes.

Portaria n.º 279/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Bragança.

Portaria n.º 280/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian.

Portaria n.º 281/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de S. João.

Portaria n.º 282/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem do dr. Ângelo da Fonseca.

Portaria n.º 283/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian de Lisboa.

Portaria n.º 284/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Faro.

Portaria n.º 285/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Santarém.

Portaria n.º 286/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo.

Portaria n.º 287/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara.

Portaria n.º 288/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Francisco Gentil.

Portaria n.º 289/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo.

Portaria n.º 290/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem da Guarda.

Portaria n.º 291/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus.

Portaria n.º 292/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Beja.

Portaria n.º 293/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Leiria.

Portaria n.º 294/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Vila Real.

Portaria n.º 295/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Bissaia Barreto.

Portaria n.º 296/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem do dr. Lopes Dias.

Portaria n.º 297/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada.

Portaria n.º 298/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Portalegre.

Portaria n.º 299/90:
Aprova o plano de estudos do curso de bacharelato em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Viseu.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 300/90:
Altera os grupos de mercadorias constantes das Portarias n.ºs 538/79, de 12 de Outubro, e 626/84, de 22 de Agosto (classificação das mercadorias para efeito da aplicação de taxa de porto).

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco ou moderado de Norte, soprando por vezes forte no litoral.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: Céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado na parte norte da região Norte, onde há possibilidade de aguaceiros fracos. Vento Norte fraco a moderado.

Depois de amanhã: Céu geralmente limpo e vento Norte fraco a moderado.

MADEIRA

Céu geramente muito nublado. Vento Nordeste moderado com rajadas. Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros na Costa Norte e mar de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul. fortes. No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento em geral fraco.

Amanhã: - Céu muito nublado, alternando com boas abertas e vento Nordeste moderado a forte. Depois de Amanhã: - Céu com períodos de muito nublado e vento Nordeste moderado a forte.

AÇORES

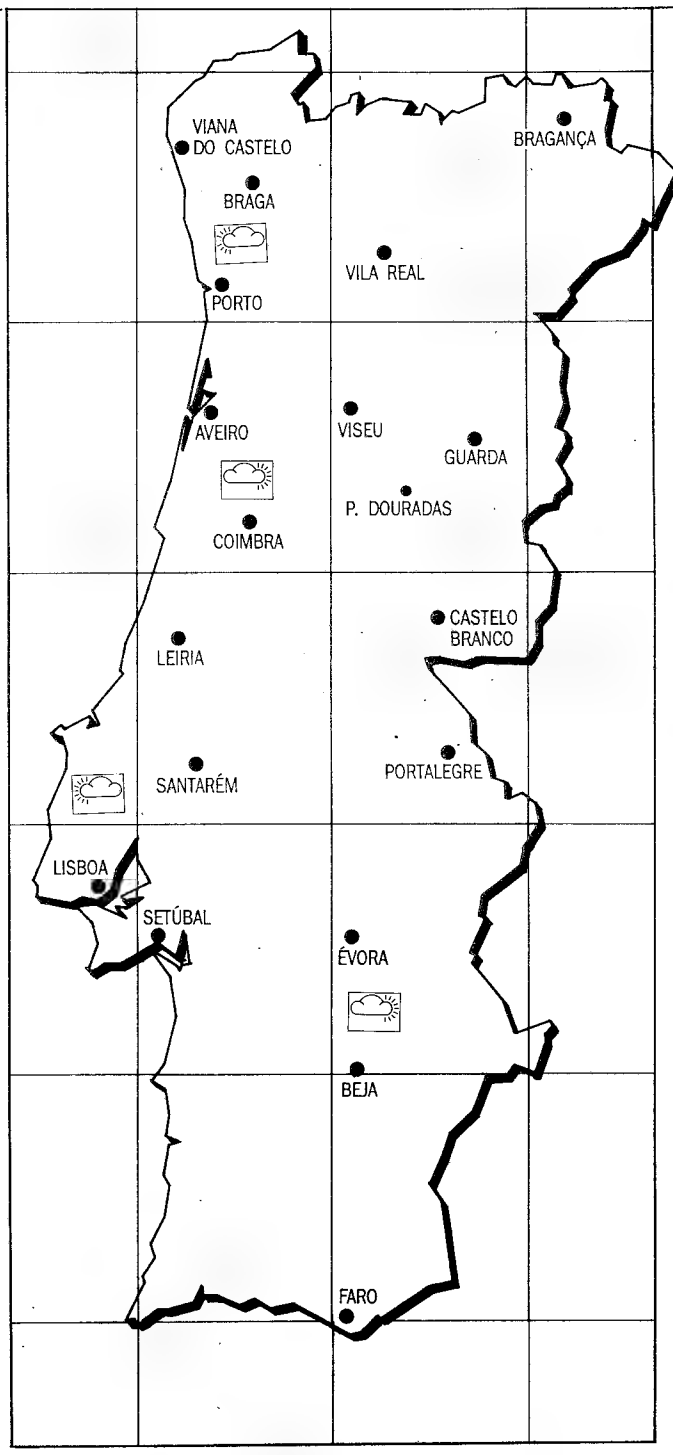
Grupo Ocidental: - Céu pouco nublado e vento Leste fraco a moderado. Mar de pequena vaga com ondulação Norte de 2 metros.

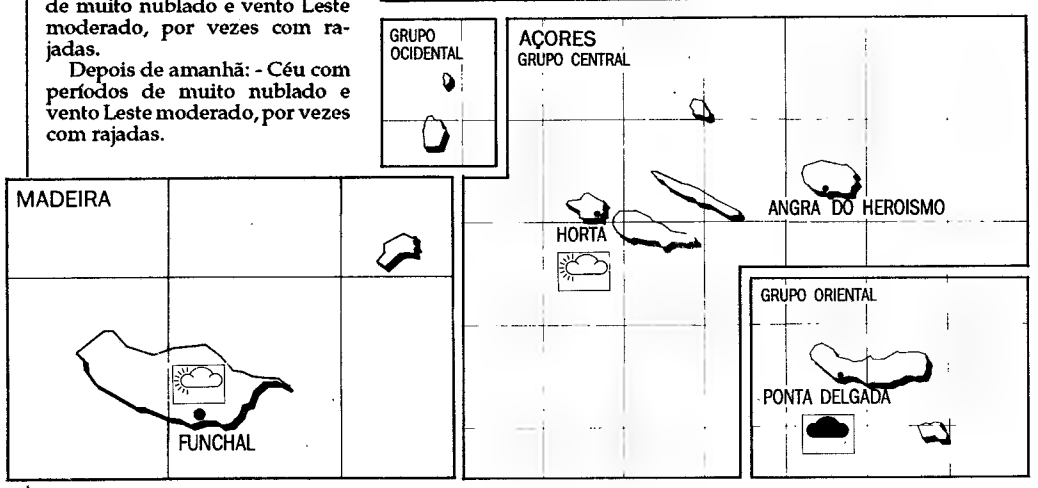
Grupo Central: - Céu com períodos de muito nublado e vento Nordeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Oriental; - Céu geralmente muito nublado e vento Nordeste moderado. Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã: - Céu com períodos de muito nublado e vento Leste moderado, por vezes com rajadas.

Depois de amanhã: - Céu com períodos de muito nublado e vento Leste moderado, por vezes com rajadas.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
08.22	2,7m	01.41	1,4m
20.46	2,8m	13.59	1,6m

Amanhã

09.41	2,6m	02.54	1,5m
22.09	2,8m	15.22	1,6m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	8	8	M. nub.
V. Castelo	11	12	Chuva
Vila Real	6	6	P. nub.
Porto	8	10	Encoberto
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	8	8	Nevoeiro
C. Carvoeiro	13	14	M. nub.
C. Branco	9	9	P. nub.
Portalegre	10	10	P. nub.
Lisboa	12	12	M. nub.
Évora	8	8	Neblina
Beja	8	8	P. nub.
Faro	13	14	Limpo
Sagres	13	13	Limpo
P. Delgada	12	13	M. nub.
Horta	12	12	P. nub.
Funchal	13	14	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 16; Faro, 24; P. Delgada, 18; Funchal, 22.

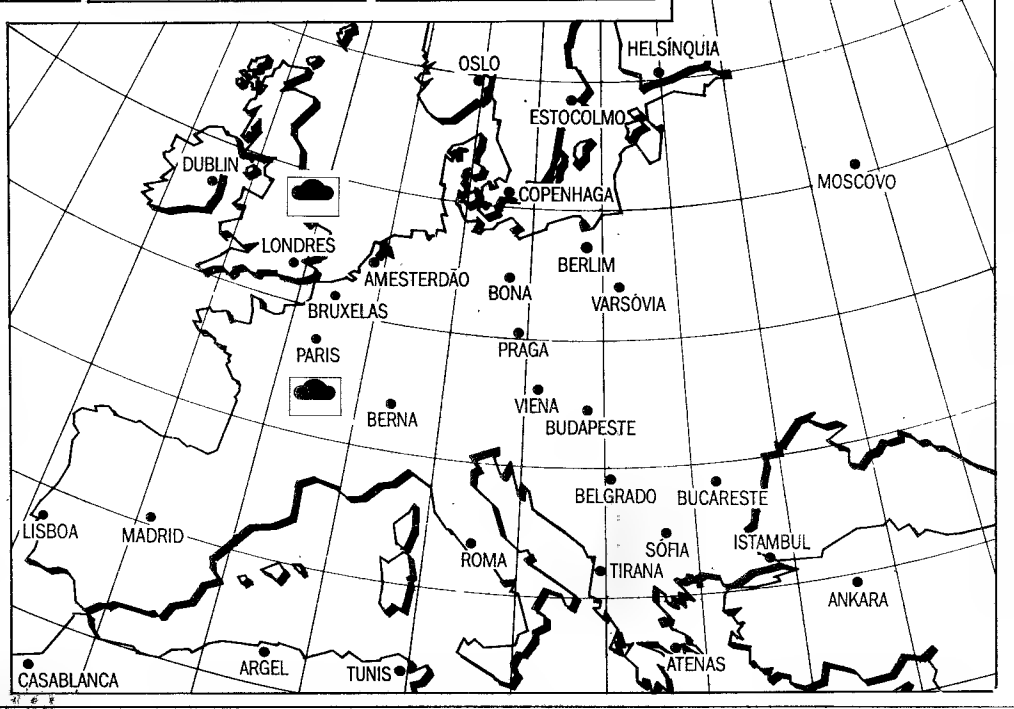
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	4	5	P. nub.
Londres	1	2	M. nub.
Paris	3	4	M. nub.
Bruxelas	5	6	Aguaceiros
Amesterdão	4	5	Aguaceiros
Genebra	1	4	M. nub.
Roma	6	6	P. nub.
Oslo	-2	2	P. nub.
Copenhaga	2	6	M. nub.
Estocolmo	2	5	Aguaceiros
Berlim	2	3	Neblina
Viena	7	8	M. nub.
Varsóvia	-	-	-
Atenas	11	14	M. nub.
Moscovo	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	2	9	V. forte
Houston	17	28	M. nub.
Los Angeles	13	18	Aguaceiros
Montreal	1	7	Limpo
Nova Iorque	10	15	Aguaceiros
S. Francisco	9	20	Aguaceiros
Toronto	5	5	M. nub.
Vancover	7	17	Limpo
Washington	6	16	M. nub.
Hong Kong	18	24	Chuva
Melbourne	13	21	P. nub.
Pequim	7	16	P. nub.
Perth	10	23	Limpo
Singapura	24	32	Aguaceiros
Sydney	18	26	Aguaceiros
Tóquio	12	18	Chuviscos
Wellington	10	20	V. forte

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Alto São João:** Zional, Rua Morais Soares, 56-C; **Baixa:** Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Madre de Deus:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Rato:** Albano, Rua Escola Politécnica, 59, Tel. 326750; **Rego:** Prates & Mota, Rua Beneficiência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8, 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Cais do Sodré:** Central, Rua São Paulo, 108, Tel. 320389; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Estrela:** Marques Freire, Rua Santo António à Estrela, 96, Tel. 665196; **Intendente:** Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Praça de Londres:** Algarve, Av. Roma, 7-B, Tel. 801478; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Até às 22 h; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Correios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, Av. Gen. Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

PROFESSORES E ALUNOS DIRIGEM NO PORTO (EM REGIME EXPERIMENTAL) A ESCOLA DE BELAS-ARTES

A LIGAÇÃO DE LISBOA A BRAGA

Após o regresso da Apolo-13

O FUTURO PREOCUPA OS TÉCNICOS ESPACIAIS

Professores e alunos dirigem no Porto as Belas Artes

O curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto começou a funcionar, no passado dia 1 de Abril, em regime experimental total, por dois anos, depois de ter estado cinco meses sem aulas. «O actual ministro da Educação Nacional - disse-nos um deputado que é, também, professor universitário - resolveu o problema, que se arrastava há anos, em cinco minutos. Foi uma decisão altamente oportunae importantíssima...»

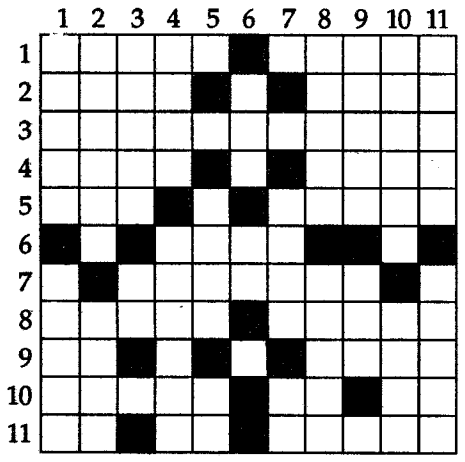
O futuro preocupa os técnicos espaciais

O mundo alegra-se hoje com a missão Apolo-13, que após alguns momentos de tragédia terminou no maior êxito da história de salvamentos de cosmonautas. Porém, os técnicos espaciais americanos continuam preocupados acerca do futuro. Thomas Paine declarou que tinha sido aberto um inquérito ao acidente da cápsula Apolo-13, mas acrescentou categoricamnete que o programa espacial continuaria.

Lenine da Paz para cientista americano

A União Soviética galardoou com o Prémio Lenine da Paz o dr. Linus Pauling, dos Estados Unidos, detentor dos Prémios Nobel de Paz e de Química, e proeminente defensor do desarmamento nuclear, segundo revelou a noite passada o cientista, na Universidade de Stanford.

PALAVRAS CRUZADAS



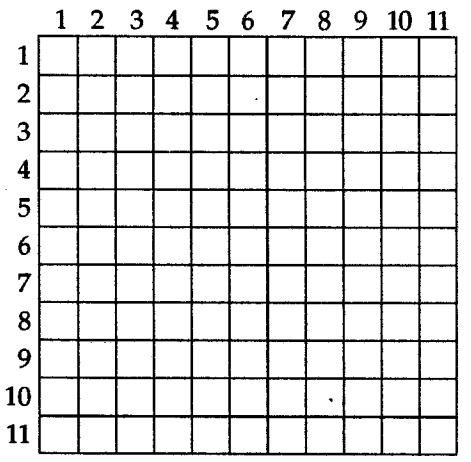
PROBLEMA N.º 17900

HORIZONTAIS:

1 - Termino. Trilhas.
2 - Sacerdote budista. Artigo definido. Cidade de Itália.
3 - Recrutaremos.
4 - Remuneração. Cidade do Japão.
5 - Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Primeira parte de uma vila e sede do concelho (Vila Real).
6 - Transfere para outro dia.
7 - Esquivas (fig.).
8 - As duas juntas. Dividir em ameias.
9 - Nota musical. Apre!
10 - Espreitar. Prasiodímio (s.q.). Pago.
11 - Ósmio (s.q.). Pronome pessoal. Chuvisco (Bras.).

VERTICAIS:

1 - Oculta. Cada um dos cânticos da Bíblia.
2 - Silencioso. Além disso.
3 - Aliado. Prefixo que designa afastamento.
4 - Cidade de Espanha. Guarnecem de arames.
5 - Acrescentais. Rénio (s.q.).
6 - Ilha da Polinésia. Nota musical (inv.). Artigo definido.
7 - Nome de fruto. Pago.
8 - Nome de mulher. Poisa no mar (o avião).
9 - Adições. Ente.
10 - Nome de frutos. Lança o arpéu a.
11 - Ilha do mar Jónio. Gelha.



PROBLEMA N.º 16710

HORIZONTAIS:

1 - Festa que se celebra na parte ocidental da Argélia e de Marrocos. Espécie de serpente.
2 - Heróico. Curas.
3 - Em a. Confirma.
4 - Ave trepadora. Seguia. Preposição latina que designa movimento.
5 - Porco. Cobalto (s.q.). Grei.
6 - Letra grega. Tranquilidade.
7 - Dá urros. Cidade de Portugal.
8 - Dera pios.
9 - Papão. Clima. Cobre (s.q.).
10 - Pronome pessoal. Nota musical. Venero.
11 - Unem pelo casamento. Solitários.

VERTICAIS:

1 - Rangífer. Cidade do Japão.
2 - Mamífero desdentado espécie de tatu. Pátria de Abraão. Germânio (s.q.).
3 - Bismuto (s.q.). Arremessar.
4 - Animal da classe dos acarídeos. Olé.
5 - Carta de jogar.
6 - Nome de uma ave de S. Tomé.
7 - Examinaram com cuidado.
8 - Habitação ou bairro pobre de indígenas na ex-Índia portuguesa. Oceano.
9 - Enguia. Lenha miúda.
10 - Que diz respeito a navios ou à navegação. Boi selvagem.
11 - Vasilha com asas. Livro de versos de António Nobre. Ósmio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 899

HORIZONTAIS: 1 - Crinas. Bara. 2 - Marotas. 3 - Oc. Opiar. Mu. 4 - Res. Ata. Soa. 5 - Ágar. QUEM. 6 - Arum. Turi. 7 - NÃO. Aer. 8 - Acarta. Ramo. 9 - Só. Ia. Virar. 10 - Croa. Má. 11 - Aa. Somos. As.
VERTICAIS: 1 - CHORA. Casca. 2 - Cega. Cora. 3 - Im. Sarna. 4 - NÃO. Ruarias. 5 - Arpa. Mota. 6 - Soito. MM. 7 - Taã. Ta! 8 - Bar. Querias. 9 - As. Surrar. 10 - Moei. MAMA. 11 - Acuam. Moras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 709

HORIZONTAIS: 1 - Marta. Marma. 2 - Içai. Tear. 3 - Remar. Trará. 4 - Asaria. Cr. 5 - SS. Ié. Imã. 6 - Ce. Moías. Rã. 7 - Árias. Vis. 8 - Mo. Pó. Aas. 9 - Pias. Ar. Asi. 10 - In. Crava. 11 - Oásicos. Sua.
VERTICAIS: 1 - Mira. Cáspio. 2 - ACE. Ser. Ina. 3 - Ramas. Imã. 4 - Tias. Mãos. 5 - Raios. CC. 6 - Rei. Paro. 7 - Ti. Amoras. 8 - Atrais. 9 - Rea. Vaias. 10 - Marcarias. 11 - Arar. Assara.

PROVÉRBIO: QUEM NÃO CHORA, NÃO MAMA.

EFEMÉRIDES

1945

• Os EUA anunciam a perda, pelo Japão, de 200 aviões num só dia, em ataques suicidas em Okinawa, durante o segundo conflito bélico mundial.

1969

• Inicia-se a chamada crise académica de Coimbra, ao ser inaugurado o edifício da secção de Matemática da Faculdade de Ciências desta cidade.

1975

• Termina a guerra civil no Camboja com a tomada da capital, Phom Penh, pelos khmers vermelhos.

1979

• Na Rodésia, negros e brancos votam, pela primeira vez, em conjunto, para a eleição de um Governo de maioria negra.

• A Assembleia da República aprova por maioria uma proposta de lei governamental que cria os serviços de informação de segurança e os serviços de informação estratégica de defesa e mantém o serviço de informações militares.

1985

• A África do Sul afirma ter retirado os seus últimos soldados de Angola, pondo fim formalmente à ocupação militar do país.

1989

• Morre o escritor português Adolfo Simões Muller, 79 anos, considerado como mestre da literatura infantil.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA 5
CAMPO DE SONHOS
Filme de Phil Aldeu Robinson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A -T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 -T. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
PRAZERES INDECENTES
Hard-core-1º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 -T. 324194
O MASSACRE
Filme de John Irvin
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
BAPTISMO DE FOGO
M/18 anos - Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 -T. 573407
SUPER GIRLS EM 3-D
Hard-core-1ºescalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUES
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085

O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1 — Qualidade — PUB — Maiores 12 anos

«Um Amor Inevitável, em exebição no Alfa 2»

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 19.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18:30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
De Ingmar Bergman, às 18.30
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
De Woody Allen, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F -T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A -T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14, 16.30, 19 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/12 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
R. dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de Stª Antão - T. 326305
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade,9 - T. 3468446
CAMPO DE SONHOS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.15 e 21.45 horas.

O PESCADOR
Telef. 2905350
A DANÇA DE 2 VIDAS
M/12anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841744
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Sala 1
Telef. 2479144

«Campo de Sonhos», de Phil Alden Robinson

CARTAZ

DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA

Sala 1
Av. das Descobertas - T. 4439759
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T 4934871
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
Encerrado p/descanso do pessoal

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLESIAS
De Filipe La Féria

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, 2 - T. 665360
Dias 17 e 18 às 21.30
CALAMITY JANE
De Helder Costa

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINE - TEATRO DA ENCARNAÇÃO

T. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30.
Sáb. às 15.00 horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador «O Culto da Máscara»

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52
T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas.
Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés
T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Sáb. e Dom. às 17.00
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

MUNICIPAL S. LUIZ

R. António Mª Cardoso - T. 327172
Às 21.30
QUADRANTE
Com Paulo Autran

TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

ESTORIL
CASINO ESTORIL

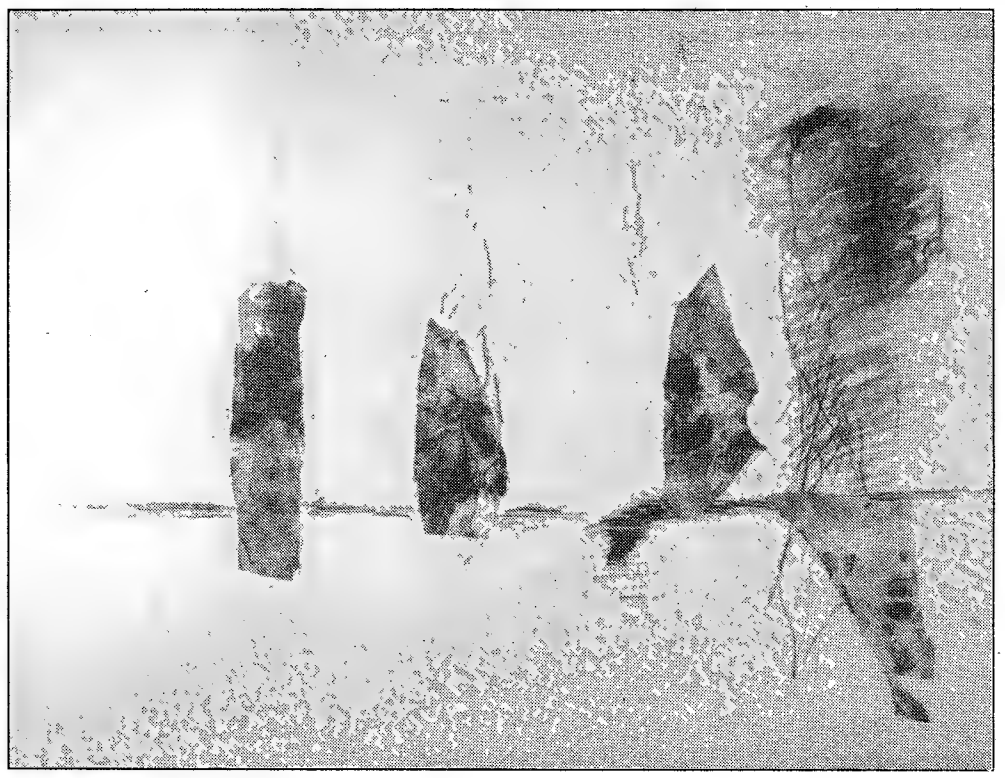
T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky

PORTO
TEATRO SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas



Desenho de Maria Gabriel, em exposição na galeria Arcada

«Klassikus Kabaret», em cena no Chapitô

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

CARMINA SAMUEL - Pintura
Mãe d'Água - Praça das Amoreiras (Inaugura dia 19, às 19 e 30)
COLECTIVA DE ESCULTURA - Artistas caldenses
Galeria Almada Negreiros/SEC (Inaugura dia 19, às 18 horas. 10/20 horas, excepto segundas-feiras)
HELENA ALMEIDA - Pintura tridimensional e obras em papel
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 - (Inaugura hoje, às 22 horas. 11/13 e 15/19 horas, excepto domingos. Até 19 de Maio)
MANUELA ALMEIDA - "O Espectador" - objectos
Diferença - Rua S. Filipe Nery, 42 (Inaugura hoje, às 22 horas. 15/20 horas, excepto segundas-feiras. Até 10 de Maio)
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Estoril (Inaugura dia 19, às 22 horas. 11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 14 de Maio)

LISBOA

150º ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Exposição que ficará assinalada pelo carácter censório que levou à exclusão de um trabalho de João Queiróz e a solidariedade dos que retiraram as suas obras. Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde previlegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje.
Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Silvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)

J.F.

RÁDIO
ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00:- O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Antena 1; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Ciência e Tecnologia; **17.30:** Obras de Albinoni e Mahler; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais. As sonatas para violino solo de Bach. Partita n.º 1 em si menor BMW 1002; **19.25:** Álbum Musical. Obras de Carl Maria Von Weber, Schumann, Beethoven, Benjamin Britten, Debussy, Liszt e Franz Schubert; **20.10:** Álbum Musical (continuação); **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Música de Câmara. Obras de Beethoven, Carl Philipp Emanuel Bach e Debussy; **22.00:** Concerto Barroco. Obras de Monteverdi, Scarlatti, Johann Sebastian Bach, Robert Valentine; **23.00:** Eurorádio. O Festival de Lucerna. 1989, em gravações cedidas pela Sociedade Suiça de Radiotelevisão; **00.35:** Música de Tchaikowsky e Chopin; **01.00:** Uma hora com Kurt Weill; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
COMERCIAL

Onda Média 283, 290 • 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix. **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de ...

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - CLÍNICA GERAL
17.35 - A HORA DO LECAS
18.30- RUA SÉSAMO
117º programa.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.20 - PRIMEIRA PÁGINA
22.20 - CRÓNICA DO CRIME
O episódio de hoje centra-se num sonho que Pamili Taglia está a ter. Envolve principalmente a época em que ele e Luca estiveram no hospital militar a recuperar da explosão nuclear a que estiveram sujeitos. Inclui ainda várias sequências de flasback que vão eliminar os sentimentos de Taglia com Day, Manny Daron (a sua antiga namorada) e Torello.
Realização: Jeff Stein.

Às 22.20 no 1º Canal, «Crónica do Crime»

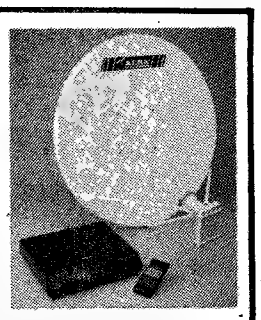
Em Cinemadois, no 2º Canal às 21.50, «O Querido Lilás» com Herman José e Rita Ribeiro

23.15 - 24 HORAS
23.45 - UM DIA...
23.50 - REMATE
24.00 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HÁ PINTORES QUE...
17.35 - O HOMEM NA MARGEM
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
84º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 41º episódio.
20.40- VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINE MAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«O Querido Lilás»: um filme de Artur Semedo, com Herman José, Artur Semedo, Rita Ribeiro, Fernanda Borsatti, Henrique Viana, Vítor de Sousa, Natalina José, Filipe Ferrer, Couto Viana, Rui Luís, Benjamim Falcão e Baptista Fernandes. «O Querido Lilás» foi a oitava longa metragem que Artur Semedo assinou desde 1953, continuando a afirmar-se como o único e autêntico autor de comédia no cinema português. Filme escrito expressamente para um actor, «O Querido Lilás» vive, pois, da presença de Herman José, que assume os dois papéis principais: o da mãe e do filho. Aliás o primeiro, e talvez o mais acentuado desiquilíbrio de todo o filme, reside exactamente na presença exuberante, sonante e literalmente pesada da personagem de Beladona, que Herman cria num misto de Castafiore com Natália Correia, e que está longe de ter réplica à altura no restante elenco onde se destacam Henrique Viana e Fernanda Borsatti. Num estilo que se deixa subordinar excessivamente pelas rábulas dos actores e obviamente pela versatilidade do protagonista, «O Querido Lilás» volta a ser uma comédia algo dispersa, marcada pela atmosfera da farsa e da caricatura onde apesar de tudo Semedo consegue arrancar aqui e ali situações deliciosamente tresloucadas bem como hábeis e hilariantes trocas de diálogo.
23.35 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - TAMBÉM OS RIOS CORREM
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30- BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.20 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«O Agente da Broadway»
00.00 - 24 HORAS
00.30 - UM DIA
00.35 - REMATE
00.45 - CARTAS DE HUMOR
Com Victor Norte

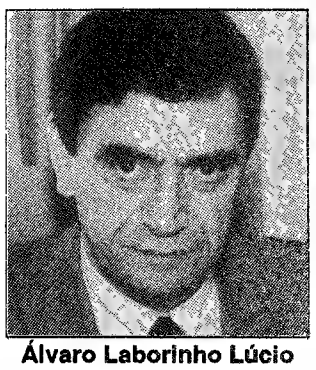
RTP-2

14-02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHOS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - O LICEU DEGRASSI
17.20 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.45 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.55 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TVB
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O RISO DE CAIM
22.25 - SÉCULO XX - A CAMINHO DA GUERRA

«Não se assumindo como modelo definido, acabado e fechado de sociedade, o ideal comunista mantém uma fundamentação científica indesmentível»

Mário Lino, «O Diário», 17.04.90

A PERGUNTA DO DIA



Álvaro Laborinho Lúcio
ministro da Justiça

O que tenciona fazer para revitalizar o parque judiciário português?

«Na linha de um plano de acção que tem como objectivo geral a melhoria das condições da administração da Justiça, e a sua identificação com o público que serve, a 'revitalização' do parque judiciário obedecerá à definição de uma estratégia de intervenção que, estabelecendo distinções entre os vários tipos de tribunais e de outros órgãos de Justiça, lhes adeque os programas cumprindo exigências de dignidade, conforto e eficácia.

Assim, apetrechar-se-ão os serviços gradual e progressivamente, em meios técnicos mais sofisticados, ao mesmo tempo que se procederá a novas construções, a adaptações de outras e à conservação de muitas das existentes.

Destacar-se-á, neste ponto, a criação de Equipas Móveis de Manutenção e Formação que, actuando de uma forma célere e desburocratizada, intervirão, tanto reparando, modernizando e racionalizando espaços, como prevendo situações de degradação ao mesmo tempo que lançarão acções de formação na área da sua competência.

Num programa integrado, necessariamente consensual e com dimensão de Estado, procurar-se-á a participação activa e interessada de todos os que operam na área da Justiça.»

ENTREVISTA

Luís Mendão é o presidente do núcleo português do Partido Radical. A sua experiência política começou na extrema-esquerda, mas o «radicalismo» foi para ele, a grande revelação. Hoje, a constituição dos Estados Unidos da Europa e a legalização da droga, constituem as suas grandes lutas

«Nunca pactuamos com o Poder»

D.L. - O que significa ser radical?

L.M. - O Partido Radical é um partido de valores libertários, e creio que isso é a sua grande caracterização. Nos últimos anos, tenta tornar-se uma organização política transnacional porque hoje em dia os grandes problemas do planeta só podem ser resolvidos através de acções não nacionais. Julgamos que existe um défice democrático a nível internacional, e pretendemos preenchê-lo.

D.L. - Mas o que significa, enquanto atitude, ser radical?

L.M. - Creio que significa intransigência em relação aos princípios que se defendem.

D.L. - Quais são?

L.M. - São a democracia, a liberdade...

D.L. - E em que é que isso os distingue dos outros partidos?

L.M. - Nunca pactuamos com o Poder. Em princípio, todas as organizações que se invocam dos princípios democráticos fizeram o jogo do Poder, a razão de Estado, que tem servido para justificar os grandes crimes que têm sido cometidos ao longo da História. É contra isso que é necessário ser radicalmente intransigente.

D.L. - Ser radical é ser exagerado?

L.M. - Não, não tem nada a ver com ser exagerado. Julgamos que somos os grandes defensores do bomsenso. Por exemplo, defendemos a legalização das drogas e, enquanto as pessoas acham que isso é um exagero, nós achamos que é um grande bomsenso.

D.L. - Porquê?

L.M. - Uma coisa que é do foro pessoal, e com a proibição transformou-se num dos grandes dramas do século XX.

D.L. - Quando é que se descobriu radical?

L.M. - Depois do 25 de Abril, eu tinha 16 anos e era obviamente da extrema-esquerda. As minhas interrogações eram em relação à democracia e ao valor do indivíduo na sociedade. Não compreendia que para construir uma sociedade socialista os direitos individuais tivessem que ser abolidos, nem compreendia o uso da violência.

D.L. - Isso tornou-o radical?

L.M. - Isso fez com que eu não pudesse nunca alinhar dentro da extrema-esquerda e a descoberta do PR, em 1978, foi uma espécie de revelação. Era a primeira vez que eu via ditas, defendidas e executadas politicamente, coisas que eu pensava anteriormente sem que as visse defendidas por nenhuma organização politica em Portugal.

D.L. - Como é que o PR chegou a Portugal?

L.M. - Houve uma primeira tentativa, através da revista «Raiz e Utopia» do Mário Batista Coelho. A segunda deu-se em 1985, quando o Marco Pannella esteve em Portugal e o António Eloy e outros defenderam a criação de um forum radical em Portugal como uma nova perspectiva em relação à abordagem dos problemas ecológicos. A última foi há cerca de dois anos, quando o PR decidiu que não fazia sentido continuar a existir a nível nacional e apostou em criar uma organização transnacional. Nessa altura, eu era o único português inscrito no PR.

D.L. - E hoje quantos há?

L.M. - Este ano, creio que somos cerca de 125.

D.L. - Em seu entender, a Cicciolina identifica-se com o PR?

L.M. - Em meu entender, não. O que eu penso é que ela, sendo do PR, que não pode recusar ninguém nem impedir ninguém de concorrer, se aproveitou para fazer uma campanha de promoção pessoal.

D.L. - O PR não concorre a eleições. Porquê?

L.M. - Se o PR é um partido transnacional, que sentido faz que um determinado grupo nacional o represente num determinado país e tome posições políticas em nome de todo o partido? Os radicais têm toda a liberdade de concorrer noutros partidos.

D.L. - Porque é que existe enquanto partido? Não poderia ser só um movimento?

L.M. - Julgo que a designação de partido vai exactamente contra a de movimento porque pretendemos ser uma organização política capaz de influir decisivamente e politicamente nos acontecimentos.

D.L. - E têm influído?

L.M. - Na experiência passada creio que sim, que o saldo do PR em termos de grandes batalhas que patrocinou é largamente positivo. A batalha pelo divórcio, pelo aborto, pela objecção de consciência, pelos Estados Unidos da Europa.

D.L. - É antiproibicionista em relação a tudo?

L.M. - Sou antiproibicionista em relação a tudo o que só tem a ver com o indivíduo. Julgo que o Estado deve regulamentar as relações entre indivíduos. As relações do indivíduo consigo próprio devem ser absolutamente livres.

D.L. - Quais são hoje as grandes batalhas do PR?

L.M. - A constituição dos Estados Unidos da Europa, com abertura aos países de Leste que oferecem garantias de democraticidade, e a legalização da droga

D.S.

A reboque

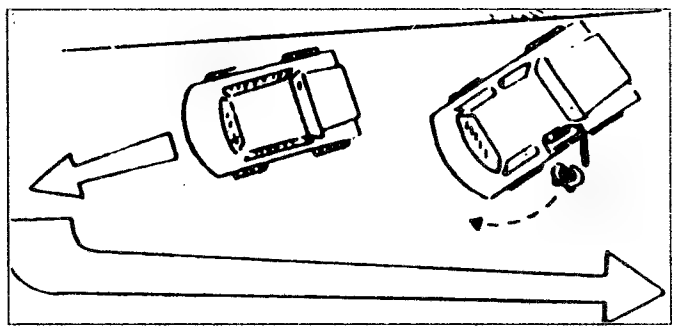
Se não encontras o carro onde o deixaste, tens duas possibilidades: ou o roubaram, ou o levaram legalmente. Se o roubaram, é pior; se o levaram tens duas possibilidades: ou o levaram para o Aeroporto ou para o Restelo. Se o levaram para o Aeroporto, é pior; se o levaram para o Restelo, tens duas possibilidades: ou apanhas o táxi para o Restelo, ou não. Se não houver táxi, é pior; se apanhas o táxi, tens duas possibilidades: quando chegas ao recinto, estás na posse de todos os documentos exigidos, ou não. Se não os possuis, tens duas possibilidades: ou a equipa dos funcionários destacada para esse dia é a de cara de pau, ou é a mais permissiva. Se a equipa é a de cara de pau, dos castigadores fatigados, é pior; se encontras outra, tens duas possibilidades: ou tens a soma exigida pelo transporte involuntário do veículo, ou não. Se não, é pior, mas tens duas possibilidades: ou tens um amigo à mão ou não tens nenhum amigo à mão. Se não tens, é pior; se tens um amigo, no triângulo Museu Etnológico — antigo Conselho da Revolução — Belém, tens duas possibilidades: a Polícia autoriza-te telefonar ou não. Se não te autoriza telefonar, tens duas duas possibilidades: ou deixar correr por esse dia, ou procuras um telefone público mais próximo, que é distante.

Mas, se te deixarem telefonar *in loco*, tudo muda, o primeiro passo para a futura coexistência está dado, podes ficar descansado, tudo acaba em bem, até gostas, faltam só as flores a semear no recinto, eventualmente um bar, cadeiras de vimes, e porque não uma piscina com água aquecida pela energia solar, mergulhos pagos à parte; o negócio do reboque vai de vento em popa, e até há-de ir ainda melhor, quando for privatizado a 100 por cento.

Sabe-se: o Restelo é frequentado pela boa sociedade — os carros apanhados são escolhidos a dedo pelos autuantes; não por obstrução da via, mas os critérios são outros, mundanos e lúdicos.

Escrevo a crónica com imenso prazer, também porque me ajuda a pagar a dupla multa (reboque & transgressão), também porque lembra os bons tempos que passei no campo de concentração dos nossos veículos. E até à próxima!

Jorge Listopad



PS: Num destes dias mais próximos vou apresentar uma proposta de um novo organograma para o regime de multas, com preços especiais para jovens, com distribuição de títulos de participação, multas segundo a medida dos veículos, etc. Privatização mista.

Hei-de voltar: o futuro já está mais perto.

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

O Clube dos Poetas Pobres - reportagem na Falagueira

«Devolvam-nos o Tejo» - um artigo de Helena Roseta

«Ho fato l'Amore con Control» - crónica de Joaquim Letria

A.M.A.®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

TERÇA - FEIRA, 17 ABRIL 1990

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Quem vai ganhar com privatização da Transinsular?

Dois milhões de contos é quanto o Erário público poderá deixar de arrecadar, caso não seja aceite, como não deverá ser, a proposta avançada por Stanley Ho para a compra, por cerca de três mil escudos cada, dos 51 por cento das acções da Transinsular ainda detidas pelo Estado e que deverão ser alienadas até finais de Maio.

O vencedor antecipado parece ser o industrial nortenho Ilídio Pinho, já detentor de 42,5 por cento da companhia. Agora, segundo o comunicado do Conselho dse Ministros que define as prioridades das privatizações e a metodologia a seguir, o controlo total na empresa parece estar ao seu alcance sem que, para tal, tenha que enfrentar propostas fortemente concorrentes, o que aconteceria ser a venda fosse feita por concurso público e não em OPV.

Tem sido uma questão abundantemente tratada nos jornais, mas o diferendo que opõe o «senhor Colep» à actual administração da Transinsular quase caiu no esquecimento.

Última página

Cultura empresarial é alavanca estratégica

Cultura e empresa são duas palavras que têm por detrás conceitos nem sempre muito claros, pela sua complexidade e pela incidência no meio envolvente.

Trata-se de descobrir a identidade própria de uma empresa com vista a torná-la rentável e com uma imagem de qualidade que espelhe uma coesão estrutural específica. É a cultura empresarial como alavanca estratégica.

Para que esta situação se concretize é necessário, na opinião do professor francês Roland Reitter e dos responsáveis do CIFAG, Lopes dos Santos e João Neves, estabelecer «um contrato psicológico interno entre a empresa e os empregados».

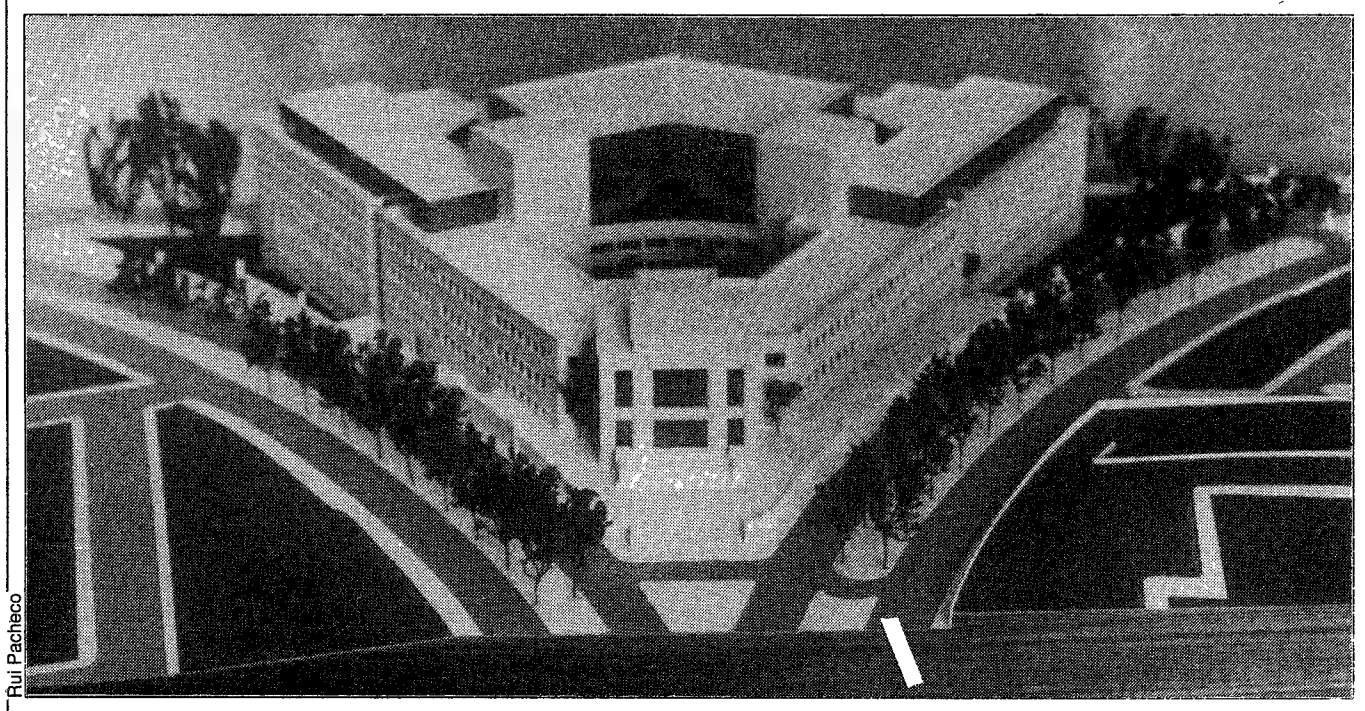
Estratégia, estrutura, decisão e identidade são as quatro componentes de um tetraedro e funcionam como a alavanca cultural de uma empresa, dando forma a esse contrato. Como diz Lopes dos Santos ao DL, «todas as empresas possuem uma estratégia. Quanto mais essa estratégia se basear em factores internos da empresa, na sua identidade, maior será a sua competitividade no mercado, maior será o seu êxito».

Centrais

Inflação

Os preços no comsumidor aumentaram 0,6 por cento em Março, colocando a inflação dos últimos doze meses nos12,7 por cento, revela o Instituto Nacional de Estatística.

O INE passa por uma profunda reestruturação de procedimentos e de meios, por forma a que o seu trabalho seja de qualidade e actual. Cada vez mais virada para o exterior, esta instituição tem em vista a cooperação com as ex-colónias



Rui Pacheco

Maqueta das futuras instalações do INE

Estatísticas portuguesas modernizaram-se

É tempo de mudança no Instituto Nacional de Estatística. Não de fórmulas ou de rótulos, mas de hábitos e procedimentos. Manuel Vilares, o actual presidente do INE, é um dos principais responsáveis pelas inovações em curso neste instituto, em particular, e no sistema estatístico nacional, em geral.

Presidente da Comissão de Reestruturação do Sistema Estatístico Nacional, nomeada em Junho de 1986, Manuel Vilares tem agora a oportunidade de dirigir as operações de concretização das medidas que aquela Comissão recomendou.

O objectivo das alterações é o de produzir informação de qualidade e a tempo, bem como reforçar a ligação do instituto aos grandes utilizadores. A cooperação com os Estados africanos de língua oficial portuguesa ocupa também lugar destacado na hierarquia de intenções e preocupações do novo INE.

Para materializar as alterações recomendadas e viabilizar a filosofia agora predominante, o edifício-sede do INE será remodelado e ampliado, a instituição será regionalizada, o INE criará, em associação com a Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Superior de Estatística e de Gestão da Informação e, em associação com instituições comunitárias e Estados africanos, o Centro Europeu de Estatística para os Países em Vias de Desenvolvimento (CESD-Lisboa). Por outro lado, incentivará a formação dos seus quadros.

Prepara-se, entretanto, a realização do XIII Recenseamento Geral da População e o III da Habitação.

Pág. 7

Dívida externa do Leste é de 116 biliões de dólares
Pág. 2

Inovação e mudança - a análise de Geraldo Dias
Pág. 3

Democracia na África do Sul dificulta acção comercial de Portugal
Centrais

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

BREVES

Portucel defende património

Alvo de ataques à sua actividade no sector das celuloses, a Portucel, a maior empresa do ramo, lançou-se na defesa do património arqueológico nacional nas áreas a florestar, tendo assinado um protocolo com o Instituto Português do Património Cultural para elaboração de estudos monográficos. O objectivo é evitar as destruições de importantes jazidas, estruturas e monumentos arqueológicos, indo a equipa técnica criar clareiras nas áreas abrangidas por vestígicos. A Portucel financiará o grupo de dois técnicos permanentes e a viatura a utilizar.

INOGI investe no imobiliário

A empresa INOGI, proprietária do cinema Eden, vai investir este ano 18 milhões de contos no mercado imobiliário, passando a sociedade gestora de participações sociais. Constituída em Junho de 1989, vai aumentar o capital social de 500 mil para 2,5 milhões de contos, na altura em que passar a «holding», indo igualmente constituir a SGII - Espaço Urbano. No capital desta empresa participam a ISM, grupo de seguradoras francesas, com 56,25 por cento, o grupo Amorim, com 36,25 e a Sofica, pertencente aos romenos da Sain, grupo fundador da Sacor.

Refrige premiada por vender mais

A portuguesa Refrige foi premiada, pela Coca-Cola Espanha, com três troféus de prata, por ter registado, no ano passado, entre os operadores ibéricos, o maior incremento de vendas do produtos daquela marca norte-americana, de que é concessionária exclusiva para Portugal continental. A empresa portuguesa afirma que, com os resultados obtidos, prolonga os valores alcançados no ano anterior, quando foi distinguida pelo maior incremento de vendas a nível mundial.

CPP melhora rendibilidade

O Crédito Predial Português registou, em 1989, um lucro líquido de 920 mil contos, o que representa um acréscimo aproximado de 50 por cento ao exercício anterior, no que é considerado como uma considerável melhoria de rendibilidade. Refira-se que os meios libertos elevaram-se a mais de 5,5 milhões de contos, apesar da afectação de 1.009,3 milhares ao Fundo de Pensões CPP, constituído em 1988. O reforço da sua solidez financeira foi feito, nomeadamente, através do aumento do capital estatutário, no montante de 3,75 milhões de contos e pela emissão pública de 7,5 milhões de Títulos de Participação, acrescido de um prémio de emissão de 1,125 milhões de contos.

ECONOMIA

Uma dívida pequena (um quarto) quando comparada com a da América Latina, mas os bancos comerciais resistem a empréstimos para não repetir experiência

Dívida externa do Leste é de 116 mil milhões

Os países de Leste tiveram uma dívida externa, em 1989, que ultrapassou os 116 mil milhões de dólares, ou seja, um quarto da dívida da América Latina, acaba de informar o Instituto de Finanças Internacional, com sede em Washington. Apenas 56,1 biliões de dólares respeitam a dívidas a bancos comerciais.

Os empréstimos àqueles países, afirma o IFI, têm sido mais dos governos ocidentais do que dos bancos comerciais, os quais se mostram «muitos prudentes» para não repetirem «as experiências desastrosas da América Latina».

A reconstrução da Europa de Leste vai exigir «montantes substanciais de fundos do Ocidente, porque a situação económica daqueles países se agravou nos últimos anos. Por outro lado, sem as ajudas governamentais, juntamente com as do FMI e da Banca mundial, «não é possível transformar a economia dos países de Leste numa economia de mercado».

O director-geral do IFI, Horst Schulmann, é mesmo da opinião de que o papel que tem sido desempenhado pelos bancos comerciais em apoios financeiros à Europa de Leste nos últimos anos «tem que ser assumido pelos governos ocidentais».

Em 1985 a dívida externa destes países era de 93,75 mil milhões de dólares. No final do ano passado, era a Polónia quem mais devia (40,43 biliões de dólares), seguida da RDA (21,65 biliões), da Hungria (19,71 biliões) , da Jugoslávia (17,60 biliões) e da Bulgária (10 biliões).

Democracia tem custos: preços mais altos levam a protestos na Polónia

Em 1985 era a Bulgária quem menos devia (3,59 biliões) e em 1989 era a Roménia (0,20 biliões).

O teste do BERD

O anúncio da criação do BERD, Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento, abre boas perspectivas para solucionar este problema, constituindo-se num factor importante para testar o papel dos bancos nesta matéria que também possui uma componente política forte.

Segundo o IFI, a transformação das economias planificadas de Leste em economias de mercado não tem precedentes históricos, tornando-se, por isso, necessário proceder rapidamente a reformas como a liberalização dos preços, as privatizações, a criação de mercados financeiros e a convertibilidade das moedas.

As reformas na Polónia são disso um exemplo, sublinha Horst Schulmann, salientando que a Europa de Leste vai ter à sua frente dois a três anos difíceis, com redução temporária do nível de vida e aumento do desemprego, reflexo de «40 anos de desgaste do comunismo de Leste».

«Os riscos de falhanço são substanciais devido à diversidade e à complexidade das reformas necessárias, mas elas são imprescindíveis para atingir importantes benefícios se forem levada a cabo de uma forma rigorosa e apropriada até ao fim», assegura o director-geral do Instituto de Finanças Internacional.

DL/AFP

«Lobby» para dinamizar Portalegre

Autarcas e empresários do distrito de Portalegre decidiram congregar esforços para combater o que consideram «o estatuto de indiferença a que a região se encontra votada».

A criação de um *lobby* que permita defender os interesses do distrito junto das diversas entidades oficiais foi uma das decisões aprovadas durante uma reunião realizada em Castelo de Vide. Este meio de pressão será constituído por representantes autárquicos, empresários e deputados eleitos pelo distrito. A necessidade de dotar a região de redes rodoviárias e ferroviárias compatíveis com as necessidades de desenvolvimento foi outro dos pontos debatidos na reunião.

Neste âmbito, Jorge Pais, presidente do Núcleo Empresarial de Portalegre, denunciou a concentração de itinerários principais no distrito de Évora e o papel subalterno a que Portalegre e Beja se encontram reduzidos.

Por seu turno e no que diz respeito à circulação de comboios, diversos participantes criticaram os maus serviços prestados pela CP na região, os quais, segundo as acusações, estarão na origem do encerramento de linhas. Segundo Jaime Estorninho, presidente da Câmara Municipal do Gavião, trata-se de «um ciclo vicioso em que os maus serviços obrigam à desactivação progressiva da quase totalidade das linhas que atravessam o distrito». Para terminar com a actual situação, os participantes na reunião decidiram pressionar a CP e o Governo e aprovaram um conjunto de exigências, de que se destacam a criação de um terminal rodoferroviário e a conclusão das ligações viárias Portalegre-Estremoz, Ponte de Sor-Portalegre-Elvas e Ponte de Sor-Montargil-Poço.

Na reunião, promovida pelo Núcleo Empresarial da Região de Portalegre, foi ainda deliberado reforçar a participação distrital no quadro accionista da Sociedade de Desenvolvimento Regional do Alentejo.

Lusa

Mais dinheiro para Setúbal

Foram aprovados mais 18 projectos de investimentos para a península de Setúbal pela Comissão de Selecção do Sistema de Incentivos de Base Regional, revelou a Direcção de Informação da Comissão Executiva da Operação Integrada de Desenvolvimento.

Estes projectos situam-se em vários sectores da indústria transformadora. Do investimento feito (11,3 milhões de contos) resultará a criação de 729 postos de trabalho. As empresas investidoras receberam 1,4 milhões de contos como incentivos a fundo perdido.

Os municípios do Montijo e da Moita foram os que mais projectos receberam, respectivamente cinco e três.

Com mais estes projectos, o investimento produtivo na península, ao abrigo do SIBR, eleva-se a 66,4 milhões de contos que, espera-se, criarão 6485 postos de trabalho.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- [ ] 1 ANO — 18 000$00
- [ ] 6 MESES — 9 000$00
- [ ] 3 MESES — 4 500$00
- [ ] 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: [ ] cheque [ ] vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Pór períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Silicon Valley corre o risco de se tornar num apêndice do Japão. A Administração Bush não intervém em nome do credo liberal, acelerando o declínio tecnológico dos Estados Unidos, cavando o défice comercial e aumentando o desemprego

O vale do pranto

A palavra chave é **política.** Na Universidade de Stanford, a dois passos de São Francisco, todos a repetem. Dos investidores de Silicon Valley aos docentes de ciências dos computadores, o coro é unânime: «A Administração Bush é falha de uma política industrial para a inovação». Ainda mais explícito é Lucio Lanza, um engenheiro italiano residente na Califórnia, antigo funcionário da Olivetti e da americana Intel, agora consultor de mercado para as empresas de *high tech*: «Se o Governo americano não intervém, toda a efervescência dos investidores de Silicon Valley morrerá. E Stanford corre assim o risco de tornar-se um apêndice do império tecnológico nipónico» .

A demonstrar que as avaliações de Lanza não são alarmistas está a dinâmica dos acontecimentos: as empresas japonesas efectuam uma monitorização pormenorizada das pequenas empresas californianas, esperando que ultrapassem a fase crítica do impacto com o mercado e quando necessitam de avultados recursos para o crescimento intervêm para as recuperar.

Como resultado, a indústria americana sofre, além dos prejuízos, o escárnio, visto que a extraordinária vitalidade do capital de risco da área de São Francisco acaba por reforçar a concorrência. «A verdade é que o sistema nipónico tem demasiadas vantagens: um mercado fechado às importações, que é usado como propulsor para exportar, uma organização estatal chefiada pelo MITI inteiramente realizada, a favorecer o crescimento das empresas, e, por fim, uma orientação que visa obter resultados a longo prazo», sublinha o próprio Lanza.

Também as declarações oficiais de Andrew S. Grow, presidente da Intel, demonstram que os homens de Silicon Valley estão decididos a pôr o Governo Bush e os seus secretários no banco dos réus. «Tenho a impressão de que estamos a combater contra dois governos ao mesmo tempo, o japonês e o nosso», disse o gestor californiano que há umas semanas não hesitou em entrar em polémica directa com o secretário das Finanças, Richard G. Darman, oferecendo-lhe um violino para que ele, tal como Nero fez, pudesse tocá-lo sobre as cinzas da indústria americana de alta tecnologia.

Mas além das análises sofisticadas e dos gestos clamorosos, o que pede concretamente a comunidade da alta tecnologia californiana ao seu Governo? Segundo os produtores de computadores, de software e de telecomunicações, a recuperação da competitividade americana passa pela liberalização dos regulamentos antitrust, a reelaboração das políticas fiscais e a adopção de uma linha mais pragmática nas trocas comerciais. Uma posição que tem o apoio dos círculos académicos.

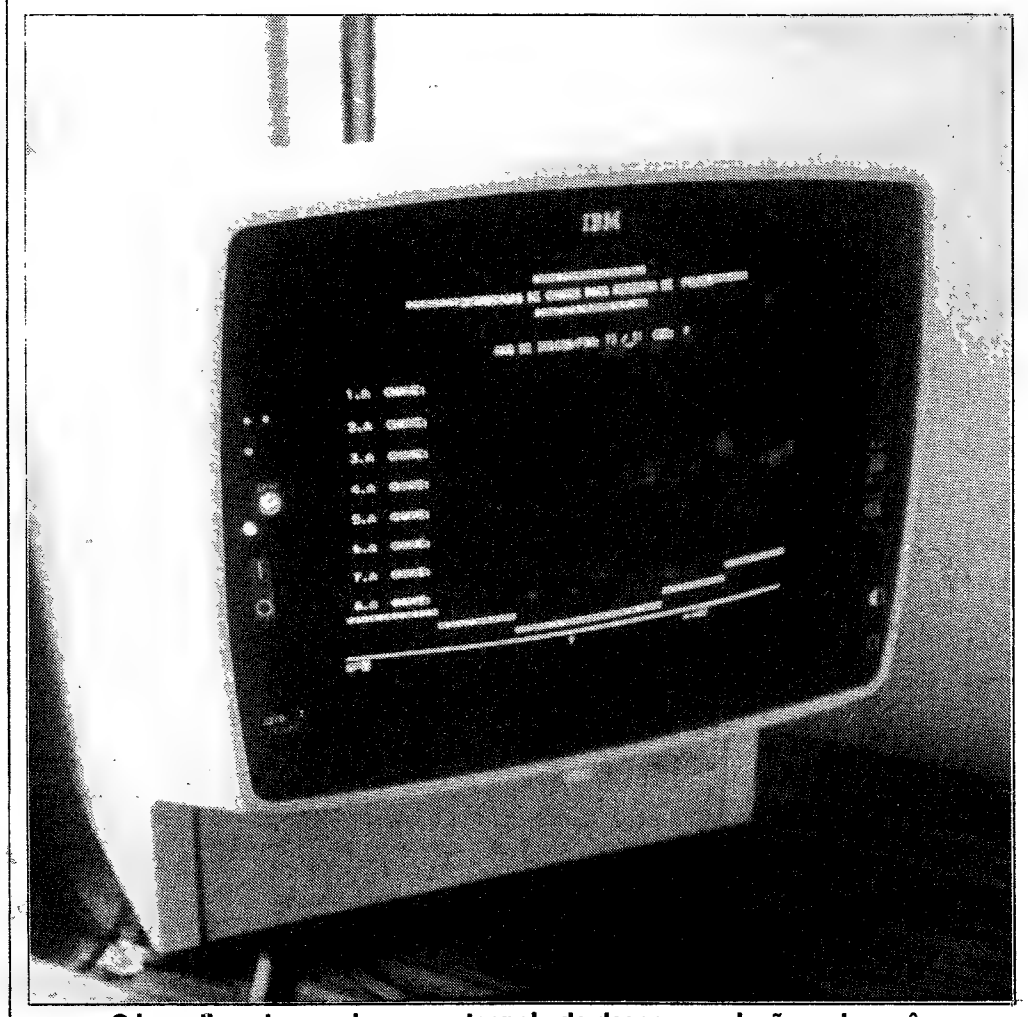
Robert B. Reich, economista político da Universidade de Harvard, afirmou recentemente: «É necessário que o Governo tenha uma visão mais ampla e estratégica daquilo que é mais positivo para o país. Um plano onde as políticas comerciais, fiscais e monetárias sejam coerentes entre elas, como nunca aconteceu neste país. Da Califórnia fez-lhe eco o director da Intel das relações com o Governo, Michael C. Maibach: «Não queremos uma disputa teórica sobre o proteccionismo e o liberalismo. Trata-se de dar regras a um sistema que, de momento, não as tem. Trabalhamos no meio da anarquia comercial».

Os fautores das teses intervencionistas fazem um paralelo entre aquilo que aconteceu há dez anos, nos produtos electrónicos de grande consumo, e aquilo que está hoje a acontecer no âmbito dos computadores. Na altura, os Estados Unidos não deram muita importância ao facto dos japoneses venderem televisores em *dumping* em Nova Iorque e Los Angeles; aliás, houve alguém que chegou a defender a tese de que os consumidores *yankees* deveriam agradecer ao Sol Levante por tão gracioso presente. Gradualmente, porém, o ciclo produtivo da electrónica de consumo começou a transferir-se dos EUA para o estrangeiro e as sociedades americanas tornaram-se, às tantas, dependentes dos japoneses. Agora o fenómeno está a repetir-se para as calculadoras: os produtos asiáticos já controlam grande parte do mercado dos componentes electrónicos.

Mais para o fim do ano uma empresa nipónica, a Nec, desencadeará a ofensiva mais violenta contra a hegemonia americana nos *mainframes*, apresentando um novo sistema, o SX-3, que pode ameaçar a liderança da americana Cray. E, sobretudo, segundo um documento da Secretaria do Comércio americana, até 1993 o Japão ultrapassará os EUA na venda de computadores no mundo.

Na verdade, nos seus primeiros cem dias de actividade, a Administração Bush parecia ser uma decidida apoiante das exigências da indústria *high tech*. O secretário do Comércio, Robert A. Mosbacher, chegou a prometer a elaboração, por parte do Governo, de uma estratégia para produzir a televisão de alta definição (Hdtv), considerada «a próxima locomotiva da tecnologia», capaz, portanto, de voltar a gerar recaídas na globalidade do sector da electrónica, dos chips aos computadores.

Na realidade, a iniciativa para a Hdtv nunca chegou a avançar, as promessas de Mosbacher foram desautorizadas e a Administração encontrou uma maneira de voltar a reforçar o seu credo liberalista e a sua animosidade contra todo o tipo de apoio público à indústria privada. Subvencionar a Hdtv, segundo o Governo, equivaleria a um erro, assim como nos anos 70 o projecto de investigação para os combustíveis sintéticos acabou com um desperdício de vários biliões de dólares. Assim, enquanto Washington continua no seu caminho para Silicon Valley, as profecias mais pessimistas circulam, como aquela, feita por uma empresa especializada, que prevê para os EUA uma época de declínio tecnológico capaz de produzir até ao ano 2010 um aumento de 225 biliões de dólares de défice comercial e ainda dois milhões de desempregados.



O investimento americano em tecnologia desce em relação ao japonês

Dario di Vico
Corriere della Sera/«DL»
Trad: Alessandra Balsamo

COMENTÁRIO

Inovação e mudança

Por detrás de uma transição institucional, de uma nova regulação económica ou social, está, para além da irredutível novidade, um complexo de interesses. No processo de construção de um novo relacionamento é essencial conseguir um ponto de vista comum. A sua formulação, em que estão presentes estratégias plurais, é um processo conflitual porque os benefícios e os custos do desenvolvimento distribuem-se desigualmente entre os diferentes grupos sociais.

Os indivíduos, os grupos e as organizações, os movimentos sociais podem reagir aos impactos das mudanças em resposta a efeitos distributivos, insegurança de emprego, deterioração da qualidade de vida ou ambiental. Alguns reivindicam mais influência nas decisões e desenvolvimentos afectando as suas vidas.

Uma vez que a forma como os diferentes grupos reagem pode determinar a taxa de desenvolvimento, o sucesso da inovação e limitar os efeitos perversos do processo, a formulação de um ponto de vista comum obriga ao desenvolvimento dos mecanismos de institucionalização do conflito, em resposta aos movimentos sociais e à emergência de novos actores em busca de espaços de cidadania.

As tendências emergentes nas estruturas institucionais e sociais derivam quer de problemas de controlo quer das novas tecnologias, dado que os sistemas técnicos são modelados pelas relações sociais e sua reprodução. A inovação é um processo de organização e reestruturação social com emergência de novas regras e substituição de outras e afecta valores e interesses - de onde as diversas lutas sociais -, sendo a mais importante a que se estabelece em torno da mais valia e das modalidades da sua produção e consumo.

Isto não quer dizer que não seja fundamental a importância das mentalidades - das culturas específicas - e do político - a ausência de um Estado de Direito e os governos arbitrários são um factor de subdesenvolvimento.

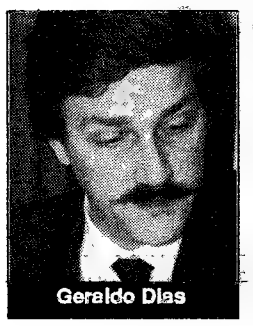
A empresa adquire uma importância crescente como agente de desenvolvimento, num contexto de mudança da representação cultural dos que aí trabalham e dos cidadãos em geral, em relação a ela. Ganha em legitimidade como actor primordial no mercado internacional, de cuja actuação e resultados depende directamente o nível de vida do País.

Os grandes problemas sociais afastam-se da empresa. Questões como a inflação, a produtividade, a tecnologia, a estrutura regional, são regulamentados no quadro de formas novas de representação política, de decisão e resolução de conflitos e as empresas perdem protagonismo no drama social para o ganharem como actores de crescimento.

A empresa aparece como actor principal numa fase de extrema concorrência, de guerra económica, de desenvolvimento de novas produções e de novos mercados. Se bem que o Estado jogue aqui um papel importante - e nalguns casos seja mesmo factor de progresso de um novo espírito empresarial - assiste-se a um declínio do Estado planificador, ao abandono relativo de um projecto global incorporando crescimento económico e redistribuição social e que coloca a iniciativa nas empresas, nos actores mais directamente implicados na inovação tecnológica e na concorrência internacional.

Uma certa privatização ao nível da empresa e do próprio Estado, se corresponde a uma nova lógica ou racionalidade, obriga também a uma repolitização das escolhas, no sentido das inovações corresponderem às possibilidades entreabertas pelas instituições democráticas para redistribuir poder em correspondência com os desejos de vontade organizativa e poder negocial dos subalternos num quadro nacional/internacional.

Isto é tanto mais importante quanto se tenha em conta, num quadro pós-fordista, o conteúdo das novas relações inter-industriais, relações de trabalho e sociais. É uma regulação desde o início internacional, com características de flexibilidade, desregulação, dualização, polarização e segmentação.



Geraldo Dias

Uma nova racionalidade, uma relação público/privado inovadora, deverá ser fundadora de uma nova cultura, em que os índices de alheamento e afastamento do poder - em relação com uma certa herança - se modifiquem de acordo com uma aposta de desenvolvimento mobilizadora para os desafios emergentes.

Sobrevivência das empresas precisa da alavanca cultura

Sucesso empresarial não é possível sem a criação de uma identidade interna

Associar o conceito de cultura ao meio empresarial pode parecer estranho, mas é cada vez mais uma alavanca estratégica, sem a qual não é possível criar uma imagem de qualidade e rentabilizar uma empresa.

É a cultura vista não como uma abstracção, mas como uma identidade própria, transparente, que reflecte os hábitos, os comportamentos dos trabalhadores, criando uma coesão empresarial específica.

Como disse, ao DL, Francisco Lopes dos Santos, coordenador da Área de Estratégia e vice-presidente do CIFAG, Centro de Informação, Formação e Aperfeiçoamento em Gestão, citando o professor francês Roland Reitter, do Centro HEC-ISA (Paris), esta coesão define-se como «o contrato psicológico interno entre a empresa e os empregados».

A cultura da empresa, ou seja a sua identidade, «baseia-se na forma mais ou menos eficiente de efectivação do contrato psicológico. A comunhão das energias humanas num esforço motivado, estrategicamente dirigido, é um dos factores de competitividade mais consequentes».

A palavra cultura é muitas vezes utilizada de forma abusiva na organização das empresas. E. Schein define-a em «Cultura e Liderança Organizativa» como «o conjunto de hipóteses fundamentais que um determinado grupo inventou, descobriu ou constituiu, aprendendo a resolver os problemas de adaptação ao meio envolvente e à integração interna».

É o que já Edgar Morin propunha quando em «Sociologia» escreveu que «a cultura é um sistema que permite a uma experiência existencial pessoal e a um saber colectivo constituído comunicarem entre si».

Como interfere este contrato psicológico no sucesso das empresas ?

«Todas as empresas possuem uma estratégia. Quanto mais essa estratégia se basear em factores internos da empresa, na sua identidade, maior será a sua competitividade no mercado. Têm sucesso as empresas que conseguem criar uma identidade de comportamento através deste contrato. Procura-se a participação de estratégias em que os interesses entre pessoas e grupos sejam compatíveis», afirma Lopes dos Santos.

João Neves e Francisco Lopes Ramos: «A identidade do CIFAG é fortemente empresarial. A formação é a nossa maior batalha, bem como a investigação»

Segundo Roland Reitter, no livro sobre política geral da empresa, «STRATEGOR: Estratégia, Estrutura, Decisão, Identidade», cuja filosofia é seguida pelos dirigentes do CIFAG, «o sucesso da estratégia passa pela compreensão da identidade. Esta não se reduz à cultura, que é apenas uma das manifestações, mas compreende o conjunto dos outros factores que dão à empresa a sua própria continuidade, especificidade e coerência».

O professor Reitter terá oportunidade de explicar exaustivamente esta filosofia no seminário «A Cultura da Empresa como Alavanca Estratégica», organizado pelo CIFAG, nos próximos dias 18, 19 e 20 de Abril. É um seminário destinado a quadros e membros de *staff* de alta direcção e directores de unidades estratégicas de negócio

Tanto para João Neves, presidente do CIFAG, como para Lopes dos Santos, uma empresa não consegue sobreviver sem levar em conta «as quatro faces do tetraedro: estratégia, estrutura, decisão e identidade. São as quatro portas através das quais os dirigentes da empresa podem entrar para a conduzir, transformar e a fazer evoluir». Estas quatro faces não podem ser encaradas individualmente, mas como um conjunto fortemente estruturado, de tal modo que os problemas com que os dirigentes de uma empresa se deparam, como desfasamentos no tempo entre os diferentes elementos, possam ser reduzidos através de uma maior coerência entre os outros.

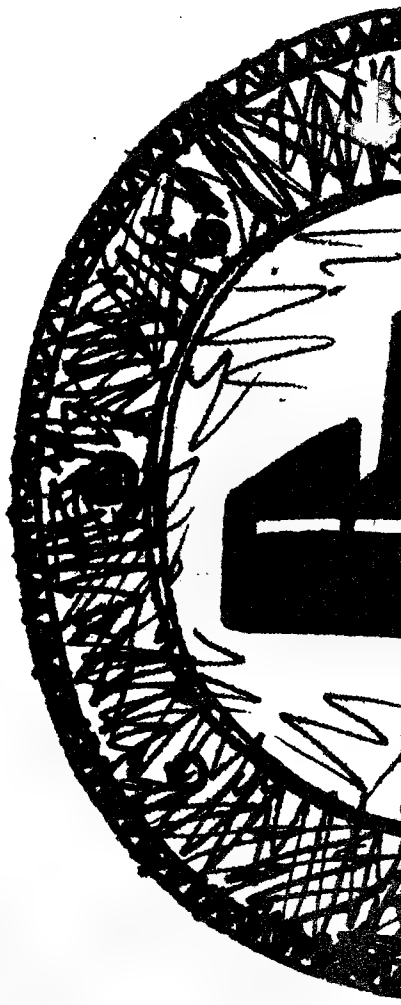
Liderança e formação

A liderança e a formação são outros factores decisivos para o sucesso das empresas. Os bons dirigentes «são os que, tendo-se apercebido dos problemas, actuam depressa e sobretudo escolhem o terreno sobre o qual vão agir em função da eficácia que ele apresenta. Agem sobre a estrutura ou sobre o processo de decisão, ou seja sobre a identidade».

A política da empresa é portanto um «sistema» e o papel do dirigente é assegurar a coerência interna desse sistema e entre ele e o meio circundante. É através de ajustamentos progressivos que o sistema evolui e reside aí uma das suas características essenciais. É um sistema em transformação permanente. No caso das empresas portuguesas, o sucesso não é fácil de conseguir, refere Lopes dos Santos, pois existe pouca capacidade de competir com as empresas estrangeiras, tanto nas tecnologia e nas competências como no *know-how* e nos recursos humanos.

«O factor chave reside na criação de competências nos recursos humanos, construindo uma identidade entre essas competências dentro da empresa. A qualidade e a diversidade são as armas que as empresas portuguesas não podem de modo nenhum dispensar», sublinha Lopes do Santos.

Rui Ferreira e Sousa



Luis Pozas

A investigação e a formação são prioridades do CIFAG

«Procuramos sempre a inovação. A investigação é uma das formas de levar à prática essa inovação. Através desse conhecimento, dessa eficácia, passamos à formação.

Este ano demos um empurrão nestas áreas através de uma rede que temos montada com organismos e institutos estrangeiros, europeus e norte-americanos», disse João Neves, presidente do CIFAG, ao DL.

O CIFAG trabalha ao «nível Top» das empresas com cursos especializados em Marketing, Recursos Humanos e Produção e dá particular atenção às áreas da Investigação e Consultoria.

No mês de Maio, no âmbito da ONU, através da CIFAG, a UNDP/ILO, European Management Consultary Project, vai criar uma rede de apoio às empresas em desenvolvimento.

En Outubro, o CIFAG vai ser o anfitrião da reunião da comissão coordenadora do «Projecto Unido», um projecto da área das novas tecnologias de produção. Trata-se da análise de vários modelos de soft-ware. Neste momento, o soft-ware está a ser aplicado na Cometna e na Renault, possuindo o CIFAG a representação desse soft-ware para Portugal.

Outros projectos estão em cursos nas áreas do impacto da integração da CEE sobre Recursos Humanos e nas Fusões e Aquisições.

Na via internacional, uma das vertentes do CIFAG, estão a ser preparados, entretanto, quatro programas mistos subordinados aos seguintes temas: Qualidade Total; Estratégia (Management Avancé, baseado na filosofia Reitter); ICD, Integrated Company Development, para médias empresas e um programa de estratégia luso-brasileira.

R.F.S.

A reforma das mentalidades

É necessário investir em

A mentalidade dos gestores e empresários portugueses está longe de atingir os níveis comunitários. A possível mudança que se possa sentir é lenta. Ponto positivo neste domínio é a constatação de que os jovens quadros que estão a chegar ao mercado de trabalho trazem já uma visão de futuro mais ampla e uma mentalidade mais aberta, no sentido de explorar todos os instrumentos e oportunidades que têm à mão.

Os desafios actuais são imensos e têm que romper com muitas barreiras, não só económicas e políticas, mas também psicológicas, que convivem connosco há pelo menos 50 anos.

O clima empresarial de hoje tem origem numa sequência de acontecimentos em épocas passadas. Desde os anos 50 que as empresas industriais se têm orientado para o mercado interno, que se caracterizava, essencialmente, por ser pequeno, fechado e com poucas alternativas de selecção de produtos.

Foi-se assumindo, assim, a política proteccionista e os sucessivos incentivos à substituição de importações. O universo empresarial optou por minimizar os seus riscos e organizou um mercado de sobrevivência que subsiste até hoje. O mercado externo intensificava-se quando o interno falhava.

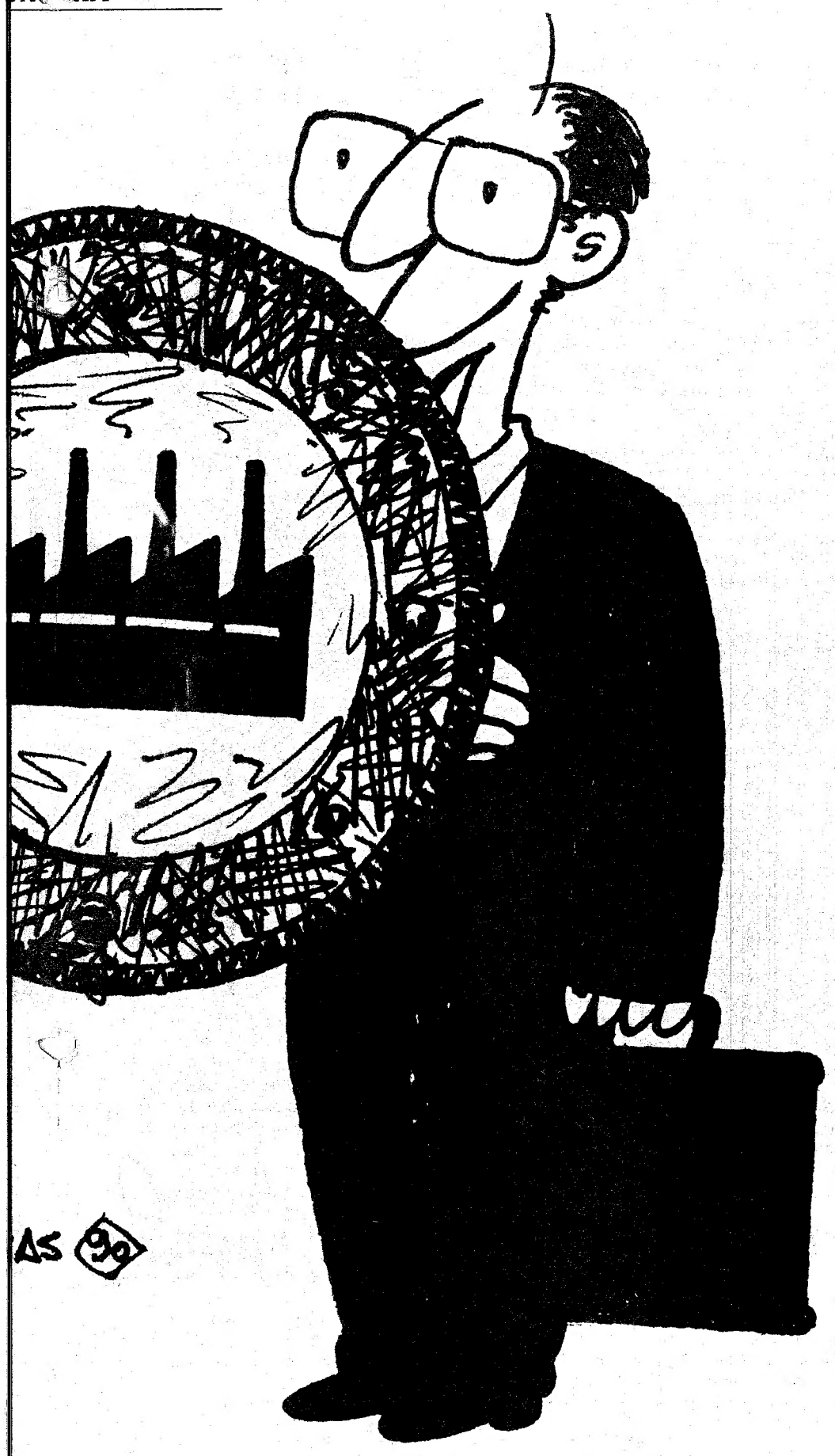
Por outro lado, os efeitos desta política levaram o consumidor a ser pouco selectivo perante a reduzida diversidade da oferta. O mercado automóvel, vestuário ou o sector alimentar são exemplos disso. Compra-se o que há e não o que se quer.

A preocupação da qualidade e serviço ao cliente transferiu-se para plano secundário, considerada sempre como custos supérfluos.

Ao nível da estrutura financeira, a debilidade da maioria das empresas caracteriza-se por um excessivo recurso ao endividamento, quase exclusivamente bancário, já que o mercado de capitais só agora começa a ter alguma expressão.

A excessiva carga fiscal comparada com as aplicações alternativas de capitais é outro problema, originando muitas vezes situações insustentáveis, chegando-se rapidamente à falência técnica.

A pequena dimensão do mercado e o seu baixo risco levou muitos empresários a dimensionarem-se por ele. São frequentes as



m novos gestores

empresas que trabalham em faixas de custos médios não competitivos, evitando os custos de qualidade e serviços e ignorando a análise do consumidor. Esta orientação contribuiu também para a pouca atenção dada à evolução tecnológica.

A estas insuficiências junta-se a grande quantidade de apostas em investimentos que se mostraram desajustados, pois era frequente e normal não se recorrer às técnicas do planeamento e do *marketing*.

Face a esta situação do passado recente, o empresário português tem uma herança pesada de que não é fácil ver-se livre.

Actualmente ainda é frequente encontrar empresários com medo de investir na informática, uma vez que se sentem incomodados ao terem a sensação de não dominarem a máquina, tendo, deste modo, um trabalho duplo de verificação dos dados à mão. O medo de investir é outro factor possível de encontrar e nem sempre as soluções encontradas são as melhores. Normalmente são as mais baratas, o que pode originar grandes fiascos.

A desconfiança nas autoridades oficiais é também uma característica. O Estado aparece sempre como mau pagador e bom recebedor. A nova imagem que pretende dar, com recurso à política de subsídios comunitários, é vista com uma certa desconfiança.

Por outro lado, os factos relativos à qualidade de vida no trabalho e os custos decorrentes das exigências dos trabalhadores com vista à melhoria de salários e condições de trabalho, ainda não é preocupação principal do empresário português.

Tem-se pouca noção de que os quadros assumem papel preponderante no decorrer da revolução científica e tecnológica. Para atingir os padrões dos países mais desenvolvidos seria necessário investir mais nos quadros, cuja falta é, inclusivamente, factor limitativo do desenvolvimento do País.

Com a lenta formação de quadros e os baixos salários que auferem corre-se o risco de, em 1993, com o Mercado Único, os nossos melhores técnicos recorrerem à emigração.

É tempo dos empresários portugueses darem mais atenção aos recursos humanos, como forma de investir no futuro.

Isabel Braz

Angola espera abertura ao «mercado natural» que é a África do Sul. Falta de inciativa de Portugal vista com preocupação

Aproximação Luanda-Pretória ameaça posição portuguesa

A capacidade de iniciativa e de agressividade empresarial portuguesas estão a ser postas à prova, no que se refere à Republica Popular de Angola. Técnicos deste país, de diversos sectores económicos, consideram de forma entusiástica a África do Sul como o parceiro económico natural e não escondem a sua impaciência pela concretização dessas relações.

Esta informação foi veiculada pela «Lusa», que afirma que a integração económica regional -proposta pela África do Sul para fazer face a um alegado desinteresse europeu- está na ordem do dia, numa altura em que mais de 80 por cento do comércio externo angolano é feito com países ocidentais, com Portugal a oscilar ciclicamente entre o primeiro e o terceiro lugares no fornecimento de produtos alimentares, bens de consumo e equipamentos.

«Devido à agressividade da economia sul-africana, ávida de novos mercados, Portugal está condenado a exportar, para Angola, apenas sardinhas e bacalhau», terá dito um técnico superior angolano do ramo dos petróleos, para dar uma ideia das reais possibilidades comerciais que o futuro parece vir a oferecer aos países da África Austral. Por seu lado, um empresário português disse que «não se trata de nenhum falso alarme nem vale a pena tapar o sol com a peneira», sublinhando que a realidade é por de mais evidente.

Situação geográfica, potencialidades económicas de Angola e capacidade tecnológica e financeira sul-africanas justificam esta situação. Pretória está em condições de colocar no mercado angolano, em condições competitivas e rápidas, quase todos os equipamentos e bens que tradicionalmente são exportados por Portugal, com a agravante de possuir o que é designado por indústrial de produtos tropicalizados.

Início do declínio

Segundo o despacho da «Lusa», a integração da economia da África Austral, reiterada em Fevereiro pelas autoridades angolanas e pelo ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, representará o início do declínio das trocas comerciais entre Lisboa e Luanda, com a ironia de ter sido Portugal o grande responsável pela criação da generalidade dos laços económicos, agora desactivados, entre a África do Sul e Angola e que irão constituir a pedra de toque do futuro relacionamento económico entre os dois países.

Os grandes empreendimentos realizados por Portugal em Angola, nas áreas mineira, petrolífera, agrícola e no aproveitamento dos recursos hídricos foram feitos no âmbito de um pseudo futuro mercado comum da região austral que permitisse a Lisboa, Pretória e (à então) Salisbúria alcançar uma auto-suficiência regional capaz de suportar os efeitos das sanções e dos boicotes internacionais da época.

No campo dos recursos hidroeléctricos, Angola dispõe de grande potencial, tendo a maioria das barragens sido acabada no final do período colonial, mediante acordos com a África do Sul. O alteamento da barragem de Cambambe, entregue a empresas portuguesas, foi sucessivamente adiado por falta de créditos nacionais e, apesar das verbas necessárias terem sido disponibilizadas, metade desses quase 15 milhões de contos garantidos por petróleo em regime de «countertrade», a verdade é que os trabalhos ainda não foram iniciados.

«Bons irmãos»

O papel de Portugal, num campo onde o intercâmbio negocial deveria ser assumido sem complexos e com grande iniciativa, tem sido reduzido, segundo afirmam diversas fontes. Conforme divulgado, Lisboa limitou-se a anunciar, na última reunião da Conferência para a Coordenação e Desenvolvimento da África Austral (SADCC), estar disponível para apoiar acções de formação profissional no Lobito e oferecer pequenos projectos datados do período colonial e destinados à área portuária.

«As relações económicas e comerciais entre Portugal e Angola serão comparáveis, dentro de uma década, às que Lisboa mantém hoje com Brasília, ou seja, praticamente nulas», disse um consultor bancário português em serviço em Luanda, citado pela «Lusa». E acrescentou: «Vamos continuar a dar-nos como bons irmãos, mas quem vai fazer os negócios serão os outros».

No seu entender, caso o Estado português não se debruce atenta e rapidamente sobre a situação, as ligações económicas luso-angolanas irão limitar-se, no futuro, à venda de alguns produtos alimentares, à prestação de serviços e à construção civil de pequena monta. «Os angolanos apreciam a mão-de-obra portuguesa na construção civil, mas as grandes obras de engenharia civil acabam sempre por ser adjudicadas aos nossos principais concorrentes», acrescentou.

«DL»/Sérgio Soares- «Lusa»

Angola, um parceiro económico que Portugal pode perder

ECONOMIA

Qual a participação portuguesa na corrupção em África?

Têm-se multiplicado, nas últimas semanas, as informações respeitantes à impotência administrativa de um certo número de Estados africanos, onde, aproveitando a vaga desestabilizadora vinda de Leste, são postas em causa as estruturas políticas dominadas por partidos únicos e autoritários, que permitiam à existência de chefes que tudo parecia indicar como sendo carismáticos. O que não acontecia.

Abrem-se cada vez mais amplamente as portas dos arquivos, tal como se multiplicam as informações respeitantes à má utilização seja dos fundos públicos, seja dos empréstimos ou donativos internacionais. Em alguns casos, são avançadas somas prodigiosas, que teriam sido desviadas pela burocracia ou pelos homens políticos, estando os dois tão intimamente confundidos que falar de uns é designar os outros.

Um antigo primeiro-ministro da Argélia, o sr. Adbelhami Brahimi, em companhia de um parlamentar, o sr. Mohamed Falek, não hesitaram em denunciar a corrupção corrente nos meios políticos argelinos. De acordo com estes dois homens políticos, os «operadores económicos» teriam recebido a bagatela de 26 biliões de dólares em comissões, ou em mata-bicho, desde que a Argélia é independente.

A soma é prodigiosa, e mostra - se for confirmada, mas até este momento ainda ninguém a desmentiu - a que ponto os interesses do Estado, quer dizer, das populações são substituídos pelos apetites dos grupos políticos que, aproveitando a estrutura repressiva dos partidos únicos agem sem receio de controlos ou de punições.

O mesmo acontece na Costa do Marfim, onde continua a esboroar-se dia-a-dia a figura ainda ontem carismática do Presidente Houphouet-Boigny. As acusações provêm também dos meios políticos. Um deputado afirma que «a Presidência gere, fora do orçamento, tanto dinheiro como o governo no quadro da contabilidade nacional, ou seja, cerca de 600 biliões de francos CFA (o equivalente a 300 biliões de contos)».

A corrupção invade todos os poros da vida política, mas ainda se está longe de saber tudo, embora, como acontece já no Gabão, apareçam indivíduos e organizações que se mostram decididos a pôr tudo em pratos limpos, de maneira a assegurar o descrédito das equipas que ocuparam o Poder e se mostraram não só inaptas - o que já não era pouco - mas, sobretudo, destruidoras das finanças e dos bens nacionais.

Açúcar: um doce negócio

Ora, não parece que nos possamos considerar afastados destas manobras de corrupção, uma vez que, reforçando as informações que tinham aparecido no ano passado na Impresna brasileira, o jornalista Stephen Smith, que pertence aos quadros dos *Libération*, afirma que a empresa pública portuguesa AGA, Administração- Geral do Açúcar e do Álcool, está directamente associada a mais um escândalo nas relações entre a empresa francesa Sucden-Sucre et Denrées - e os diferentes organismos que na Costa do Marfim se ocupam da exportação e da comercialização do cacau.

No ano passado, esta mesma empresa, a AGA, apareceu na Imprensa brasileira associada a um escândalo ligado à comercialização de 300 mil toneladas de açúcar que, pelo visto, se mostraram financeiramente muito açucaradas para as contas bancárias de alguns responsáveis brasileiros e portugueses.

É curioso que, entre nós, esse escândalo que abalou os meios financeiros brasileiros não parece ter provocado nem a curiosidade do ministério de tutela, nem das autoridades judiciárias que, pensava eu, como sempre ingénuo, se deviam ocupar do controlo das empresas públicas.

O escândalo mais recente da Costa do Marfim está associado a uma operação de importação de arroz, provindo do Paquistão. A empresa Sucden tê-lo-ia comprado a 128 dólares a tonelada. Quando chega a Abidjan o preço sobe para 180 dólares mas o arroz será vendido às autoridades da Costa do Marfim por 230, ou mesmo, 280 dólares. Nesta última hipótese, o lucro será de «apenas» 100 dólares por tonelada.

Como é sabido, circula nos aviões que aterram em Lisboa , um certo número desses «operadores económicos» que servem essencialmente para pôr em contacto as personagens interessadas em conseguir fazer bons negócios. Não é difícil reconhecê-los, e podia, se a lei mo permitisse, dizer os nomes de alguns deles, especialistas das relações na costa ocidental/africana.

Terão alguns deles participado na operação da compra deste arroz? Com efeito, afirma Stephen Smith, contactado pelo telefone, o arroz que a Sucden pôde vender à Costa do Marfim, foi comprado no Paquistão pela empresa pública portuguesa. Esta foi preferida pela Sucden e pelos intermediários paquistaneses porque, sendo empresa pública, não é tão controlada como as privadas, e pode comprar o arroz sem passar pelos concursos.

Acontece que, neste caso, a empresa portuguesa não se presta a estas operações pela primeira vez, tendo já servido de corretor, ou de operador económico, numa operação anterior: um barco, o cargueiro *St. Spydrion* é, de resto, esperado nestes dias no Paquistão para carregar 13 250 toneladas de arroz, destinado a África.

Além do mais, existe um documento provando que foi aberto um crédito à empresa portuguesa junto da Unicrédit, em Paris, no valor de 13,2 milhões de dólares, o que é mesmo assim uma bonita soma: cerca de dois milhões de contos.

É evidente que estas operações não respondem a nenhuma encomenda oficial e que estamos, como já se verificara no caso brasileiro do ano passado, perante operações levadas a cabo por funcionários portugueses que foram contactados pelos bons «operadores económicos».

Creio, todavia, que a gravidade das informações agora tornadas públicas é tal que se espera que a presidência do Conselho de Ministros nos venha dizer, o mais rapidamente possível - quer dizer, dentro de vinte e quatro horas - o que tem sido tramado na AGA e quem são os responsáveis por estas manipulações aparentemente tão rendíveis.

Bem sei (e parece que o ex-ministro Cadilhe também) que o dinheiro não tem cheiro. Em contrapartida, o Estado não pode furtar-se à sua responsabilidade, assegurando a lisura das operações, tal como deve assegurar a punição dos culpados, no caso de os haver.

Ou será que estaremos agora em vias de nos africanizarmos a ponto de as nossas empresas públicas se transformarem em simples agências encarregadas de reforçar a corrupção já existente?

Alfredo Margarido

Inquérito não detectou irregularidades na AGA

«Já foi realizado um inquérito que não detectou qualquer irregularidade», afirmou ao DL uma fonte oficial a propósito das suspeições que têm sido levantadas à actividade da AGA no domínio do intermediarismo internacional.

Os rumores sobre eventuais procedimentos menos correctos da AGA (Administração-Geral do Açúcar e do Álcool) surgiram no princípio de 1989, tanto na imprensa nacional como internacional. Estava em causa o açúcar que esta empresa vinha adquirindo, há alguns anos, ao Instituto do Açúcar e do Álcool do Brasil (IAA).

O Governo português, em presença desta situação, solicitou um inquérito à AGA, o qual foi levado a cabo pela Inspecção-Geral de Finanças. «Pelo que foi apurado, a execução dos contratos desenvolveram-se sempre dentro do acordado, não se detectando qualquer contencioso», afirma a nossa fonte.

A entrada da AGA nas chamadas «operações triangulares» resultou do facto de ter perdido o monopólio do comércio de ramas de açúcar, em virtude da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em 1986. Apenas manteve o monopólio do álcool para o mercado interno, o qual será eliminado a partir de 1 de Janeiro de 1993, altura em que será liberalizada a importação e comércio do álcool etílico.Perante esta situação, diz a fonte oficial contactada pelo DL, a AGA teve de diversificar a sua actividade «de forma a atenuar as consequências da liberalização».

Estando inserida nos mercados externos e conhecedora dos diversos operadores internacionais, optou pelo mercado do açúcar, pois, segundo a nossa fonte, «era o que lhe traria maiores vantagens».

Por conseguinte, estabeleceu contactos com *brokers* «já conhecidos da AGA», que se dedicam à actividade de importação de ramas, firmando com estes acordos de intervenção.

«Tais acordos assentam em operações triangulares de compra e venda de açúcar refinado e ramas, actuando a AGA como entidade compradora em relação ao IAA do Brasil e como vendedora aos organismos competentes dos países destinatários», explica a mesma fonte.

Em consequência das operações realizadas, foi dito ao DL, sem correr riscos com o negócio, a AGA obteve desde 1984 cerca de 900 mil contos de comissões, «valor muito importante para a empresa e que se traduz também por ganho de divisas para o País».

ECONOMIA

A modernização do Instituto Nacional de Estatística passa por uma orgânica mais flexível, novos métodos de trabalho e instalações mais vastas

Estatísticas portuguesas na via da actualidade

Grandes mudanças estão a acontecer no Instituto Nacional de Estatística. Modernização de procedimentos e instalações, iniciativas na cooperação e formação, regionalização da instituição e modificação do regime de tutela são alguns epifenómenos do novo ambiente que se respira no INE, para o qual muito contribuiu o seu actual presidente, Manuel José Vilares. Prepara-se, entretanto, o XIII Recenseamento Geral da População e o III da Habitação.

O INE, segundo o seu presidente, «é das poucas instituições que tem a ver com toda a gente» e em relação à qual de há muito que eram óbvias as necessidades de reestruturação, para satisfazer as necessidades dos utilizadores. Desde 1974/75 que o Sistema Estatístico Nacional (SEN) e o INE, em particular, «estavam em queda livre».

Vender informação

Ultrapassadas as «razões várias que foram adiando a reestruturação», em 1989 a Assembleia da República aprovou, por unanimidade, a Lei de Bases do SEN e o Governo alterou os estatutos do INE, com o que este passou a instituto público com personalidade jurídica, autonomia administrativa e financeira e património próprio e a ter um modelo de gestão tipo empresarial.

O objectivo das alterações, precisa Manuel Vilares, é o de «produzir informação de qualidade e a tempo», dado que «a informação só tem utilidade se for para satisfazer as necessidades dos utilizadores».

Materializar estas intenções implica «acabar com o organismo fechado e burocrático» que era o INE e «saber para quem é que se produz informação».

Estas alterações assumem tanto mais importância quanto, com a nova figura jurídica, o INE é incentivado a produzir informação estatística na perspectiva dos utilizadores e a repercutir os custos nos preços de venda. Isto pressupõe «inverter a situação antiga, onde as receitas iam para os cofres do Estado e faziam-se publicações se houvesse dinheiro, porque se não houvesse... não se publicava e não fazia mal».

Como «ninguém compra informação atrasada ou que não precise», a informação produzida terá qualidade e actualidade. Esta actividade não decorre de nenhuma lógica de obtenção de lucros («as receitas que tivermos são para o nosso desenvolvimento») e têm uma dupla perspectiva: a do serviço público e a de prestar serviços à comunidade.

A comercialização da informação estatística é, de resto, prática habitual nas instituições europeias congéneres do INE e constituiu, inclusive, o tema dominante da Conferência dos Estaticistas Europeus que reuniu, em 1988, especialistas oriundos de toda a Europa: comunitária, da EFTA e de Leste.

Resultado das inovações introduzidas, o INE já pode proclamar, com orgulho, a recuperação de sete anos na publicação das contas nacionais, correspondentes a 85 por cento dos atrasos totais, os quais, considera o próprio INE, «constituíram, ao longo do tempo, uma *imagem de marca* do organismo».

Inovações estruturais

A criação do Conselho Superior de Estatística é uma das principais novidades aparecidas com o actual enquadramento normativo do SEN.

Com, entre outras, a atribuição de pronunciar-se, a pedido do Governo, sobre as normas e princípios gerais que devem regular a produção dos dados estatísticos, o CSE é presidido pelo ministro da tutela do INE e é composto pelo presidente deste Instituto, por representantes dos departamentos ministeriais, dos Governos regionais, da Associação Nacional de Municípios, do Banco de Portugal, das centrais sindicais, das associações empresariais e de consumidores e por dois professores universitários da área dos métodos estatísticos e econométricos.

Manuel Vilares explicitou, ainda, a «estratégia clara» de regionalizar o INE, com a criação de direcções regionais em Porto, Coimbra, Évora e Faro. O objectivo, disse, é o de reforçar a ligação da instituição aos grandes utilizadores, desde logo universidades e empresas.

A ampliação e remodelação do edifício-sede, orçada em 2,5 milhões de contos, será, por outro lado, o aspecto mais visível para o comum dos cidadãos.

Insuficiente para as necessidades desde 1965, ao actual edifício têm sido acrescidas "filiais" um pouco por toda a parte, numa manifestação de lógica de soluções de recurso.

A solução encontrada constitui uma obra de vulto, dará azo a um novo edifício com 30 mil metros quadrados e remodelará dois mil do actual. O concurso da empreitada será aberto em Agosto, anunciou Manuel Vilares.

XIII Censo

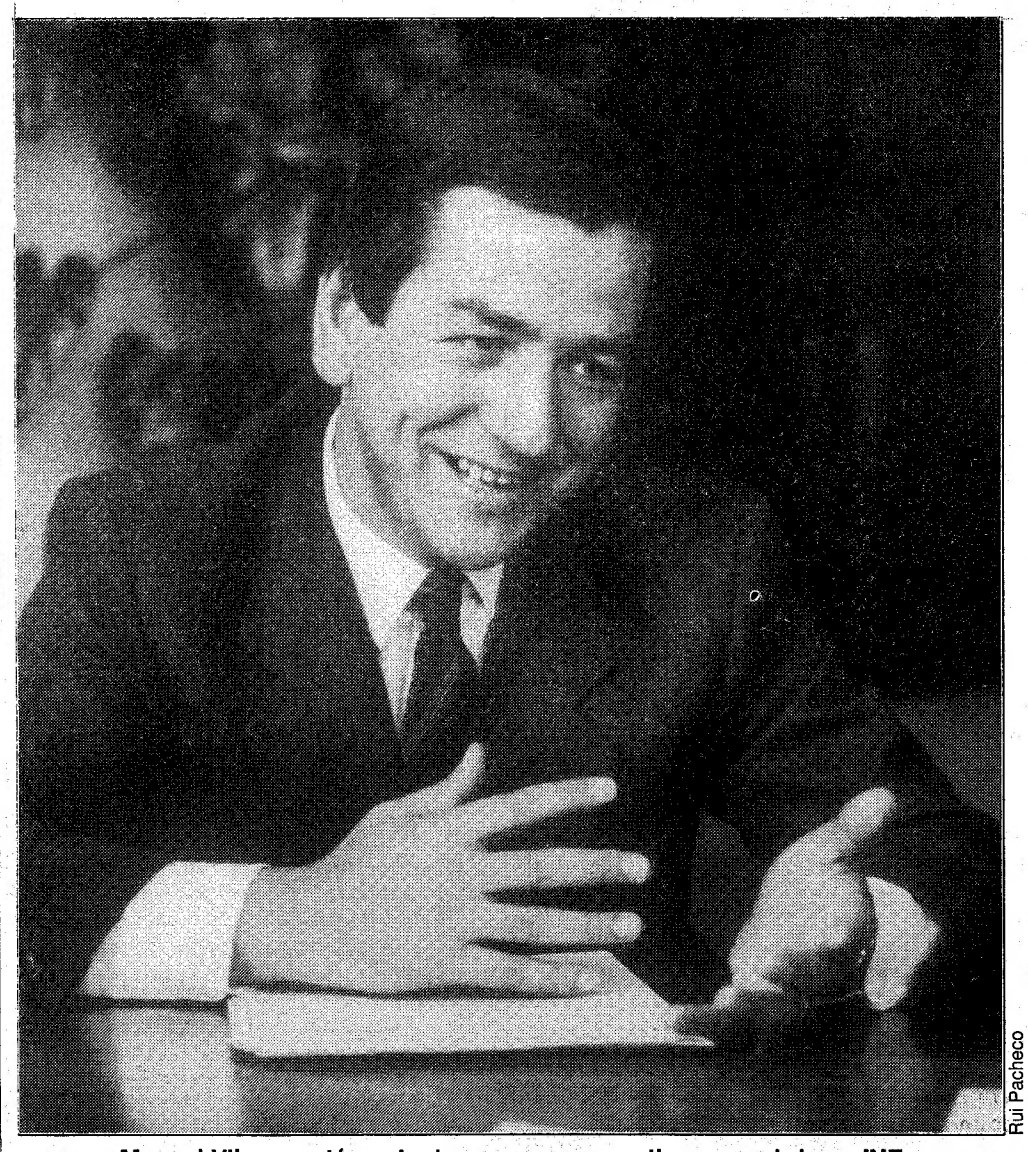
No próximo mês iniciar-se-ão os trabalhos finais de preparação do XIII Recenseamento Geral da População e do III Recenseamento Geral da Habitação, através da sujeição do questionário a um teste-piloto em três freguesias dos concelhos de Lisboa, Coimbra e Porto.

Aqueles censos deverão ocorrer simultaneamente em Abril ou Maio do próximo ano, envolverão mais de 20 mil pessoas e «custarão milhões de contos».

Na operação, em preparação há três anos, o questionário desempenha função essencial. Para a sua estruturação, foram recolhidas sugestões de vários parceiros sociais. O próprio CSE vai criar uma secção para acompanhar a operação.

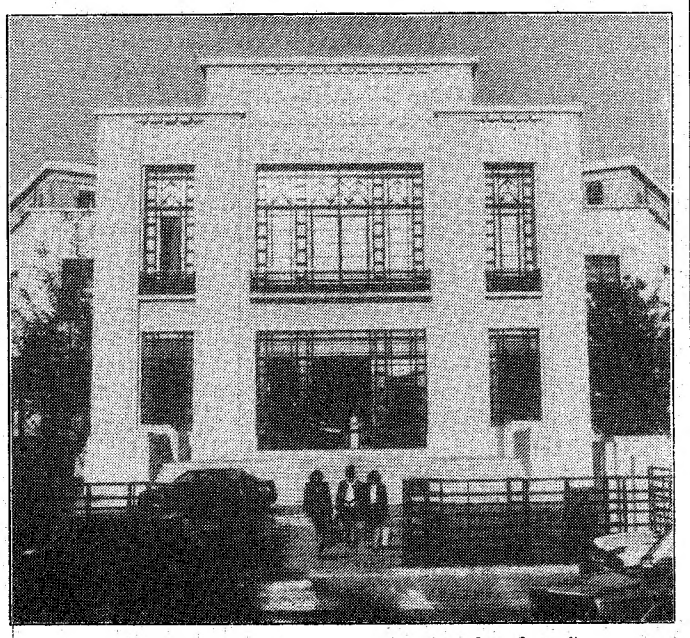
Desta vez, serão preenchidos três impressos diferentes: um para a casa, outro para o conjunto familiar e um último para o indivíduo. Os resultados provisórios deverão ser divulgados ainda em 1991 e os finais só no ano seguinte.

Rui Nunes



Rui Pacheco

Manuel Vilares está contente com as perspectivas que abriu ao INE



INE muda de vida: expansão, modernização, racionalização, formação, cooperação...

Formação e cooperação privilegiadas pelo INE

Formação e cooperação são áreas particularmente importantes para Manuel Vilares. Daí que apresentasse, de forma entusiástica, os projectos do Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação (ISEGI), da associação para o seu desenvolvimento e do Centro Europeu de Estatística para os Países em Vias de Desenvolvimento (CESD-Lisboa).

O objectivo comum a estas iniciativas é a supressão da carência de quadros superiores especializados no domínio da concepção, tratamento e análise da informação estatística. O CESD-Lisboa será um complemento do ISEGI apontado, em particular, aos países africanos de língua oficial portuguesa.

Manuel Vilares entende que «a formação é que é fundamental; as máquinas...compram-se».

No ISEGI será ministrada uma licenciatura, para cujo acesso será necessário um bacharelato, e um mestrado com sete áreas de especialização, com o fito de formar quadros para o INE, Administração Pública, empresas e países africanos. A base comum da formação facilitará o diálogo posterior. Manuel Vilares afirmou que os técnicos do INE seleccionados para a frequência de qualquer destes cursos serão dispensados do serviço durante o tempo da frequência dos mesmos. Para viabilizar financeiramente a nóvel instituição, fruto da iniciativa do INE e da Universidade Nova de Lisboa, será constituida uma Associação para o Desenvolvimento do ISEGI, formada por empresas, que acertará com a Reitoria os moldes do financiamento.

Cooperação

Para o presidente do INE, «quando se ouve dizer que Portugal tem vocação africana, tem de pôr-se isso no concreto».

É assim que fala da constituição do CESD-Lisboa, cuja escritura está marcada para o próximo dia 24.

Fruto dos esforços conjuntos de Portugal, da Comissão das Comunidades Europeias e daqueles países africanos, este Centro, que deverá ter um africano na presidência, formará quadros médios na Guiné-Bissau, que receberá também alunos provenientes de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, em Angola e Moçambique.

Os melhores alunos virão depois para Portugal, onde frequentarão o ISEGI e serão acolhidos pelo CESD. A relevância desta iniciativa é óbvia para os dois lados. Para Portugal, porque é o centro da constituição de uma «grande família» internacional de estaticistas; para estes novos Estados, porque permite-lhes dotarem-se de especialistas em informação.

É que, como assegura Manuel Vilares, «sem informação, não há decisão minimamente fundamentada».

R.N.

Incompatibilidades e diferendos

No final deste processo de alienação da Transinsular e, caso Ilídio Pinho passe a ser, como tudo o aponta, o grande vencedor, resta saber qual o papel reservado (e que se reserva) ao actual conselho de administração da companhia de navegação, conhecidos que são os diferendos, mesmo as incompatibilidades, entre aquele empresário e Álvaro Duarte, até agora o homem forte da empresa.

São conhecidas as críticas que Ilídio Pinho tem feito à actual adimistração da Transinsular o que, em certa medida, entra em choque com uma outra, segundo a qual o grupo Colep contará, para a sua internacionalização, com a preciosa ajuda da companhia de navegação, razão pela qual trava a actual luta pelo seu controlo maioritário. Recorde-se que foi a administração de Álvaro Duarte quem avançou com projectos para o porto de Macau, situação na altura bloqueada por Ilídio Pinho, que impôs cortes orçamentais ao empreendimento, pelo que o assunto foi abandonado pela administração.

Até aqui tem havido um «braço de ferro» entre Ilídio Pinho e Stanley Ho. Se, por um lado, o primeiro visa o controlo da Transinsular, na qual o empresário chinês quer apostar, este, por ser turno, tenta controlar a transportadora. Guerra de nervos e, principalmente, de dinheiro onde, pelos vistos, ganhará quem tiver mais iniciativa e capacidade de influência.

Os contactos do «senhor Colep» com o governador Carlos Melancia são conhecidos, mas, conforme disse uma fonte ao DL, «se o faz é porque quer», já que o empreendimento Macauport pode avançar definitivamente, assim haja disposição para tal.

Crescimento da Transinsular

A companhia de navegação Transinsular, inicialmente com um capital social de um milhão de contos, posteriormente aumentado para 1,4 milhões por incorporação de reservas, tem presentemente 11 navios a operar. No último exercício financeiro registou resultados líquidos de 750 mil contos, com um «cash flow» de exploração de 3,13 milhões. Os investimentos líquidos, depois dos desinvestimentos, foram de 7,2 milhões de contos.

Em Junho de 1987 a empresa alienou 30 por cento do capital, em OPV, ao preço médio de 3.116 escudos por acção, para um valor de base de 1.750, altura em que Ilídio Pinho ficou com 24,5 por cento. No ano seguinte, em duas sessões contínuas de Bolsa, este comprou mais 17 por cento das acções.

Presentemente a Transinsular está a operar, no transporte de contentores e cargas a granel, para as regiões autónomas da Madeira e Açores, nesta com custos sociais assumidos. Tem igualmente carreiras que, partindo do norte da Europa, fazem as rotas Mauritânia, Cabo Verde e Guiné, bem como linhas para o Mediterrâneo e São Tomé e Príncipe, estando a preparar o mercado de Angola.

Este passa pela exploração do porto de Luanda, para o que contribui a associação com a Angonave, que terá a conceção de exploração, enquanto a Transinsular prevê a formação de uma empresa mista para exploração do porto, caminho para a abertura de novas rotas. Mas Angola está a ver qual o futuro da empresa portuguesa, para definir acções futuras.

O crescimento contínuo e rentável da empresa torna-a apetecida. Não deixa de ser estranho, contudo, que uma administração que, pelos vistos, a tornou assim apetecida, seja considerada incompetente por um dos empresários que concorre para o seu controlo. Se Ilídio Pinho vier a ganhar, como tudo aponta, Álvaro Duarte e a sua equipa sairão. Por incompatibilidade real. Mesmo considerando que ninguém é insubstituível, parece ser um final com sabor a «revanche», por parte de quem ganha.

A.H.

Transinsular na mira de interesses vários

Estado pode perder dois milhões com alienação da Transinsular

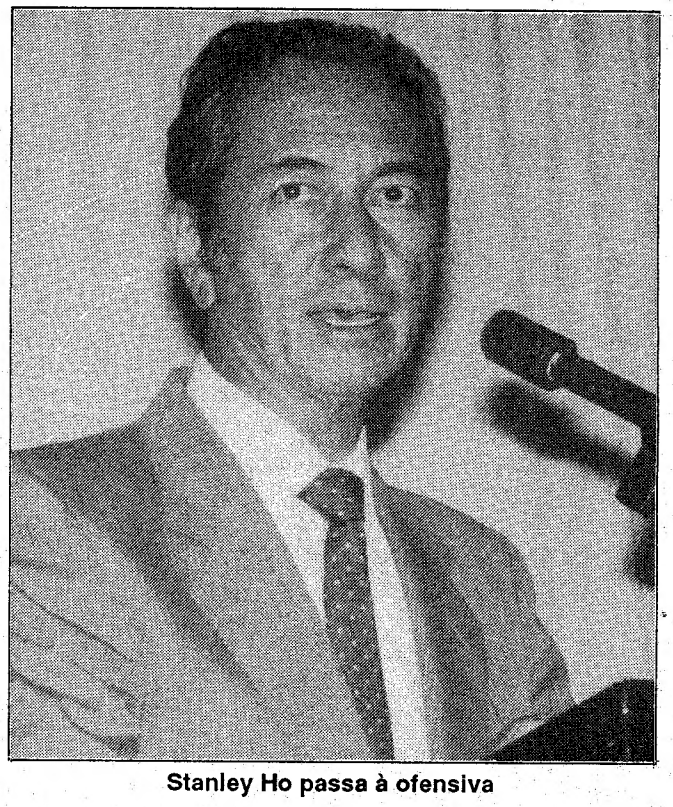
Ilídio Pinho e Stanley Ho travam guerra de bastidores. OPV da companhia de navegação poderá não ser o processo rentável

Intensa guerra de bastidores está a ser travada entre diversos interessados na alienação dos 51 por cento detidos pelo Estado na Transinsular. Segundo o DL conseguiu saber, na passada quinta-feira, dia em que o Conselho de Ministros anunciava formalmente der tado instruções para a privatização da empresa, Stanley Ho enviou um «telefax» ao Banco Pinto e Sotto Mayor (BPSM), com cópia para o Ministério das Finanças, onde fazia a oferta de três contos por acção. Se fosse aceite, poderia significar mais dois milhões de contos para os cofres públicos.

O grande vencedor deste processo parece ser, à partida, Ilídio Pinho, actual detentor de 42,5 por cento das acções da companhia de navegação e que tem reafirmado a intenção de a controlar ao máximo. O processo definido poderá possibilitar-lhe esse controlo sem grandes despesas, desde que considere suficiente deter 51 por cento da empresa.

A operação de alienação está anunciada para finais de Maio, conduzida pelo BPSM, com as acções, presentemente cotadas a cerca de 1.800 escudos, a serem vendidas em várias fatias. Números não oficiais apontam para a reserva de 10 por cento para os trabalhadores, no primeiro dia, 20 por cento para actuais accionistas e pequenos subscritores, no segundo dia, e o restante em operação pública de venda (OPV). O processo poderá ser anulado se, em caso improvável, não houver comprador para o número mínimo de acções, sendo então efectuado um concurso público.

Porém, é opinião generalizada que tal não será necessário e que haverá o efeito de cascata. O método é simples: se no primeiro dia sobrarem acções, serão somadas às que foram postas à disposição dos actuais accionistas, que têm direito de preferência. Se, mesmo assim, não forem vendidos todos os papéis, irão a OPV.



Stanley Ho passa à ofensiva

Vantagem para Ilídio Pinho

O industrial do norte Ilídio Pinho, o «senhor Colep» como é conhecido, poderá então ir à OPV e obter os menos de 8 por cento de que precisa para se tornar accionista maioritário e controlar a companhia de navegação, o que poderá constituir um mau negócio para o Estado, pois que poderá desmotivar outros potenciais interessados.

A melhor forma de rentabilizar os investimentos do BPSM, que recebeu as Participações do Tesouro para aumento de capital da companhia para seis milhões de contos, seria através de concurso público, isto é, a venda em bloco, processo que interessaria a Stanley Ho. Uma fonte ligada ao processo afirmou estar o Governo num dilema que poderá ter sido um dos temas analisados mais profundamente na reunião entre primeiro-ministro, ministro das Finanças e secretário de Estado das Finanças que antecedeu o Conselho de Ministros.

Duas questões estavam em jogo, ambas ligadas a Ilídio Pinho. Se, por um lado, o concurso público seria a forma mais rentável de alienação, parece ter sido tida em consideração, por outro lado, a posição do industrial nortenho, visto como uma pessoa que «acreditou no Estado». Aparentemente, a solução adoptada é a que trará menos benefícios públicos.

Um fonte contactada pelo DL afirmou que Ilídio Pinho poderia, a ser verdade que deseja controlar por completo a Transinsular, comprar os 51 por cento da parte a alienar, o que lhe daria o controlo de 93,5 por cento da empresa, com a vantagem de, sendo feita uma OPV, poder comprar as acções «a preço de saldo», como foi dito, o que não aconteceria sertivesse de participar num concurso público, já que teria de oferecer o melhor preço.

A recente proposta de Stanley Ho é disso prova e traduz, em certa medida, o despique que tem havido entre ambos e que se prende com o porto de Macau, questão em que a Transinsular esteve envolvida, tendo a actual administração desistido do projecto Maucauport depois de Ilídio Pinho ter imposto cortes orçamentais ao projecto da companhia de navegação. Hoje, a questão entre os dois empresários quase que pode ser traduzida, segundo disseram ao DL, no esquema de cada um visar e concorrer aos empreendimentos em que o outro tem maiores interesses.

Quem entra na corrida?

Para além da presença concorrencial de Stanley Ho, Ilídio Pinho poderá ter de contar com a de Georg Scheder-Bieschin, ex-accionista da Empresa de Tráfego e Estiva (ETE), quer um quer outro a poderem jogar junto dos pequenos accionistas. De fora parecem estar E. A. Moreira, que deu a conhecer não exercer direito de accionista, e a Ter-Tir, que divulgou não entrar na corrida.

Contudo, o papel de Rodrigo Leite, desta última empresa, poderá não ser pacífico, já que parece estar a manter bons contactos com Ilídio Pinho, traduzidos mesmo pela presença deste no jantar oferecido recentemente pelo «patrão» da Ter-Tir ao ministro moçambicano dos Transportes, o que se prestou a especulações, já que este era a única personalidade sem ligações imediatas e visíveis ao grupo de convidados.

A posição do BPSM não é, aparentemente, fácil. Tal como não é pacífica a afirmação do seu conselho de gestão, segundo a qual não irá conduzir o processo na expectativa de ganhar dinheiro, embora sem o querer perder, procurando uma forma que possibilite a venda da globalidade das acções.

Almeida Henriques

Processo em acelerado

O processo de privatizações entrou numa fase acelerada, como o demonstra o comunicado do Conselho de Ministros do passado dia 12, que refere ter sido decidido avançar de imediato com as alienações das partes detidas pelo Estado na Unicer, Centralcer, Banco Totta e Açores, Banco Português do Atlântico e Transinsular, esta já em Maio próximo.

O pacote de privatizações para 1990 inclui ainda a Cimpor, a Portline, a Aliança e a Tranquilidade, surgindo esta informação após a publicação da Lei das Privatizações em «Diário da República», no dia 5 de Abril. Logo de seguida o secretário de Estado das Finanças, que controlará o processo, enviou uma carta aos conselhos de gestão, de gerência e de administração das empresas públicas e sociedades anónimas de capitais maioritariamente do Estado, chamando a atenção para a necessidade de «evitarem quaisquer declarações ou informações» sobre o assunto, antes que o Governo entendesse oportuno.

A oportunidade surgiu na quinta-feira antes do feriado da Páscoa, o que levou muitos jornais a tentar «furar» fontes de informação. A questão mais quente prende-se com a Transinsular, embora as restantes sejam igualmente fonte de futuros jogos de controlo.

Quanto à Unicer, vai ser privatizada a parte do capital ainda detido pelo Estado, enquanto que na Centralcer será alienado imediatamente todo o capital. Para o BTA está apontada a privatização de mais uma parte do capital, de forma a que a maioria passe para a inciativa privada, estando prevista a alienação do BPA para três fases.

O Conselho de Ministros justifica estas medidas como tendentes a «diminuir o peso do Estado na economia» e com o objectivo de «introduzir maior racionalidade no sector empresarial do Estado», sendo «uma forte aposta na iniciativa privada». Por outro lado, acrescenta o comunicado, o processo de privatizações «assume uma importância política crucial já que, subjacente à decisão de privatizar, está a própria definição de um modelo de sociedade para o País».

A.H.